

O JOGO DA MEIA-NOITE



PAULO PERA & COLETIVO 404

O JOGO DA MEIA-NOITE

PAULO
FERA

SUMÁRIO

Capa

Créditos

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Reiniciar

O Coletivo 404

O Autor

O Jogo Da Meia-Noite

Copyright © **Paulo Pera & Coletivo 404**, 2025

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução deste livro sem a prévia autorização do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Diagramação

Editora Fantástica

Elementos Gráficos

FreePik

*Para meus amigos, que foram o primeiro capítulo e
continuam sendo a melhor parte da história.*

*Ao Coletivo 404, os coautores inesperados que deram
voz ao caos e ajudaram a escrever este livro em
tempo real.*

*E a todas as mentes inquietas que, ao meu redor,
vivem e respiram narrativas, me inspirando a
contá-las.*

Capítulo 1

RESERVA

NÃO É TODO DIA QUE ENTRO EM DISCUSSÕES pesadas com esses dois, mas é frequente.

Olho para essa tela do meu computador cheia de xingamentos e nenhum deles ainda é meu.

Daniel e Lara discutem no grupo do qual fazemos parte sobre a boa ideia de passarmos um final de semana com os cinco amigos reunidos.

Quando digo “boa ideia”, não é ironia. Ou talvez seja, só um pouco... Resumindo, não é fácil estar com os quatro juntos, apesar de, quando isso acontece, os laços de amizade que nos unem desde a adolescência, alguns até da infância, transformam qualquer dificuldade em um momento agradável.

Mas até isso acontecer, demora. E agora é o momento de dificuldade.

Lara

Qual é o problema? É só um final de semana!

Daniel

O problema é ficar DOIS DIAS E MEIO SEM INTERNET

Sem meus jogos e sem contato com o mundo exterior

Em um lugar que EU NÃO TENHO IDEIA ONDE FICA!

Eu acho engraçado quando esses dois começam a discutir. E sempre discordam. Continuo assistindo e esperando o momento em que terei que ser a mediadora do conflito.

Lara

É só esse tempo, nada mais, você nem vai perceber ele passando...

Daniel

É que não é você que vai ter que ficar se aguentando lá com seu mau-humor



E, além do mais, onde fica isso mesmo?

Lara

Não dá nem cem quilômetros daqui.

Fica uns dez quilômetros para frente daquela colônia alemã.

Daniel

No meio do nada, né?

Lara

Sim, você quer fugir do dia-a-dia para ficar em um lugar lotado de gente e barulho?

Daniel

Por mim, sim!

Lara

Dani

Isso já se chama dia-a-dia!

Nós temos que fazer uma coisa diferente, para aproveitar que vamos estar todos juntos depois de tanto tempo.

Continuo observando as frases surgindo uma após a outra no monitor enquanto, em outra janela do navegador, tento entender onde fica a localização da acomodação que a Lara nos mostrou.

Fica realmente menos de cem quilômetros da cidade onde crescemos; onde todos nós ainda moramos, mas ainda assim temos dificuldade de nos encontrar. A vida adulta nos engoliu como uma baleia-azul engole um camarão no fundo do mar. Desde que completei vinte e três anos, não encontrei mais nenhum desses amigos de que não me desgrudava desde a escola. Pensando racionalmente, valeria a pena fazer esse encontro acontecer. Já é a hora de entrar na discussão.

Dani, fica de boa!

É só um fim de semana, ninguém vai morrer sem Wi-Fi.

E aqui diz que lá tem conexão com a internet.

Daniel
LIMITADA!

Realmente a descrição do anúncio diz que o acesso à internet no local é limitado dada a distância da casa no meio da zona rural. Não sei o quanto limitada isso quer dizer, mas nos dias atuais existem tantas formas de se conectar usando uma antena via satélite. Acho difícil acreditar ter problemas com isso. Além disso, nem quero usar meu celular enquanto estiver lá.

Daniel

Sei que é idiota, ele nem está vendo a força que estou fazendo ao bater nas teclas do meu teclado, mas espero que minhas palavras o convençam.

Você leu o anúncio com calma?

Daniel
Sim, Alice!

Odeio quando mandam a mensagem ainda antes de eu terminar de digitar a minha. Não me interrompa, inferno! Não viu que já estou quase marretando meu teclado com os dedos?

Viu que a casa é hiper tecnológica e que tem todos os equipamentos que precisamos para sobreviver, senão até mais?

Vamos ver qual é a desculpa dele agora...

Daniel

Ok

Sei que logo vai vir um textão, mas não me importo. Levanto da minha cadeira, vou até a cozinha buscar um copo d'água já pensando na quantidade de saliva virtual que terei que gastar com esse desgraçado. Retorno ao computador e não vejo textão nenhum, mas sim uma bela provocação.

Lara

Você só não vai porque virou pai de família!

Isso com certeza calou os dedos do rapaz. Eu encaro o monitor esperando as mudanças entre “Daniel está digitando...” e quando ele desiste ou apaga; até que a resposta chega na conversa:

Lara

Você só não vai porque virou pai de família!

Lara comemora usando várias figurinhas de todos os amigos em seus momentos mais animados ou vexatórios possíveis. Ela tem uma pasta separada só com essas figurinhas, sem contar todas as fotos comprometedoras que ela guarda desde o começo dos anos 2010.

Uma coisa me preocupa em tudo isso. O site que Lara mandou é um que eu nunca havia ouvido falar. HotBnB. Um novo concorrente aos já

aclamados outros sites de reservas de acomodações para curtos períodos e que por isso estava oferecendo descontos de até 25% comparado a outros sites. E essa casa que Lara mandou não estava ofertada em nenhum dos outros lugares que procurei, com várias avaliações cinco estrelas em um curto período. Chega a parecer fake, sabe? Isso me deixa um pouco apreensiva.

Você encontrou esse site onde, Lara?

Lara

Apareceu um anúncio para mim

Eu já tava procurando há dias um lugar para passar um fim de semana no campo e sabe como é o algoritmo

Só fica mandando essas merdas agora

Quando vi o preço dessa, eu mandei na hora, pois já sabia que o preço dela estava muito bom.

“Muito bom” é uma boa expressão, mas não define o preço da casa em questão. A descrição dela parece a de uma casa no estilo Futurama, com todos os equipamentos de última geração, entretenimento suficiente para nos deixar trancafiados lá dentro pelos dois dias inteiros sem sentir falta do mundo exterior. Karaokês, tapete de dança, videogames, óculos de realidade virtual, sem contar nas coisas básicas que toda casa deve ter, que é uma boa geladeira e um bom espaço para festar. E espaço não falta naquele lugar.

E isso que mais me intriga: por que o preço está tão baixo assim?

Acha que é seguro?

Lara

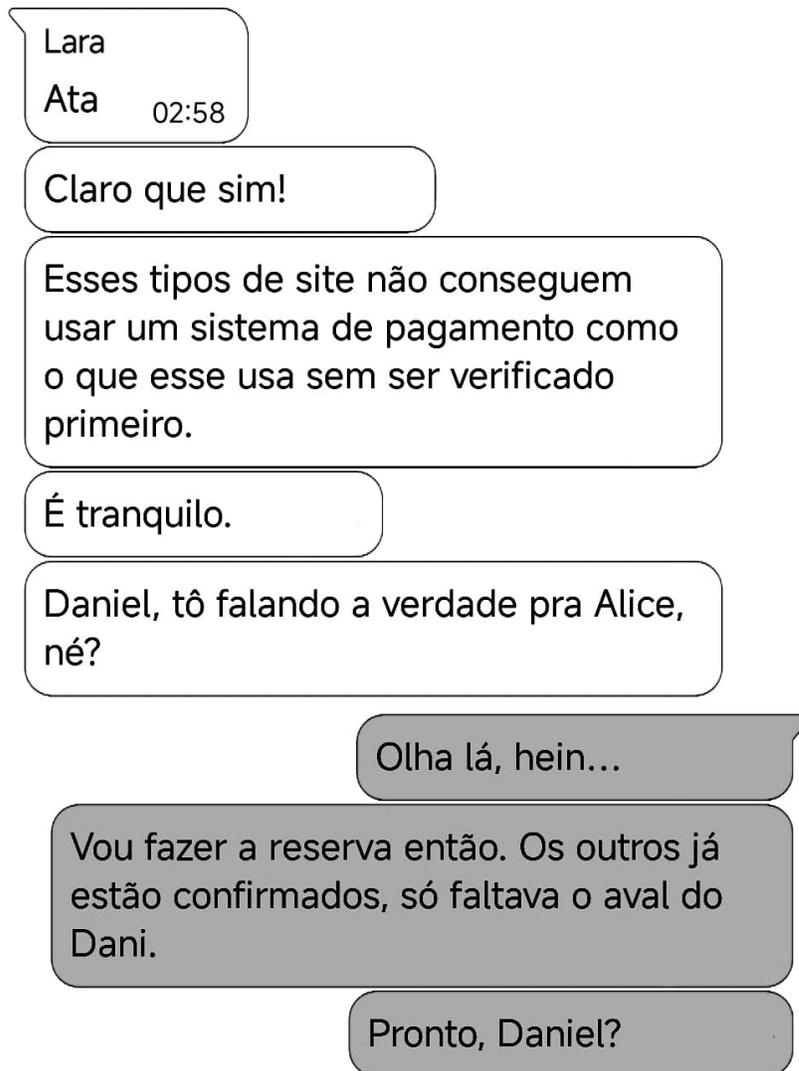
Amiga, claro que é! Você não viu que ela tem todo tipo de segurança contra arrombamentos?

E é monitorada por câmeras vinte e quatro horas?

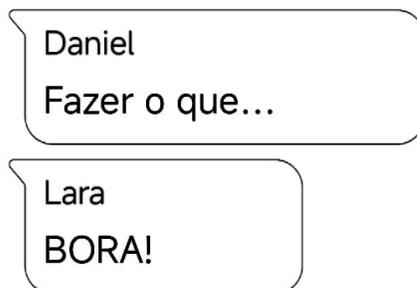
Ahhh, odeio falar por mensagem, pois as pessoas não entendem o sentido das coisas que estou perguntando.

Não, Lara, tô perguntando se você acha que esse site é seguro para fazer a reserva.

Vamos ver se ela acorda agora.



Demora um pouco, mas ele finalmente responde.



Ela manda mais algumas dezenas de figurinhas em tom de comemoração. Aquela ali sou eu vomitando no aniversário de quinze anos da Cami?

Insiro os dados do cartão de crédito, esperando que os desgraçados me paguem a parte deles depois. Sempre sou eu que tenho que resolver essas

questões burocráticas, pois se deixar na mão deles, fazem tudo errado. Ou não fazem de propósito, se for o Dani.

Coloco os dados dos cinco ocupantes da casa para este fim de semana e envio a solicitação de reserva.

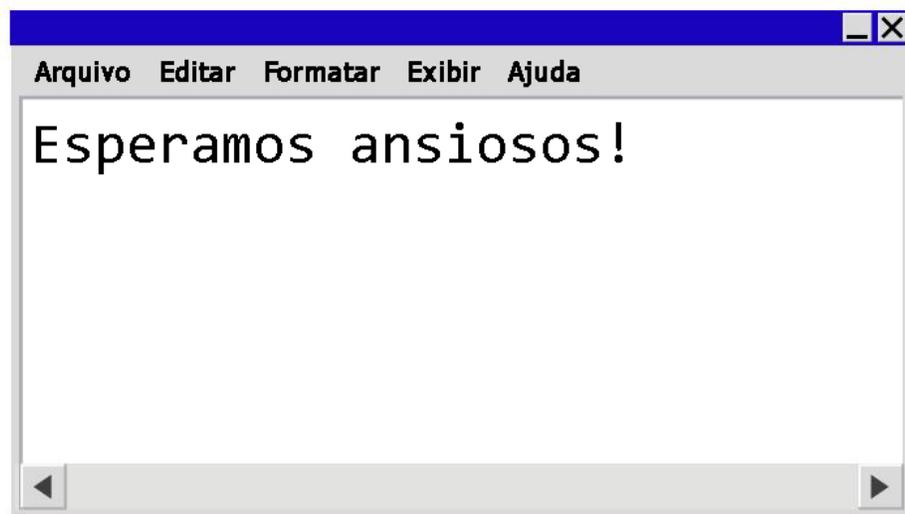
Vai ser um final de semana interessante.



Alice terminou de fazer a reserva, escreveu mais algumas bobeiças com Lara, marcou um encontro em quinze minutos com outro amigo e saiu correndo quando percebeu que já estava atrasada, deixando o computador ligado para trás.

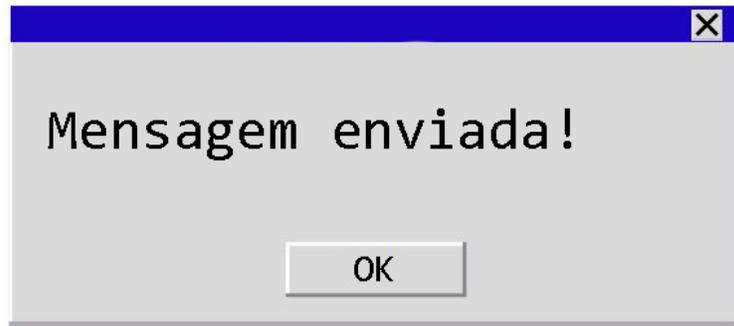
Não viu quando a notificação de e-mail saltou na tela dizendo que a reserva estava confirmada.

Também não viu quando uma nova janela se abriu sozinha. O texto foi digitado rapidamente na tela.



Aparentemente inofensiva, mas não foi Alice quem a escreveu.

Nem ninguém do grupo.



Mensagem enviada!

OK

GOSTOU DA SENSAÇÃO?

Você mal entrou na casa de "O Jogo da Meia-Noite", mas se a paranoia tecnológica e o suspense psicológico já te fisgaram, prepare-se para o próximo nível.

POSSESSÃO, o novo universo de terror de Paulo Pera, está em financiamento coletivo.

Imagine uma história que você não apenas lê, mas ouve em vinis com mensagens subliminares, vê em quadrinhos que expandem a trama, vivencia em uma peça de teatro e assiste em um curta-metragem.

A sua chance de fazer parte de uma obra que transcende as páginas está aberta.

Apoie o projeto, garanta brindes exclusivos e mergulhe em uma nova forma de sentir medo.



Escaneie o QR Code acima ou [Clique aqui](#) para saber mais!

Capítulo 2

UMA CASA ÚNICA

PARECE QUE FOI ONTEM QUE ASSISTI à última briga deles pela tela. Agora, estou aqui no meio do ringue.

Espero que role aquela cusparada um na cara do outro, como aconteceu uns seis anos atrás.

Nesse caso, eu teria que interromper, claro, como foi daquela vez. Irritada, mas rindo por dentro da situação degradante deles.

Enquanto Lara e Dani discutem sobre a necessidade ou não do uso do ar condicionado, Marquera e Cami estão alheios a isso e jogam um bumerangue que encontraram largado no quintal. O brinquedo vai e volta até a mão de Camila quando ela o lança. Já quando é a vez de Marquera, o bumerangue só avança reto e cai longe. Mas isso não é motivo para desanimar a Cami, ela insiste em ensinar o desengonçado a lançar direito.

— Não é força, Marcos. É jeito! — ela comenta.

Marquera sorri e vira o boné para trás.

— Eu acho muito estranho você me chamando de Marcos.

A discussão de Dani e Lara já tomou outros rumos dentro da grande sala da casa. Me perdi observando a Cami e o Marquera brincando no quintal e não entendi quem foi que venceu a guerra do ar condicionado. Da porta de entrada da casa, assisto à nova guerra que é sobre quem vai dormir na suíte.

— Eu vou dormir na suíte! — Preciso entrar na briga. — Eu que fiz o corre para reservar a casa!

— Ah, isso não é justo! — reclama Lara. — Eu que encontrei esse lugar, eu que convenci todo mundo a vir. — Aponta para Daniel. — Você não queria nem vir e agora quer ficar com o melhor quarto!

Daniel parece ter sido xingado.

— Mas é claro, sua ignorante! Se eu topei vir, é porque vou ter alguma recompensa por vir sem a minha vontade de te encarar por dois dias. E tem outra — Ele levanta o dedo indicador, bem tipinho de querer mostrar que

está certo. — Eu sou o único aqui que é acostumado a dormir bem, em um canto tranquilo e macio, cama grande... Não como vocês, que dormem em qualquer sarjeta à noite.

— Ahhh, falou o papai responsável! — ironiza Lara.

Eu juro que me divirto com as intrigas deles, mas já está demais. Desde que descemos do ônibus na rodoviária da vila e pegamos o carro para vir até aqui, a briga começou para ver qual dos dois iria dirigir. Só porque era um carro elétrico e nunca ninguém tinha dirigido um desses. Sorte que o Marquera também tem carteira e pôde vir dirigindo, pois de outra forma, os dois não chegariam a um acordo e teríamos que vir a pé.

— Gente, chega!

O grito sai da minha boca ao mesmo tempo que um baque repentino emerge de um dos lados da casa e faz todos olharmos para lá.

— Isso veio da janela? — Lara pergunta.

— Eu acho que sim... — respondo sem muita certeza.

Daniel se aproxima da janela com passos assertivos. Uma janela alta, que quase alcança o teto da sala e deixa muita luz entrar na casa.

— Deve ser um pássaro que bateu no vidro — diz ele. — Com muita força, pelo barulho que fez...

— Aquela marca no vidro... — Lara se aproxima com cautela — será que foi de agora?

Sim, há uma marca no vidro. Não é trincado, parece mais com sujeira. É uma marca estranha. Se realmente foi um pássaro que acertou ali, seu corpo deve ter ficado em uma situação horrível. O baque surdo que fez foi tão assustador quanto o barulho de uma cabeça batendo em uma parede e ecoando.

E por falar em barulho, era hora dele brilhar: Marquera surge pela porta da sala gritando e faz Daniel dar um salto perto da janela.

— Caramba, eu jurava que esse bagulho ia quebrar o vidro!

Atrás dele, Camila entra segurando a mão sobre a boca, tapando o sorriso enquanto pede desculpas com o olhar. Daniel olha com a mesma expressão irritada com que olhava antes para Lara, mas agora é para Marquera.

— Porra, cara! Você não cuida de nada mesmo! Sorte que esse vidro é bem reforçado, pelo jeito, senão você já tinha estilhaçado ele inteiro!

— Desculpe, man. Eu definitivamente não sou bom jogando essa coisa. A Cami que tava insistindo pra eu aprender, mas agora acho que até ela vai desistir de me ensinar.

É muito engraçado ver o comportamento desse grupo quando estamos todos juntos. Parece que voltamos a ter dez, doze anos. Daniel, o homem de família visto nas redes e eventos sociais, agora move o corpo como se fosse uma minhoca; o rosto como se a pele estivesse derretendo enquanto usa uma voz fininha para ironizar o pedido de desculpas de Marquera. Este, por sua vez, volta a falar com Cami para confirmar que não merece mais nenhuma aula daquelas, ignorando totalmente Daniel. Dessa forma, Dani fica quieto, pois normalmente a briga só continua quando alguém bate de frente com ele. E quem bate de frente sempre é a Lara.

— Ai que susto... — Vem Lara na minha direção com a mão no peito. — Eu achei que aquela hora em que você gritou com a gente tinha arrebatado alguma coisa da casa. — Ela olha com rancor para Dani. — Me desculpe, eu prometo não brigar mais com ele.

— Por quanto tempo? — eu pergunto.

— Aí você já quer saber demais. Mas vou tentar.

Os olhares de Lara e Dani se cruzam. Existe uma raiva ali, sim, mas existe mais uma coisa. O amor de uma amizade de mais de uma década. Eles sempre se trataram dessa forma, esse é o tipo de amizade que o cérebro deles reconhece assim que vê o outro. Acho que é a forma mais estranha, mas também a mais original e difícil, de demonstrar amor.

E por falar em amor, o Marcos e a Cami estão mais próximos do que nunca desde que nos encontramos na rodoviária. Eles nunca foram próximos assim, mas parece que andaram conversando muito pela internet nesses últimos tempos que não nos vimos. Parecem ser os mais conectados de todos, os que mais conhecem um sobre o outro, apesar de serem tão diferentes desde anos. Será que tá rolando alguma coisa ali?

— Daniel, deixe a Alice dormir na suíte. — diz a Lara, tentando mostrar sua força de vontade em acabar com a discussão. — Ela é a responsável pelo aluguel, qualquer problema aqui vai cair no cu dela, então deixa ela aproveitar desse risco.

Sinto meu rosto ficar vermelho. Não me acho merecedora disso, apesar de ter feito essa solicitação antes. Na verdade eu só queria resolver a briga dos dois..

— Não... — Tento argumentar, mas sou interrompida por ela.

— Nananinã, vai sim! Dorme lá, que é o teu lugar especial!

Daniel finalmente parece concordar em algo. Eu aceito para que a briga acabe de vez.

— Ninguém vai dormir hoje! — O grito de Marquera irrompe na sala enquanto ele levanta duas garrafas que tirou de sua mochila ainda jogada sobre o sofá. Uma de vodka e outra de tequila. — Ainda faltam seis horas para meia-noite, e é só meia-noite que o jogo de verdade começa!

— Yeah! — Levanto minha mão em comemoração e sou acompanhada por Lara.



As duas garrafas de bebida não foram o único álcool que entrou na casa. Dentro do automóvel alugado no jardim ainda havia um cooler cheio de cerveja, alguns drinks prontos em lata e mais uma garrafa de whisky que Daniel trouxe. Ele realmente se importava em parecer um homem importante, bem-vestido, destacando-se dos seus amigos que tomavam bebidas de arruaceiros enquanto ele podia beber seu single malt.

Ainda havia mais bebida no bar da casa, caso eles achassem necessário. Claro que depois pagariam um adicional à estadia, se as consumissem, mas naquele momento eles só queriam saber de levar o cooler cheio de cerveja para a geladeira e garantir que todas as latas continuassem geladas.

O sol começou a se pôr no horizonte, iniciando os sons noturnos característicos da região. O coaxar dos sapos, o chirriar dos grilos e o uivo dos lobos.

Alice observava em silêncio os últimos raios de sol pela varanda atrás da casa enquanto dava goles em sua cerveja. Após alguns minutos de tranquilidade, sua calma foi interrompida.

— Eu odeio sapos — disse Lara, surgindo pela porta dos fundos.

Alice sorriu.

— Eu lembro.

Lara se aproximou de Alice com preocupação.

— Achei que tivesse ido ao banheiro.

— E fui. Mas parei um pouco aqui para respirar. Tá muito agitado lá dentro.

E realmente estava. Na sala, usando equipamentos de realidade aumentada, Daniel e Marcos lutavam como se fossem dois robôs gigantes para salvar a cidade que, na verdade, eles estavam destruindo dentro do jogo. Camila vibrava a cada golpe que Marcos acertava em Daniel. Não era propriamente o dia de azar de Daniel, mas ninguém parecia estar do lado dele.

Os gritos e grunhidos que ambos emitiam a cada movimento com seus braços e pernas quase superavam o volume das batidas de metal contra metal reproduzidas fielmente nos altos falantes do telão em sua frente. Era tanto estímulo sequencial que, em dado momento, Camila precisou se segurar na parede, sentindo vertigem. Logo caminhou em direção à cozinha, onde pegou um copo de água e bebeu, virando tudo de uma vez. Estava ofegante, não era acostumada a tanto movimento de uma só vez. Deve ter pensado que os garotos dariam mais valor às relações sociais entre eles a partir do momento em que descobriram que o Wi-Fi da casa estava sem conexão à internet, mas eles acabaram encontrando aquele jogo frenético. Foi até a geladeira e pegou mais uma lata de seu mojito pronto. Abriu, respirou fundo, arrumou a postura e voltou em direção à sala.

Mas no caminho, ainda ouvindo a gritaria que vinha do cômodo à frente, se deteve em olhar com mais atenção pelo corredor que dava acesso às portas do andar onde estavam. Ainda não haviam explorado toda a parte inferior da casa, afinal eram portas fechadas e que não tinham fotos, nem descrição no anúncio do site HotBnB. Preferiram manter-se atentos aos espaços que pareciam abertos aos hóspedes. Porém, naquele momento, por um ímpeto de curiosidade e talvez por estar se sentindo isolada, aquela jovem sentiu vontade de explorar os outros cômodos.

Tocou com receio na maçaneta da porta mais próxima da sala. Não sabia o que havia lá dentro e acreditava ser uma porta trancada. Porém, a maçaneta girou sem resistência e a porta se abriu facilmente, como se a convidasse a entrar. E a jovem mística adentrou aquele espaço, fascinada.

Voltou para a sala e viu que a batalha continuava feroz. Ainda não havia vencedor. O resto de cidade que existia no jogo quando ela deixou o espaço agora se reduzia a ruínas, bem como os dois robôs lutadores, porém, vários pequenos humanos se penduravam nas costas, pernas, braços e cabeça das máquinas, restaurando seu próprio campeão com uso de martelos e máquinas de solda, para que aquela batalha durasse eternamente. Assistiu por algum tempo, mordiscando as unhas em ansiedade, até perceber que o jogo não terminaria se ela não interferisse ou se os dois amigos desmaiassem de

exaustão. Se aproximou de Marcos e precisou chamá-lo três vezes até que ele se desse conta de que era requisitado.

— Oi... — respondeu ele perdido, olhando para os lados com o capacete de realidade virtual na cabeça. — Camila?

Já estava tão mergulhado no jogo que seus pensamentos demoraram a voltar-se para a realidade. Para ele, com certeza a voz vinha de algum canal de comunicação dentro do robô gigante que controlava.

— Para um pouco com esse jogo, vocês tão suados demais. Dá um pause e tome alguma coisa.

— Não se pode pausar uma guerra!

Marcos deu mais dois socos no ar com a mão direita, enquanto olhou para baixo para ver a situação de seu corpo e conferir se estava tão suado quanto a voz da sua assistente virtual Camila havia falado. Sentia-se molhado, sim, mas quando viu o chão percebeu que havia uma poça em torno de seu corpo. Uma poça rubra, bem diferente do suor, que geralmente é incolor. Ao olhar para suas pernas, percebeu que elas eram uma das fontes daquela poça. Olhou para os braços, não os do robô gigante que controlava pela janela dentro do peito da máquina, mas os seus próprios braços, de carne e osso, e se deu conta que o cheiro de ferro que sentia não vinha da máquina que o cercava, mas do próprio sangue que escorria de milhares de ferimentos em seu corpo.

Deu dois passos repentinos para trás e desequilibrou-se, caindo no chão da cabine de comando do robô gigante. Ouviu seu nome sendo repetido algumas vezes, enquanto uma dor excruciante apertava sua cabeça a ponto de parecer que iria arrancá-la do pescoço. Não conseguia mais se arrastar para trás, não tinha saída. Estava aceitando seu destino, que era a morte, visto a quantidade de sangue que já havia perdido. Só deixou que as circunstâncias o levassem embora para sempre daquele mundo.

Acordou já fora daquele mundo, com Camila repetindo seu nome e segurando o capacete de realidade virtual nas duas mãos. Sentado no chão da sala da casa, ele olhou para os braços e pernas e viu que deles escorria suor. Por trás de Camila, o telão mostrava a máquina de Marcos caindo em meio às ruínas da cidade. A de Daniel, em pé, ainda golpeava com fúria mecânica. Pedacos de metal voavam, misturados ao sangue dos humanos que ainda tentavam manter o robô operacional para que a batalha durasse até o infinito. Mais humanos chegavam para cumprir esse sacrifício. Um pouco ao lado do

telão, Daniel fazia os movimentos com toda a força que seu corpo poderia aguentar, como se desaguasse toda a ira da vida inteira em um inimigo.

— Você tá bem? — Perguntou Camila, preocupada.

— Sim, acho que sim. — Respondeu ele, ofegante. — Acho que precisamos desligar isso.

Não acharam nenhuma tomada no entorno. Daniel, que havia ligado aquela coisa, era o cara que entendia de tecnologia. Porém, os dois não tiveram dificuldade de tirar o capacete da cabeça dele usando as quatro mãos.

Daniel estava ofegante, olhando do telão para Camila e Marcos e depois voltando o olhar para o telão.

— Eu nunca vi nada assim em toda a minha vida — desabafou.

Marcos concordou com um meneio de cabeça e ofereceu ao amigo um gole da bebida que Camila havia trazido da cozinha. Daniel pegou a lata e andou catatônico até o sofá. Sentou, deu um gole rápido no drink pronto e pela primeira vez naquele dia não falou mal daquela bebida.

— Meu Deus, onde foi que conseguiram esse equipamento?

Marcos sentou ao seu lado no sofá e esticou a mão, pedindo a lata, que lhe foi passada. Também tomou um gole enquanto o olhar perdido tentava encarar o telão em sua frente, com milhares de pessoas se digladiando com armas rudimentares enquanto os dois robôs estavam em manutenção por outras centenas delas.

A atenção dos dois foi roubada quando Camila decidiu falar.

— Gente, eu — hesitou por um instante — eu descobri uma coisa nessa casa...

Capítulo 3

O ORÁCULO

EU GOSTO MUITO DA LARA. Adoro passar momentos com ela, mas não só com ela. Eu amo a Lara, sim, eu amo. Eu amo todos os meus amigos, poxa! Mas quando estamos só nós duas, por mais que seja agradável, por mais que eu sinta esse amor, também sinto desconforto. Tenho receio de que qualquer passo, qualquer frase ou palavra mal calculada pode ser mal interpretada e aí podemos cair na mesma armadilha que caímos alguns encontros atrás. Não vou dizer que não desejo isso, lá, no fundo, desejo, sim, mas sei que isso só faria ruir de vez a ligação que esse grupo ainda tem. E talvez essa pessoa que amo teria que se afastar.

Preciso desviar a atenção do rosto corado dela, do jeito como ela ajeita o coque bem-arrumado no alto da cabeça, como se não soubesse que isso chama atenção. Tenho que inventar uma desculpa para mudar o rumo da conversa antes que eu me perca aqui. Tento me concentrar no barulho que vinha da sala, mas não consigo, parece que tudo ficou em silêncio repentinamente.

— Você percebeu que o barulho acabou lá dentro? — Finalmente consigo dizer algo.

Lara parece decepcionada por eu mudar o rumo da conversa, mas estica o pescoço em direção à porta, aumentando seu raio de atenção e se mostra curiosa.

— É verdade. — Ela abaixa a cabeça, sem graça. — Vamos ver o que tá acontecendo com eles.

Assim como acontece com crianças, quando o silêncio é muito grande com esse pessoal, algo está errado. Concordo com ela com um movimento de cabeça e a vejo entrando pela porta da casa. Está escuro lá dentro. Ali fora também. Já faz alguns bons minutos que o sol se pôs e meus olhos estão acostumados com a escuridão do início da noite, mas eu ainda não havia percebido o quanto já tinha anoitecido. Isso que é conversa boa.

Que sede. Entro pela porta pensando em passar pela cozinha e pegar mais uma cerveja. Está muito mais escuro aqui dentro, meus olhos não estavam

esperando esse breu. Ouço a voz de Lara bem à frente no corredor:

— Gente, que escuridão. Você sabe onde liga a luz disso aqui?

Passo a mão pela parede na esperança de encontrar um interruptor. Uma textura áspera e acetinada dá um toque nos meus dedos. Levo um susto até perceber que é uma espécie de papel de parede ou uma tinta especial que dá aquela impressão de toque. Me sinto dentro de uma caverna ou de um útero.

— Eu não vi interruptor em lugar nenhum. — Concluo enquanto digo para Lara. — Eu recebi umas instruções por e-mail, mas não li tudo. Lembro de ler que existe tipo uma central que conseguimos ativar as coisas da casa, tipo um tablet. Só não lembro de ler onde ele tá.

— Se eu soubesse que ia encarar essa escuridão aqui, teria levado meu celular lá pra fora. Não tá funcionando a internet, mas ele ainda serviria de lanterna pelo menos.

Lembro que a termodinâmica explica a dilatação dos materiais quando a temperatura aumenta, mas não tem nenhuma área da Física que consiga explicar a dilatação do tempo quando você sente ansiedade, ou do espaço quando você sente necessidade. Esse corredor não acaba nunca. Não lembro de ser tão grande quando vim para a parte de trás da casa.

Talvez não seja porque você veio por fora, Alice? Eu me divirto com algumas das minhas falhas de memória. É verdade, eu não passei por esse corredor ainda, antes dei a volta por fora da casa, tomando uma cerveja com tranquilidade, sem telas, músicas ou redes sociais para atrapalhar a contemplação da natureza, e levei um tempão para chegar lá atrás. Quantas cervejas eu já tomei nessa tarde?

A voz de Lara em tom de brincadeira me faz perder as contas.

— Tô vendo uma luz no fim do túnel. Estamos salvas!

Meus olhos começam a perceber uma leve iluminação ao fundo, criando a silhueta do corpo de Lara na minha frente. Me faz lembrar cheiro de tequila, boa tequila. Ou estou sentindo esse cheiro realmente?

Sua velocidade é menor que a minha e agora estamos mais próximas uma da outra. Conforme continuamos andando, percebo que não é meu olho se acostumando com a escuridão, mas uma luz difusa e real que vem do final do corredor.

Ouço sons estranhos e vozes baixas conforme me aproximo da luz. Alcanço Lara, que parece hesitante. Não dá para saber se são vozes dos nossos amigos e também não sabemos por que estão falando tão baixo. Estão

vindo dessa mesma porta onde a luz invade o corredor. Passo à frente de Lara e estico meu pescoço antes do corpo para olhar dentro do cômodo iluminado, como se, deixando exposta só a cabeça, eu não pudesse ser surpreendida pelo que estaria lá dentro.

Uma cena macabra me paralisa. Uma espécie de projeção holográfica mostra sinais estranhos por cima de uma grande mesa que parece de bilhar, mas que ao invés de ter bolas coloridas e numeradas possui uma espécie de flecha que desliza sobre outros desenhos estranhos, letras e números retroiluminados.

Em torno da mesa, estão Cami, Marquera e Dani. Os três tão concentrados nos movimentos da flecha que parecem fazer parte de um ritual macabro.

Quase faleço quando olho para trás e vejo a cabeça de Lara esticando o pescoço atrás da minha para também espiar o que acontece lá dentro. Com certeza meu olhar está tão esbugalhado quanto o dela. Que maluquice acontece nessa sala?

Camila fala num tom de voz tão baixo que não consigo captar. Disse algo como “planeta” e “salvação”. A flecha se move sozinha dentro da mesa de bilhar e uma imagem é projetada sobre ela, mostrando um sinal inexplicável, mas que me faz pensar em um emoji de polegar levantado, algo positivo.

Ainda com tom de voz baixo, mas não tão baixo quanto Camila, até porque ele não consegue falar baixo nunca, Marcos faz uma pergunta:

— Qual seu nome, ó senhor das trevas?

Um riso de deboche encerra a pergunta, mas não é o riso de deboche usual dele. Aparentemente está preocupado, mas não quer demonstrar para a Cami. A projeção mostra uma nova imagem, que parece exatamente o contrário da anterior, seja em cores, formato e sensações que transparecem. Um negativo. Cami resmungo para Marcos:

— Não é assim que faz perguntas para ele, já te disse...

Não me contenho, meu corpo se mexe involuntariamente e entra na sala. As palavras saem da minha boca numa explosão de curiosidade.

— O que tá acontecendo aqui?

Camila parece alarmada quando me vê e anda em minha direção, com os lábios se contorcendo e fechando um círculo, pedindo silêncio. Chega bem perto e fala como se estivesse contando um segredo para mim e para Lara.

— Eu achei esse oráculo na casa. Ele responde tudo. — Dá uma rápida olhada para Marcos. — Se você souber perguntar.

— Como assim? — Lara pergunta indignada.

Antes que Camila possa explicar, Daniel se intromete e fala com o tom de voz normal, sem se preocupar como fizeram os outros dois.

— Ela tá acreditando em um sistema de alternativas que podem ser interpretadas como se fossem um horóscopo diário.

Eu não esperava outra coisa vindo da Camila. Porém, ver ela brava é algo que eu não esperava.

— E como a flecha anda sozinha sobre a mesa, seu cético sabidão? — Ela diz ainda no tom baixo, mas desta vez rangendo os dentes.

— Isso é o truque mais velho de todos os tempos, eu fazia na escola. Tem um imã aí embaixo que deve movimentar a flecha para onde quiser. Quer ver?

Ele tira o celular do bolso.

— Droga, tá sem bateria. Não achei nenhuma tomada aqui. Alguém pode usar o celular aí para vermos o campo magnético embaixo dessa mesa?

— O meu tá na sala.

— O meu também.

— Na minha mochila, lá, também.

Camila me olha com um olhar implorador, como se pedisse que confiasse nela.

— Ele não acredita em nada, vem ver comigo!

Ela puxa meu braço e eu sigo na direção da mesa. A flecha está parada em cima de um símbolo que lembra um infinito, ou um buraco negro.

— Veja isso! — Camila olha para a projeção e fala em seu tom de voz baixo, mas firme. — Oráculo, pode dizer a razão da minha existência?

A flecha se move rapidamente e para sobre um símbolo que me faz lembrar uma casa, depois algo que me faz pensar em uma banheira ou piscina. Enquanto a flecha continua se movimentando, a projeção holográfica mostra sobre a mesa outra imagem que nunca vi, mas que me faz sentir a resposta à pergunta da minha amiga. Cami veio para essa existência para deixar todos ao seu entorno aconchegados, confortáveis e satisfeitos como se estivessem em casa.

— Viu — ela me cochicha. — Ele disse que eu estou no curso certo!

Um arrepio fino escala minhas costas. Não havia prova de que o oráculo dizia aquilo, mas algo no corpo entendeu antes da mente e a conclusão da Cami era quase a mesma que havia passado pela minha cabeça quando vi os sinais. Camila cursava design de interiores, o que tinha ligação com o que acabei de sentir assistindo à apresentação do oráculo.

— Ele não disse nada! — Daniel reclamou de braços cruzados. — Você só está supondo isso, porque se conhece, e nós acabamos tendo a mesma impressão porque também te conhecemos. É como um horóscopo, já falei!

Marquera dá um passo à frente.

— Pô, eu também quero saber qual é a razão da minha existência!

— Pergunte com jeitinho — Camila cochicha.

— Ó, grande horóscopo — ele começa com a voz carregada de ironia. — Qual é o objetivo da minha vida?

A flecha não se move e gera uma ansiedade no ar. Marcos vai falar algo, mas Cami o interrompe com o indicador em riste no mesmo instante que a flecha começa a se mover.

Passa por desenhos que me lembram uma barraca, um circo talvez; por uma nota musical inexistente; por uma silhueta no formato de copo de martíni; e continua se movendo enquanto outra imagem é projetada na nossa frente. Ainda é indecifrável pelos olhos, mas é sentida com o coração, ou com algum outro órgão do corpo.

— E aí — pergunta Daniel ainda de braços cruzados. — O que vocês interpretaram disso?

Camila levanta a voz pela primeira vez desde que estamos naquela sala e responde com firmeza.

— Ele disse que o propósito do Marcos é entreter os habitantes desse mundo, nos tirar de nossos pensamentos ruins, como se fosse um garçom com uma bandeja cheia de entretenimento para nos servir da melhor forma.

Meu queixo quase cai. Camila havia acabado de transformar em palavras tudo que senti enquanto assistia a flecha se mover, mas não conseguia pronunciar.

— São belas palavras — Daniel retruca, descruzando os braços e apontando para a mesa. — Mas isso só nos induziu a pensar no que já conhecemos sobre o Marquera. Sabemos que ele é o mestre do humor, que faz artes cênicas para nos encher de entretenimento... O garçom pode ser

interpretado como um beerrão mesmo, o que ele é também, e nós sabemos. É tudo questão de interpretação.

Camila tenta contra-argumentar, mas é interrompida por uma confissão de Marcos:

— Gente, eu não contei para nenhum de vocês, na verdade, só a Lara que me viu assim uma vez, mas eu pedi para ela não contar nada pra ninguém...

A curiosidade bate no topo da minha cabeça e fica quicando entre meus pés e meu crânio pelos segundos de suspense que o desgraçado faz. Aparentemente, todos estão calados esperando a continuidade.

— Eu nem cheguei a ir para a faculdade. Desisti, pois não tava dando conta. Precisava trabalhar. Tenho feito bicos de bartender e garçom em festas em alguns bares lá perto de casa. Foi numa dessas festas que Lara me viu.

Essa confissão me deixa tão impressionada, que chego a tremer. O Dani havia acabado de falar sobre bêbados, a Cami sobre garçom, eu havia sentido tudo isso, e nenhum deles, nem eu, sabíamos desse trabalho dele.

— Ah — Marcos continua. — E também faço entrega de lanches e de convites com minha moto nas horas vagas. Tô querendo sair da casa dos meus pais.

Uma discussão se forma de maneira tão intensa que não consigo reconhecer uma única palavra do que todos dizem. Meu corpo se move sozinho para sair do centro da bagunça e se aproxima da mesa e da projeção. Eu ouço minha voz dizer:

— Oráculo, qual é meu propósito nessa existência?

O silêncio invade a sala, quebrado somente pelo som da flecha se movendo sobre a mesa, um arrastar de madeira sobre madeira. Ela não passa por cima de nenhum desenho, letra ou número; do contrário, parece ser repelida por todos eles. Olho para a projeção e sinto a realidade caindo como uma luva em minha mão.

O que eu sinto é um grande ponto de interrogação.



A discussão acalorada se desfez no momento em que Alice fez sua pergunta ao Oráculo. A percepção que passou por todos os cinco corpos dentro daquele cômodo pareceu de estranheza, dúvida, confusão... e pena.

Alice abaixou a cabeça, como se já esperasse aquela resposta, e então abandonou cabisbaixa o cômodo do Oráculo. Camila e Lara a seguiram porta afora, deixando somente os dois rapazes lá dentro.

— Você sentiu isso, não sentiu? — Perguntou Marcos.

Daniel acenou afirmativamente com a cabeça, com o rosto fechado, contrariado. Olhou para o Oráculo, fez menção de que diria alguma coisa, mas ficou calado. Assustou-se quando Lara voltou repentinamente e falou com os olhos cheios de raiva.

— Você pode desligar a merda daquela tela na sala?

Daniel entendeu a urgência e raiva na voz da amiga. Sabia que Alice não havia saído bem daquela sala, mas não entendia o motivo de terem descontado esse problema nele. Só quando chegou na sala é que percebeu a situação: Camila tentava confortar Alice, que estava sentada no sofá, dizendo com uma voz monótona que se sentia bem e que ninguém precisava se preocupar.

— Só quero ficar sozinha...

Atrás de Camila estava a tela mostrando centenas de milhares de corpos humanos empilhados, ensanguentados, enlameados, com as entranhas de fora, já subindo por cima dos dois robôs gigantes que um dia iniciaram aquela guerra. E a batalha entre as tribos continuava, parecia até mais feroz do que a última vez que abandonaram o jogo. Uma cena péssima para alguém que não parece bem assistir.

Lara voltou a encarar Daniel com um pedido de urgência.

— Tudo bem, eu já dou um jeito de desligar. — Ele disse e foi para o lado da tela remexer no suporte onde antes estavam os capacetes que usaram durante o jogo.

Marcos viu que não poderia ajudar em nada naquele momento e foi para a cozinha. Tateou todas as paredes por onde passava, mas não encontrou nenhum botão, nenhum interruptor. Tateou no escuro até chegar na geladeira, abriu-a e a luz interna tomou conta da cozinha. Ele pegou uma lata de cerveja, fechou a porta e se encostou na bancada no centro da cozinha. No escuro, tomou alguns goles de forma pensativa. Olhou pela janela, já estava bem escuro lá fora e não conseguia ver nada além do puro breu. Abriu a geladeira mais uma vez, pegou duas latas e voltou para a sala.

O ambiente agora parecia outro. A sala estava completamente iluminada, a guerra havia finalmente acabado na tela, ou pelo menos apagado.

— Finalmente acharam a luz desse lugar — disse ele quando entrou. — E Deus disse “faça-se a luz “ e a luz se fez!

— Não foi Deus, fui eu — disse Daniel enquanto fuçava algumas funções no tablet que segurava na mão. — Achei os comandos de ligar e desligar luzes, um mapa e os nomes dos cômodos da casa, caso seja necessário pedir por comando de voz.

— Podíamos ter só falado e as luzes se acenderiam? — Perguntou Lara.

— Aparentemente, sim, a casa parece ser toda conectada a uma central e tem algumas centenas de dispositivos de automação, pelo que vejo aqui.

Marcos levantou a cabeça e falou com a voz mais alta que conseguiu sem gritar:

— Ei, casa, faça-se a luz na cozinha!

Uma voz masculina ressoou por toda a sala:

— Será um prazer!

A luz se fez. Marcos viu pelo corredor que uma luz se acendeu e ficou excitado repentinamente.

— Ó lá! Caramba, acendeu mesmo! É só falar! Desligue a luz dessa sala.

— Sem problemas — a voz ressoou de novo e a luz se apagou.

— Marcos! — gritou Lara assim que tudo escureceu.

— Desculpe. Que haja luz aqui de novo!

— Ok!

A luz reacendeu, mostrando Camila e Lara de olhos saltados, Marcos com sua ligeira expressão de felicidade e Dani curioso fuçando nas funções do tablet.

— Que sistema intuitivo, ele não precisou esperar que você dissesse que queria acender a luz na sala, somente levou em conta o lugar onde você estava e entendeu como “aqui”.

Alice seguia em silêncio.

Os outros tentavam retomar o clima, mas a casa não esquecia.

Um padrão havia sido registrado.

Incompleto. Inclassificável.

E, portanto, perigoso.

Capítulo 4

NINGUÉM É DE NINGUÉM

SÃO EM MOMENTOS ASSIM QUE A GENTE descobre quem são nossos verdadeiros amigos.

Agora estou relativamente melhor, mas já pedi desculpas por ter preocupado tanto eles. Minha cara está péssima, imagina como estava antes...

Encaro meu próprio rosto no espelho do banheiro. Tenho vontade de vomitar, o coração acelera, a respiração fica ofegante...

Se controla, Alice!

Respiro fundo, engulo o ar, seguro a respiração por alguns segundos, solto devagar. Não adianta, vou precisar tomar o remédio. Não achei que ia precisar hoje, mas aquela merda realmente me tirou dos trilhos.

Para de pensar nisso, Alice. Só toma logo esse remédio.

Tiro-o do bolso, destaco um dos quatro comprimidos da cartela. Já falta um, nem lembro quando foi que precisei tomar pela última vez. Coloco o comprimido na boca, abro a torneira e engulo com aquela água mesmo. Pior do que eu já estou, não tem como ficar.

Olho no espelho e minha expressão já parece melhor. Consigo respirar com mais tranquilidade, pelo menos. Não é o efeito do remédio ainda, é só a sensação de segurança por engoli-lo e saber que tudo ficará bem. Apesar de meu meio sorriso de vitória no espelho, tenho uma súbita vontade de bater nele, quebrar esses dentes que parecem querer me deixar segura enquanto riem de pena. Por que eu sou assim? Lavo meu rosto, mostro o dedo do meio para o meu reflexo, fecho a torneira e saio do banheiro.

O som da porta fechando ecoa de forma estranha pelo corredor, como se fosse mais pesada do que realmente é. O clique da maçaneta se encaixando no batente lembra o som de um cofre de banco. Não que eu tenha ouvido um cofre de banco antes na vida, mas é o mesmo som usado nos filmes. Aquele som exagerado para marcar bem. Duvido que algum cofre de banco de verdade faça esse barulho.

Caminho na direção contrária à sala onde todos estão. Não sou uma boa companhia nesse momento. O som da porta ainda rebate nas paredes do corredor e isso faz minha pele arder em arrepio. O clique parece se repetir uma, duas vezes... Parece que não para, parece que existe uma engrenagem movimentando tudo em torno de mim. Talvez seja porque estou sozinha no escuro.

Eu pedi para ficar sozinha um tempo e eles me entenderam, apesar da preocupação de cada um em me confortar e tentar me ver melhor. Camila é uma mãe, sempre preocupada, quer fazer chás, massagens, entoar mantras, usar técnicas de respiração, reiki... Às vezes ajuda, às vezes piora; mas entendo a preocupação e a intenção dela. Sei que ela sempre usa as mesmas técnicas, então, se é randômica sua efetividade comigo, sou eu que por vezes estou desajustada.

Lara é com quem eu mais me sinto à vontade, quem eu mais gostaria de abraçar, quem me daria estabilidade para eu poder chorar no colo, como já fizemos outras vezes. Mas não quero misturar as coisas e por isso me distancio. Ela entende o recado, como amiga que é.

Daniel fica na dele. Eu sei que, no fundo, ele está preocupado também, mas finge que as outras pessoas estão no controle de tudo e ele não se importa. Claro que não faria diferença positiva nenhuma ter mais uma pessoa em cima de mim quando eu só quero ficar sozinha, então agradeço muito a essa sensibilidade dele.

No final das contas, quem mais me ajudou antes de eu conseguir ficar sozinha foi o Marquera. Inesperado... Quando ele chegou para conversar comigo, eu já estava pensando em desistir de viver antes de ouvir qualquer piadinha que ele faria. Mas, do contrário, ele soube muito bem como criar a conexão entre nós dois. Nossas famílias são bem parecidas, minha mãe e o pai dele até têm um parentesco de terceiro, quarto grau, alguma coisa assim, mas são parecidas nas pressões e cobranças. Eu não aguentei muito tempo essa pressão deles e saí de casa na primeira oportunidade que tive, sem saber com o que trabalhar, o que cursar. Só tinha certeza de uma coisa: eu não queria ser advogada como eles.

O Marcos, por sua vez, fez o caminho contrário. Ligou o foda-se para o que seus pais pensavam, mas continuou morando na casa deles até o momento em que fosse expulso, o que nunca aconteceu. Ah, e ele sabia o curso que queria fazer. Foi uma batalha até convencer a família de que deveria pelo menos tentar, mas pelo jeito a luta que ele achou que havia ganhado estava fadada ao fracasso. Eles nunca aceitariam um filho artista.

Me senti representada quando ele contou para todos na sala do Oráculo sobre os trabalhos que estava fazendo. Sei que é difícil admitir certas coisas para os amigos que estão numa situação estável e aparentemente bem melhor do que a nossa. Daniel formado, com emprego estável, ganha bem, formou família, independente dos pais, tudo isso aos vinte e três anos. Cami quase se formando no curso que tanto ama e sempre quis fazer, parece mais feliz do que nunca com a proximidade de trabalhar profissionalmente na área. Lara também se formou no que queria. Estágio em um grande portal aos dezoito, prêmio na faculdade de jornalismo aos vinte e um, e atualmente o grande destaque do jornalismo investigativo na empresa. Um orgulho para os pais. Foi corajosa a atitude de Marcos assumir na frente deles que trabalha em funções que eles mesmos fazem piada e, mesmo que de brincadeira de muito mal gosto, associam a fracasso.

Mas quando o Oráculo deu um motivo para Marquera estar naquele trabalho e eu entendi que era realmente a alma do meu amigo, eu acreditei que poderia finalmente descobrir o que minha alma busca nessa vida. Direito não é, está claro desde que eu era criança. Não sou propriedade dos meus pais, muito menos um sonho que eles desejam realizar. Nenhuma das quatro faculdades que comecei também, e olha que cada ano era uma esperança de que tinha me encontrado na vida. Talvez, como Marquera, fosse trabalhar em um emprego comum, sem necessidade de graduação, como o que já faço, ser livreira só pela paixão de ler mesmo. Mas não é bem assim, eu não suporto os clientes que aparecem para comprar livros de autoajuda motivacionais ou aqueles que querem discutir a história de um livro com um viés reacionário.

Foi quando acreditei que o Oráculo pudesse me dar essa luz, dizer que estou no caminho certo, como fez com Cami e Marquera, ou então me apontar a direção a seguir, mas nem ele conseguiu.

Marquera tentou me confortar enquanto conversávamos:

— Pode ser que aquilo lá dentro nem seja verdade e o Dani esteja certo.

— Marcos, como ele saberia tudo isso sobre nós? Eu só coloquei o nome dos hóspedes, não coloquei profissão, curso, nada... Como pode ele ter acertado daquela forma? Não sei do que ele é feito, não quero acreditar que seja algo sobrenatural, mas como ele sabia que eu era tão perdida na vida?

O abraço que Marquera me deu naquela hora foi o mais sincero que já senti vindo de um amigo. Não precisou dizer nada, mas eu sabia que ele estava comigo.

Relembro de tudo isso enquanto sento na cadeira do bar da casa. Não aguento mais cerveja, quase vomitei a última latinha que o Marquera me entregou quando veio conversar. Preciso de algo mais forte, um rum, talvez...



Após ingerir o comprimido de calmante e se encaminhar ao bar da casa, Alice serviu-se de um grande gole de rum puro que tomou em um copo baixo e grosso de whisky, fez uma careta e bateu com o vidro sobre o balcão.

Pela primeira vez, Daniel se aproximou da amiga, puxou a garrafa e sorveu uma boa quantidade em outro copo de whisky. Bebeu em um gole só.

— Dia difícil, hã?

Ele encheu seu copo mais uma vez e mostrou a garrafa para Alice. Com um menear de cabeça, ela aceitou, e Daniel completou sua dose como se estivesse no balcão de um verdadeiro pub. Deu mais um gole, sem esvaziar o copo dessa vez, e largou-o novamente no balcão.

— Eu gostei da casa. É realmente perfeita para se passar um fim de semana. Obrigado por me convencer a vir e fazer todos os correios burocráticos que você fez. Eu tava precisando disso, desligar um pouco da rotina.

Alice sorriu, abrindo brecha para que Daniel se aproximasse e a abraçasse. Era o último amigo que vinha confortá-la depois dos acontecimentos na sala do Oráculo. Os dois pareciam sem jeito quando estavam próximos, desconfortáveis, mas mantiveram-se abraçados até que Marcos e Camila surgiram no bar. Marcos carregava o tablet na mão.

— Hein, Dani. Como é mesmo que eu altero os comandos de ativação das lâmpadas da casa?

— O que você quer fazer?

— Só acrescentar frases para controlar as lâmpadas de uma forma mais fácil e intuitiva de acordo com nossos conhecimentos.

Camila sorriu por cima do ombro de Marcos:

— Nossa, não sabia que precisava mudar o vocabulário para conversar com um engenheiro da computação.

Daniel encheu o peito de orgulho e olhou o tablet na mão de Marcos.

— Deixa eu ver aqui. — Deu três toques na tela e retirou o tablet da mão do amigo com rispidez. — Porra, cara, você desconfigurou tudo! É pior que meu filho, que tem só um ano!

Tocou mais algumas vezes no tablet com movimentos rápidos e fortes, indicando o mau-humor aos amigos. Parou por alguns segundos, arqueou as sobrancelhas, ajustou os óculos, deu mais dois toques na tela do equipamento e mexeu mais uma vez em seus óculos.

— Tem dois alertas aqui... Um de consumo de benz — engasgou — benzo — gaguejou mais uma vez antes de forçar a dicção para falar uma palavra difícil com raiva do próprio fracasso de falhar no meio do caminho. — Um consumo de benzodiazepínicos misturados com álcool por um hóspede; e uma cobrança pelo consumo de 160ml de rum do bar, pagar agora ou pagar depois?

Marcos pegou o copo em frente a Daniel e cheirou o conteúdo.

— Porra, a gente trouxe um monte de coisa e vocês vêm consumir a bebida da casa? E não é nem meia-noite ainda...

Camila deu a volta no balcão do bar, olhando entre as garrafas com curiosidade.

— Como ele sabe a quantidade que vocês beberam?

Daniel deu de ombros enquanto continuava configurando o tablet.

— Deve ter algum sensor na garrafa. Essa casa tem equipamentos que eu nunca tinha imaginado a existência. Achei incrível existir um lugar desses e não estar divulgado em nenhum canto. E ainda está sendo alugado para hospedagem. Eu tava até falando pra Alice que foi muito bom eu ter vindo pra cá. É uma experiência muito boa!

— Pois é — Camila continuou. — Eu pensei que pudessem estar controlando por câmeras, mas não vejo nenhuma por aqui. Além do mais, eles não iam conseguir medir exatamente a quantidade que foi bebida da garrafa, né?

Daniel sorriu com sinceridade.

— Olha, hoje em dia existem câmeras com resolução e zoom que podem analisar praticamente qualquer coisa, não importa distância ou tamanho. Eu não duvido que essa casa tenha essa tecnologia. E não é necessário você ver uma câmera para ela estar te filmando.

— Pois é. — Marcos se intrometeu na nova conversa. — Nunca viu aquelas reportagens que mostram os quartos e casas alugadas com câmeras

escondidas atrás de móveis, atrás de espelhos, em tomadas...

— Credo — retrucou Camila. — Ainda bem que nessa casa não tem tomadas...

Daniel sorriu mais uma vez da inocência da amiga.

— Olha, hoje em dia você não tem mais privacidade ou controle da própria imagem. Você nem sabe, mas está sendo gravado, rastreado, vinte e quatro horas por dia. Mesmo que você não use anel, óculos, relógio inteligente ou mesmo que não use celular, qualquer caminho que você pegar na rua, seja a pé ou de carro, você vai ser rastreado, filmado e nem vai ficar sabendo. Tem câmeras em todo lugar, tem câmeras em satélites no céu!

Enquanto dizia isso, mostrava para Marcos o caminho que deveria fazer para alcançar o menu de personalização que buscava no tablet. Marcos se dividia entre prestar atenção no equipamento e na conversa. Quando pegou o tablet na mão, falou:

— Isso é exagero de segurança. Eu só me pergunto: segurança pra quem?

Marcos se encaminhou para a porta da cozinha e Camila o seguiu sem responder a pergunta retórica do amigo, mas ainda no assunto.

— Ainda bem que eu nem uso muito o celular.

— E os satélites, você não ouviu? — retrucou Marcos, caçoando da amiga.

Os dois passaram pela porta tão empolgados com o tablet que nem perceberam Lara ao lado do batente, observando o que se passava no bar. Ela continuou assistindo Daniel e Alice no balcão.

Alice não disse mais uma palavra desde que começaram a falar sobre as câmeras. Apenas encarou o horizonte e mordeu o lábio inferior algumas vezes.

Daniel deu um novo gole em seu copo e colocou mais um pouco de bebida nele, sem se importar com o rombo da conta no bar. Quando foi colocar mais rum no copo de Alice, parou com a garrafa no meio do caminho.

— Não tá bebendo mais? Pode deixar que eu pago. — Ele sorriu.

Alice levantou repentinamente e saiu em direção ao banheiro.

Ela também não viu a amiga ao lado da porta.



Isso é uma sacanagem enorme!

Só tem uma alternativa para saber que eu tomei o remédio. Eles têm uma câmera escondida no banheiro!

Nem me importo por todas as outras que devem ter, já tinha na descrição do anúncio que havia vigilância por vídeo vinte e quatro horas, mas em lugares privativos já é demais!

Isso não é segurança, é um controle desproporcional! É voyeurismo!

Acendo a luz do banheiro e dou uma rápida olhada em todos os cantos. Não encontro nada à vista. Lembro das reportagens que o Marcos mencionou e de algumas técnicas para caçar câmeras escondidas em casas e apartamentos alugados. O espelho é embutido na parede, o que já é um sinal de que há algo atrás dele. Apago a luz e ligo a câmera do celular. Se houver uma câmera escondida, eu poderei ver um ponto, uma luz acesa ou piscando, algo assim.

O que vejo são vários pontinhos, não pela câmera do meu celular, mas por meus próprios olhos. Pontinhos brilhantes, esvareçados, esbranquiçados, pequenas estrelas, pequenos olhos de gatos. Eu desconfiava que tinha alguma câmera atrás do espelho, mas tem pontinhos por todo o banheiro. Eu estou cercada, observada por todos os lados!

Pulo com a mão para o interruptor e meu sangue gela ao ver o rosto de Lara na porta do banheiro.

— Meu Deus, menina, que susto! O que você tá fazendo aqui?

— Você que tomou Alprazolam, não foi? — Ela pergunta.

Não digo nada. Ela deve ter escutado a conversa e ligado os pontos: minhas queixas sobre tomar o remédio, minhas recomendações para ela... Ela só fez uma pergunta retórica.

— Poxa — ela diz com decepção na voz. — Achei que íamos curtir a noite inteira. Quando achei que você tava ficando melhor, você toma um remédio pra apagar. E ainda mistura com álcool. Isso é perigoso, você sabe, né?

Concordo com um menear de cabeça. Não sei bem o que fazer. Não quero mais dormir, quero sair desse lugar, mas não quero criar a histeria em

todos. Abaixo a cabeça e passo envergonhada pela porta e por Lara. Já sei o que fazer.

Chego na sala e falo:

— Tem câmeras em todo lugar. No banheiro todo. Eu não fico mais nesse lugar!

Se eu não queria criar histeria, talvez foi um anjo que falou por mim. Era necessário todos saberem o que está se passando.

Camila levanta alarmada do sofá e vem em minha direção.

— Amiga, você tá bem? Seu lábio tá sangrando!

Eu nem tinha percebido. Na mania de ficar mordendo o lábio, acabei machucando quando apertei meus dentes com força demais.

— Aonde você vai? — pergunta Daniel do outro lado da sala.

— Vou pegar o carro e voltar pra casa!

— Você tá louca? Você não tem nem carteira, nunca te vi dirigir!

— Então você dirige!

Um estrondo metálico vem da direção da porta de entrada. Um novo estrondo ecoa da saída dos fundos. Corro até a porta da frente, tento destrancar, mas a lingueta gira em falso. Forço a porta, só agora percebi que é feita de ferro. Ela não chacoalha um único milímetro.

Daniel se aproxima de mim e analisa a porta.

— Pelo barulho que fez, acabou de atravessar uma barra de aço aí dentro. Acho que é uma estrutura anti-arrombamento, mas também nos trancou aqui na casa.

A voz masculina ecoa pela casa inteira novamente.

— Saídas trancadas. Risco de acidente automobilístico detectado. Todos os motoristas ingeriram drogas. Indício de que um motorista desabilitado dirija em vias públicas. Perigo máximo!

— Que porra... — murmura Daniel, tentando manter a calma, mas nitidamente abalado.

— Eu não acredito — gemo entredentes. Mordo meu lábio e sinto o gosto de sangue. Sangue fervendo que vem dentro de mim por estar passando por isso, por estar fazendo isso comigo, com os outros, por ter colocado todos nessa. Levanto minha voz e grito para o teto da casa. — Por que você não vai tomar no cu, casa do caralho?

E desabo no sofá.



Depois do xingamento de Alice ser ouvido em quase todos os cômodos da casa, ela desmoronou no sofá. Seus amigos a cercaram, preocupados. Lara correu até a cozinha buscar um copo d'água e Camila fez vento no rosto da amiga com a mão enquanto cantava baixinho. Marcos olhou para o machucado no lábio de Alice e fez menção de usar a barra da própria camiseta para enxugar o sangue que escorria, mas Camila o impediu. Um pingo de sangue caiu no sofá enquanto ajeitavam o corpo exausto e mole de Alice, colocando-a sentada. Isso vai custar caro. Lara chegou com a água.

Alice tomou um gole e devolveu o copo com expressão de nojo. Correu ao banheiro, abriu a tampa da privada e vomitou. Mistura de bebida alcoólica e bile. Tinha sangue também, e isso pareceu assustá-la, mas provavelmente em seguida ela lembrou do sangramento no lábio e deixou seu corpo amolecer e se acomodar ao lado da privada. Lara e Camila assistiram à cena da porta do banheiro.

Poucos minutos depois, as três voltaram para a sala.

— Agora que vomitou, vai voltar com tudo! — Caçou Marcos.

Alice olhou para o amigo e mostrou o dedo do meio. Sentou-se no sofá com ajuda das amigas e manteve-se lá por algum tempo, imóvel como um boneco de pano.

Enquanto a palidez desaparecia do corpo de Alice e seu tom de pele natural retornava, os quatro cochichavam sobre as câmeras escondidas na casa e o exagero que aquilo era. Até Daniel, fã do mercado de tecnologia e segurança, concordava em criticar o exagero, mesmo sem nunca ter morado em um lugar remoto como onde estavam.

O clima estava tenso, mas começou a se reanimar quando Alice demonstrou estar melhor e já conversar e sorrir no sofá.

Marcos ficou algum tempo sentado no sofá ao lado de Alice, fuçando no tablet antes de levantar e falar em um tom de discurso que deixou todos calados.

— Bom, ainda falta algum tempo até meia-noite, que era o horário definido para os jogos começarem, mas como a energia abaixou cedo demais e não podemos deixar essa peteca cair, eu declaro o início imediato dos jogos!

— Uhul! — Gritou Camila.

Lara bateu palmas e olhou para Alice largada no sofá. A amiga sorriu em concordância.

Daniel cruzou os braços, mas também sorriu. O clima parecia ter voltado a ficar bom entre os amigos.

— E para começar — continuou Marcos com seu tom de voz de discurso. — Eu acho que não há momento melhor que esse...

Os quatro fixaram o olhar em Marcos, esperando ansiosos pela continuação. Ele, por sua vez, respondeu com um sorriso de canto de boca, um tanto sádico demais para que até os amigos desconfiassem.

— O que você tá aprontando, Marquera? — Lara perguntou.

A casa não era de madeira, mas naquele momento de silêncio ela pareceu ranger e o vento lá fora assoviou alto enquanto passava pelas arestas da construção, mesmo com todas as portas e janelas fechadas.

Daniel descruzou os braços.

— Ah, não! — disse em tom decepcionado.

Marcos levantou os dois braços para o alto e gritou.

— Ninguém é de ninguém!

Um clique seco e um estalo metálico precederam o que estava por vir.

Todas as luzes da casa se apagaram.

Capítulo 5

O JOGO DA MEIA NOITE

OUÇO CAMILA GRITAR.

Roupas se agitam, passos correm pelo chão, um objeto cai no piso.

Isso tudo, aliado ao repentino sumiço da luz, faz meu coração acelerar mesmo após ter tomado um remédio que, em tese, seguraria essa emoção. Mas não é toda vez que funciona.

Principalmente quando misturo ele com outras coisas.

De início, parece que algo terrível aconteceu, mas a lembrança das palavras do Marquera badala na minha mente:

“Ninguém é de ninguém”.

É a frase que ativa uma velha brincadeira que ele não fazia há muitos anos. Consistia em apagar repentinamente todas as luzes e aproveitar os segundos de escuridão para tirar a roupa e não ser de ninguém. Ou para ser de todo mundo.

Pelo menos essa era a proposta. Acho que os garotos criaram esse jogo para se aproveitar de nós, bem a carinha deles. Acabou virando uma brincadeira comum que não levava a muitas consequências, pois não demorava mais do que cinco segundos para que alguém sempre acendesse a luz e o momento acabasse tão rápido quanto começou. Acho que uma das maiores consequências que esse jogo trouxe foi a primeira vez que o Marquera beijou a boca de outro homem. Foi tão marcante que o Kléber nunca mais saiu com a gente depois daquilo. Para o Marquera foi só mais um momento de diversão na sua vida.

Seria legal participar desse jogo de novo. É bem bobo, mas tem sua diversão. Lembro que eu e as meninas sempre fingíamos que pelo menos tentávamos tirar a blusa. Às vezes, uma chegava a ficar de sutiã. Era engraçada a cena que se montava assim que a luz acendia.

O coração volta ao ritmo normal e percebo que ainda me sinto meio grogue pelo remédio absorvido. Mesmo com essa lentidão, me esforço para

passar um braço por dentro da manga da minha camiseta. Continuo a ouvir os barulhos de movimentação histérica no entorno e acho que está levando tempo demais para as luzes voltarem a se acender. Afinal, como elas vão acender? Devem ter se apagado com a frase personalizada que o Marquera queria colocar no sistema de iluminação da casa, mas talvez só ele saiba qual é a frase que as reacende.

Algo surge na minha frente. Cerca de seis ou sete passos de mim, perto de onde ficava o telão na parede. Uma cabeça? Sim, uma cabeça, fracamente iluminada por uma luz pálida. Flutua no ar como um fogo-fátuo e faz minha espinha arder de tanto frio. Meu braço congela na posição em que está, meio para dentro da manga da camiseta, meio para fora. Sinto os músculos das pernas enrijecerem, querendo apoiar os pés no chão e saírem correndo para trás do sofá antes que eu sequer tente raciocinar o que aquilo pode ser. Os pés tocam inteiros o chão, eu sinto, e vejo a cabeça fazendo uma careta de irritação. Parece que já vi aquilo antes, mas onde?

A luz volta a se acender. A cabeça flutuante dá lugar a Daniel segurando o tablet, que no escuro refletia a luz da tela em seu rosto. Minhas pernas amolecem e sinto que minha bexiga estava pronta para fazer o mesmo se eu não retomasse o controle do meu corpo a tempo.

Ao lado de Daniel, Marquera tapa suas vergonhas e recolhe as roupas do chão, já se enfiando dentro da cueca e da calça. Mais ao meu lado, vejo Camila erguendo suas calças leves e largas e Lara terminando de vestir a camiseta. Todos estão vendo a situação do outro e rindo. Empurro meu cotovelo para fora da camiseta e já volto a ficar completamente vestida. Fico envergonhada por saber que, se não fosse por Daniel, que não tirou nem os óculos, eu seria a mais conservadora do grupo hoje.

Devo admitir que foi uma boa quebra de tensão mesmo. Apesar do mau-humor de Dani, todos estão sorrindo e fazendo piadas com o quão rápido Marquera consegue se despir.

É o ponto alto da noite. Acho que já posso tomar outra cerveja.



Após agirem como adolescentes, Marcos, Alice, Lara e Camila se mostram mais à vontade pela casa. Daniel ficou mais retraído desde então, aparentemente não gostou da nova brincadeira agora que estava casado, ou então nunca gostou. Tenho que dizer que foi mesmo inesperado. Alice

voltou a tomar cervejas como se todos aceitassem que os remédios foram expelidos com o vômito. Camila e Marcos iniciaram uma conversa mais provocativa na frente de todos e Lara mexia no tablet de controle, com Daniel lhe dando pitacos sobre o que devia fazer, onde selecionar ou que menu escolher.

— Tá bom, Dani, eu já entendi — ela disse com pouca paciência.

— Depois não vá chorar dizendo que não sabe como desconfigurou, como fez o Marquera.

— Eu não sou burra, tá?

Com o clima melhor entre os cinco, não perceberam o tempo passar. Tanto que quando Marcos olhou de relance para o relógio em seu pulso, se levantou do sofá com um pulo.

— Caraca, já é quase meia-noite! — Olhou com mais atenção aos ponteiros. — Faltam dois minutos. Agora que os jogos vão realmente começar!

Esfregou as mãos uma na outra e foi para o canto onde estava sua mochila. Tirou dela a garrafa de tequila e levantou como se a estivesse consagrando.

— Este é o líquido sagrado, que separa as crianças dos adultos!

Alice e Camila deram um leve sorriso cansado. Lara e Daniel somente concordaram com uma expressão de decepção, provavelmente imaginando que não teriam muita saída a não ser participar da proposta feita pelo amigo.

Largou a garrafa de tequila em cima do sofá e levantou o indicador, pedindo um momento. Retornou até a mochila ainda jogada no canto da sala e abaixou-se sobre ela. Começou a mexer em seu interior, buscando algo que deveria estar bem profundo e fez graça fingindo colocar a cabeça dentro do maior bolso dela.

Foi quando as luzes tornaram a se apagar.

— Ah, eu não acredito! — Ouviu-se a voz de Lara.

Em tom de brincadeira, Alice continuou a reclamar indignada:

— Pô, Marcos, tá de zoeira que esse é o tipo de jogo para adultos que você propôs, mesmo? Não tem mais nada aí na mochila, não?

O som da voz de Alice foi seguido pelo barulho de uma garrafa de vidro se espatifando no chão.

— Ah, eu não acredito! — Desta vez foi a voz de Daniel que trazia indignação.

— Marcos, você tá bem? — A voz de Camila se mostrou preocupada.

Os dois segundos de silêncio que seguiram foram o suficiente para mudar o tom da voz de todos para o mesmo que Camila havia usado em sua última pergunta.

— Lara — disse Alice com urgência. — acende essa luz logo! Você que tá com o tablet, né?

— Eu tô tentando ligar ele, mas parece que também apagou.

— Daniel, sabe o que aconteceu?

— Peguei aqui, tô com ele na minha mão — disse a voz grave de Daniel, se tornando mais aguda a cada palavra que passava por suas cordas vocais. — Não funciona se toco na tela, se aperto no botão, nada.

— Marcos? — A voz de Camila volta a insistir.

— Chega de brincar, Marquera. — A voz de Alice pediu com um tom que tentava passar mais confiança, mas falhava. — Não ache que vamos brigar com você só porque quebrou a garrafa. Já era esperado que você ia fazer isso.

Mais dois segundos são necessários para aumentar ainda mais o tom das vozes no meio do breu.

— O que tá acontecendo? — perguntou a voz de Lara.

— Chega de brincar, Marquera. — o timbre de Daniel ressoou, tornando-se forçadamente grossa para tentar impor algum respeito.

A voz de Camila surgiu um segundo depois como um grito agudo.

— Alguém pode acender a porra da luz?

As luzes voltaram a se acender.

Os quatro trocaram olhares assustados ao se verem. Uma nova voz masculina surge:

— O tom elevado foi anotado. Agradecemos se manterem o tom adequado durante as próximas interações.

Camila segurou a respiração e olhou para cima, como se fosse a direção de onde a voz viera e, com um resmungo baixo, pediu desculpas.

As quatro cabeças se viraram para o lugar onde antes, ao lado do sofá, estava Marcos. A garrafa estilhaçada no chão e o cheiro de álcool da vodka já

tomaram conta da sala. No lugar de Marcos, havia apenas o relógio dele com a pulseira arrebitada sobre o piso e os cacos de garrafa de vidro.

Marcava exatamente meia-noite.



— Isso não é hora de brincadeira, Marquera!

Ouçõ minha voz dizer isso com um tom mais assustado do que eu quero passar. Se ele souber que estamos assustados, vai continuar com essa brincadeira até sabe-se lá que hora.

Eu vejo que Daniel está perdendo a paciência. Ele já deveria estar dormindo há algum tempo, se estivesse em sua casa. Ou estaria jogando seu game favorito do mês, ou então reforçando alguma programação em um código qualquer do trabalho. Ele se levanta soltando um longo suspiro, olha para os lados, encara por alguns segundos a porta da frente trancada, olha para uma das janelas, pega o copo com whisky há tempos esquecido em cima da mesinha de centro e vai observar o campo escuro que há fora da casa. Antes de chegar na frente do vidro, me encara com um olhar convidativo para que me aproxime.

Eu me levanto preocupada. Parecia sério demais até para Daniel. Paro ao seu lado, na janela, observando o breu que há lá fora. No reflexo, eu vejo nós dois. Ao fundo, vejo Camila se divertindo enquanto procura Marcos atrás do sofá e Lara segurando o tablet e reclamando das personalizações que Marcos fez nele.

— Eu acho que as coisas passaram do limite aceitável — Dani fala com um som pouco mais alto que um cochicho e dá um gole no copo com whisky aguada. Faz uma careta. — Não quero preocupar ninguém, mas acho que, mesmo que seja uma brincadeira do Marquera, nós estamos trancados dentro de uma casa desconhecida e sem contato com o mundo externo.

É claro que já tinha passado isso pela minha cabeça, mesmo medicada, mas eu não seria a primeira a ficar me preocupando, afinal, o que eu posso fazer?

— Nós não somos mais adolescentes, Alice. Temos responsabilidades no mundo lá fora, hoje nós temos coisas a perder. — Ele silencia por alguns segundos, pensativo. — Você não tem o contato do anfitrião da casa? Não tem na confirmação da reserva? Ah, merda, a rede de celular também não

funciona, esqueci. Não tem nenhuma informação sobre um telefone fixo ou via satélite na casa?

— Não que eu lembre...

— É melhor ver isso. Essas janelas também estão tão trancadas quanto a porta. Não foi o Marquera que fez isso. E pelo jeito que a voz da casa falou agora há pouco, também não foi ele que configurou para que ela falasse dessa forma.

Eu vejo sua boca se movendo pelo reflexo do vidro, mas assim que ouço isso, eu viro o rosto e o encaro diretamente. Ele percebe o meu olhar de desespero.

— Ele não teria capacidade disso.

É engraçado, pois realmente o Marquera não iria se dar o trabalho de pesquisar e perder tanto tempo configurando tudo isso. Ter feito o comando de apagar as luzes com a frase “ninguém é de ninguém” já foi surpreendente.

Ando com pressa até o sofá, mas não com uma urgência que possa chamar atenção e criar uma histeria coletiva entre todos nós. Não é hora de perder o controle. Talvez por isso eu precise de mais um comprimido. Que mal pode fazer?

Bom, talvez ao invés de me anestésiar, pode criar ainda mais pontinhos nas paredes, mais olhos no observando. É o efeito contrário do que eu esperava, uma paranoia que deveria combater, mas também nunca foi recomendado misturar com álcool. No fim das contas acho que o sistema de segurança da casa está certo em não me deixar sair daqui. E eu estarei certa em não tomar mais um comprimido. Posso resolver isso de alguma forma, sempre resolvi.

Pego meu celular e vejo que ainda há bateria nele. Com sorte, talvez ainda tenha a reserva salva em cache no navegador, ou até mesmo na confirmação da reserva por e-mail eu encontre as informações da locação. Levanto o olhar e percebo que, apesar de Lara estar concentrada tentando entender alguma coisa no tablet, ela também me olha de soslaio com uma expressão de medo e mistério.



Enquanto Daniel olhava pela janela, provavelmente em busca de uma saída, Lara fuçava o tablet e Alice remexia no celular; Camila entrou pelo

corredor escuro com um sorriso inocente no rosto. Começou a tatear as paredes assim que a dificuldade de visão se intensificou ao sair de um lugar muito mais claro para um escuro.

— Casa, liga a luz?

Foi quase um sussurro envergonhado, talvez por não saber se era a frase certa, talvez por medo de acender as luzes e ver Marcos à sua frente pronto para lhe dar um susto. Não dava para saber muito bem o que ela pensava, um padrão bem diferente dos demais.

O corredor continuou escuro, bem como a cozinha onde ela acabara de entrar.

— Tá aí, né, seu beberrão...

Olhou no entorno, a visão se acostumando com o escuro. Uma luz que vinha do jardim iluminava levemente a cozinha. Não viu sinal algum de pessoa viva perto da geladeira, atrás da ilha que continuava inalterada no meio da cozinha, nem no canto mais escuro onde estava a lixeira. Completamente sozinha naquele espaço.

— Onde você foi?

O sorriso de quem confiava que iria encontrar o amigo continuava em seu rosto e ficou ainda mais largo quando olhou para fora, pela janela. A luz branca irradiava por cima das plantas do jardim, dando uma cor verde pálida a tudo. Provavelmente ela sabia que no inverno aquele jardim era mais florido que na primavera, era conhecedora de plantas, sabia o que estava observando. Seu rosto estava refletido no vidro, em meio ao pequeno campo de folhas longas, verdes e pálidas. E mais alguma coisa.

Uma silhueta humana que parecia muito mais próxima do que as plantas, mas que era tão opaca que parecia bem mais afastada do que elas. A perspectiva não fazia sentido da forma que ela observava, então deve ter mudado o ponto de vista.

A silhueta não estava entre as plantas no jardim, era um reflexo, como o de seu rosto. O olho voltando a se acostumar com o escuro, dando foco ao reflexo no vidro, tentou ver o rosto de quem estava atrás dela. Quando tentou se virar, a silhueta de capuz a segurou ainda de frente para o vidro e ela pôde ver a mão que surgia tapando sua boca.

— Ninguém é de ninguém! — Uma voz masculina e arrastada falou.

A luz do jardim também se apagou.

Capítulo 6

BASTIDORES

— **JÁ CHEGA, MARQUERA, VAMOS PARAR** com essa putaria!

O grito de Daniel rasga a repentina escuridão antes mesmo que eu entenda o que está acontecendo. No escuro, os sentidos ficam muito mais aguçados. Eu consigo sentir o cheiro da vodka mais forte, a voz do Daniel mais estridente e o movimento de ar causado pela movimentação repentina de alguém próximo a mim.

Há coisas que se movimentam muito rápido aqui perto, eu não tenho coragem de me mover. Não acredito que Marquera iria fazer isso por tanto tempo, ele não é mais criança, como disse Daniel.

Ouçó um estrondo vindo da direção onde estava Daniel, mais movimento de ar, mais barulho, algo caindo no chão, algo grande. Ouço a voz de Daniel de novo.

— Merda de janela, acho que é blindada essa caralha!

Me alivio ao ouvir a voz de Lara logo ao meu lado. Pelo menos ela não havia sumido ainda.

— Peraí que vou acender as luzes aqui.

O rosto dela está iluminado como a cabeça voadora de Daniel estava um tempo atrás. Mantém-se assim por pouco tempo, pois logo as luzes da sala são reestabelecidas e já posso ver tanto ela quanto Dani.

Ele está ofegante, os óculos embaçados de raiva, como se fossem a única coisa entre ele e um ataque de fúria. Eu sinto dor ao morder meu lábio, mas é impossível controlar essa mania quando estou ansiosa; e ver a mesinha de centro tombada no chão ao lado da janela em uma desesperada tentativa de Daniel sair da casa (e falhar miseravelmente), não podiam me deixar mais nervosa. Ele olha para mim. Não, não olha para mim, ele olha através de mim. A respiração ainda sai em golfadas de raiva, mas a boca aberta desse jeito não é só para respirar. Há algo errado e eu só entendo quando ele pergunta.

— Onde tá a Camila?

Olho para trás e vejo Lara tirar a atenção do tablet e levantar a cabeça. Só estamos nós três na sala, mais uma desaparecida.

— Cami? — Eu chamo. — Camila? — Mais alto. — Camila? — Quase me esgoelo.

Era muita sacanagem deles com os amigos no mesmo dia. Com certeza Lara está arrependida de ter criado essa bagunça com uns amigos tão infantis. Ela volta a olhar para o tablet, deve estar ignorando a brincadeira dos dois, talvez nem esteja arrependida, pois já imaginava que coisas assim poderiam acontecer.

Ainda se fosse uma brincadeira... Não é legal deixar os amigos preocupados e assustados em uma casa estranha, sozinha no meio do nada, enquanto os dois se comem. Sim, é isso que devem estar fazendo. Combinaram essa merda de brincadeira só para rirem da nossa cara enquanto aproveitam um o outro. Pensam que não percebi? Que ninguém percebeu? A voz de Lara me tira dessa concentração em odiar os dois.

— Eu tava analisando o mapa da casa e acho que agora consegui entender.

Ela se aproxima do centro da sala. Daniel leva um tempo até decidir fazer o mesmo, a contragosto. Eu sinto a respiração pesada de ódio saindo do meu pulmão e a engulo para também ver o que ela quer mostrar no tablet.

— Aqui é a sala. — Ela aponta para um grande espaço no mapa rústico mostrado no tablet. Vira levemente o corpo para o mapa ficar na mesma direção da nossa perspectiva de visão da casa. — Aqui o Oráculo, aqui o bar, banheiro, cozinha... Essas quatro portas estão fechadas, eu testei quando fui te procurar mais cedo e te encontrei só lá fora. Não tem indicação do que sejam, mas acho que os dois não iam conseguir entrar ali. Lá, no fundo, tem uma área de serviço. Está aberta, mas eu não entrei nela. Mas olhem isso aqui — ela aponta para uma das paredes da área de serviço com uma marca bem sutil, porém diferente das demais. — É a mesma representação gráfica da porta vaivém, que tem na entrada da cozinha, vocês conseguem ver?

Difícil de ver, é realmente bem sutil a divisa do corredor com a cozinha, em uma cor quase nula, mas existia, é igual àquela da área de serviço.

— Eu procurei pelo resto do mapa se tinha mais alguma representação parecida, mas não encontrei nada. As únicas são essas duas, o que significa que essa porta nos fundos da área de serviço também deve ser uma porta sem

trancas, um acesso para um varal externo, uma saída para cachorro, alguma coisa assim...

— E você quer tentar sair por lá? — eu digo.

— Qual é a outra ideia? Nós precisamos de uma rota de fuga. Se a casa inteira está trancada e as pessoas estão sumindo de verdade, nós temos que pelo menos saber por onde podemos tentar sair.

— Mas primeiro vamos procurar a Cami e o Marquera, né?

— Acho que primeiro vamos ter certeza que podemos sair por lá. Depois voltamos e procuramos eles.

Que atitude estranha da Lara, ela nunca foi muito de se importar com amigos em apuros, mas deixar eles em segundo plano é realmente estranho. Ela percebe minha expressão de surpresa.

— Amiga, eles tão se pegando, certeza, enquanto a gente tá aqui chupando dedo.

Senti a indireta.

— Eu não quis reunir a gente pra ficar nesse clima assim, não. Eles que se virem para ir embora depois, se o que querem é sumir.

A voz dela mostra que segurava toda a raiva para descontar nos dois. Além da raiva, acredito que um pouco de decepção. Não sei o que ela esperava que rolaria hoje à noite.

Daniel rouba a nossa atenção.

— E o andar de cima?

Lara mexe no tablet mais uma vez e mostra para Daniel.

— Nada de mais, também já investiguei inteiro no mapa, e pela tarde, eu entrei nos cinco quartos, no banheiro da suíte e nos dois banheiros sociais. São as únicas portas que têm lá em cima.

— Mas e os dois? Será que não subiram lá?

É possível, apesar de eu não ter ouvido passos na escada. Daniel continua a falar:

— Eu vejo se encontro eles e trago aqui pra baixo. Espero não entrar no meio de qualquer ato, não consigo imaginar esses dois juntos... Vão vendo essa saída aí, confirmam também se a porta para a varanda dos fundos não está aberta, talvez estamos nos preocupando à toa.

Concordo com a cabeça com as ordens que ele passou, mas minha voz discorda da sua última frase.

— Eu acho que não.



Daniel subiu as escadas com passadas a cada dois degraus. Tropeçou no meio dela, chamando a atenção das duas amigas que entravam no corredor, mas ele fingiu que não aconteceu nada e que aquele som característico de alguém dando uma escorregada na escada tenha sido feito com a boca. O rosto ficou razoavelmente vermelho e a temperatura da pele dele aumentou repentinamente. Quando chegou no andar de cima, tirou os óculos e limpou na camisa.

— Vamos lá, seus desgraçados!

Entrou no primeiro quarto, o de Marquera.

— Acenda a luz deste quarto.

— Às ordens! — respondeu a voz da casa.

Nada, nem mesmo a mochila de Marcos estava lá, pois ele havia deixado-a no andar de baixo, onde provavelmente dormiria no sofá, visto o quanto desejava beber naquela noite.

Daniel vai até um dos banheiros e abre a porta. Vazio.

— Maldito!

Com uma ligeira corrida de senhor de meia-idade, ele vai até o quarto de Camila. Pede para acender a luz e é atendido da mesma forma.

Nada lá dentro.

Mesma coisa no outro banheiro.

Mesma coisa no quarto de Lara.

— Luzes acesas — disse a voz da casa assim que obedeceu à ordem de ligar as luzes daquele cômodo também.

Mesma coisa no quarto de Alice.

— Cuidado com o consumo de energia. — sugeriu a voz.

Daniel correu até seu quarto.

— Não acredito que vocês vão usar o meu quarto, seus palhaços! Que desrespeito!

Abriu a porta do seu quarto, o único que estava com ela fechada.

— Acenda as luzes desse quarto!

As luzes acenderam. Não havia nada. O silêncio ficou no ar e Daniel teve uma expressão de estranheza devido ao fato de não ter uma resposta oralizada ao seu pedido, como havia acontecido nos outros quartos.

A resposta demorou um pouco mais, mas veio.

— No fundo, no fundo, você queria mesmo era ver essa cena, não é? — Disse a voz da casa.

— Como é? — Falou Daniel com indignação.

A cara dele foi impagável.

— Se você não quisesse realmente ver nenhuma cena entre os dois, não teria chegado pedindo para acender a luz.

Daniel gaguejou repetidamente algumas palavras que não fizeram sentido, até que conseguiu colocar sua curiosidade para fora:

— Quem é você?

Uma risada muito bem dada saiu por todos os cantos do quarto. O volume subiu a ponto de arder os ouvidos de Daniel e deixá-lo agachado, com as mãos tapando as orelhas.

— Sou quem manda nessa casa. Vocês podem achar que têm o direito de entrar e fazer o que quiser na casa dos outros, mas não é assim que funciona...

Daniel se levantou indignado e começou a afastar as mãos das orelhas com suspeita.

— Mas nós alugamos isso aqui...

— Quem alugou foi sua amiga. Agora ela está no caminho certo enquanto você se satisfaz assistindo seus amigos transarem.

Uma tela se acendeu dentro de uma moldura de um quadro na parede. Uma TV emoldurada. A cena que passava era de Camila e Marcos transando na cama do quarto de Daniel. Ele tentou desviar o olhar da tela, mas não conseguiu. A cena prendeu seus olhos como se fossem ganchos enquanto procurava entender se estava realmente vendo aquilo. Sentou-se na cama, boquiaberto e desacreditado.

— Você não pode gravar as coisas assim! — disse ele com uma leve indignação na voz.

— Claro que posso. Essa é minha casa, preciso me proteger de vândalos como vocês. Esse é só meu sistema de segurança identificando um

comportamento impróprio. Inaceitável. Intrusivo. Por falar nisso, estou recebendo novos alertas de quebra de protocolo; acho que são suas amigas aprontando no andar de baixo...

— Onde elas estão, seu desgraçado?

A risada alta voltou a ressoar com volume ensurdecador dentro do quarto. Daniel chegou a deitar sobre a cama segurando as duas orelhas.

— Você sabe onde elas foram, só teve medo de ir para o lado certo. O falso certinho... Cusão!

Ainda desacreditado, Daniel olhou para a tela mais uma vez antes de sair correndo em direção ao andar de baixo. Ou será que aquele olhar era mesmo de luxúria voyeur?

— Não adianta correr, Daniel. Você vai chegar tarde, elas já foram longe demais.

A risada ressoou tão alto no andar de cima que Daniel podia sentir os degraus vibrando na frequência do som emitido.



Tento girar a maçaneta da porta que dava acesso à varanda atrás da casa e está fechada, o que é óbvio. Não faz sentido um sistema de segurança que trava a porta e janelas da frente da casa não travar também a de trás. Lara vem pelo corredor testando mais uma vez as portas que antes tinha tentado abrir e as encontra ainda trancadas.

— Não está aberta, né? — ela pergunta sobre a porta de saída. Eu nego com a cabeça e ela já entra na área de serviço, o acesso logo na última porta antes da que eu tento abrir.

Uma área de serviço comum, talvez um pouco mais tecnológica, maior do que o que eu estou acostumada a ver, mas para uma casa desse tamanho, acredito ser importante ter um bom espaço para guardar produtos de limpeza e equipamentos para lavar roupas. Aquilo é uma secadora ou uma nave espacial?

Volto a me concentrar no que deveria, pois Lara me chama quando alcança a parede no outro extremo da sala, aquela onde antes, no mapa, havia apontado a possibilidade de ter uma saída.

— Me ajuda aqui — ela diz assim que me aproximo.

Na parede há uma espécie de tampa metálica com um puxador. Lara puxa e confirma ser uma espécie de lixeira. Eu fico confusa com aquele formato, mas pelo jeito Lara já viu algo do tipo antes e começa a me explicar.

— É um sistema que evita a volta dos cheiros e animais. Quando você abre, a parte que envia isso para o depósito de lixo ou seja lá para onde isso vai, se fecha. Só quando você fecha de novo é que ela se abre e o lixo vai para o lugar certo.

— Você quer que eu entre aí? — Pergunto com indignação.

— Eu pensei em entrar e ia precisar de ajuda para você fechar. Mas não sei se é uma boa ideia, não sei o que vai ter lá. Acho mais seguro arrancarmos isso da parede e dar uma olhada primeiro. Se for algo sem saída e sem condições humanas para ficar, nós já recuamos.

Recuamos para onde? Sinto que a casa nos aprisiona cada vez mais, como aquelas celas em que as paredes se movem deixando o prisioneiro cada vez com menos espaço, cada vez menos, até o momento em que até quem não tem claustrofobia começa a sentir a falta de ar, pois está faltando oxigênio no espaço, e em pouco tempo o oxigênio também não fará mais falta, pois os pulmões estarão tão espremidos contra os outros órgãos do corpo que não terão mais espaço para inflar. Aliás, em pouco tempo eu vou estar me perguntando “que pulmões?”

— Alice!

Mais uma vez, Lara me tira do transe. Ela puxa uma das bordas que emoldura a tampa do lixo, um acabamento de inox escovado, muito bonito por sinal, mas que poderia me esmagar. Entendo o olhar dela na direção da peça e puxo o lado oposto ao que ela está. A peça se solta com facilidade e então percebo que aquela moldura não era só um acabamento por puro design, mas uma trava que deixava uma porta secreta presa no nosso lado daquela parede.

A porta se abre na nossa frente, a estrutura de metal que servia para jogar o lixo está pendurada nela. Por trás da porta, eu vejo uma escada descendo para a escuridão e meu coração formiga de emoção. Aquilo podia ser a saída para aquela casa, sim. Lara me olha e confirmamos a descida com um aceno rápido. Vamos juntas.

Capítulo 7

LABIRINTO

QUANDO DANIEL CHEGOU NA PORTA DA ÁREA DE SERVIÇO, seu corpo se deteve olhando para a porta que estava aberta no outro lado do cômodo.

— Alice? — gritou.

A risada ainda ressoava no andar de cima e o atingia como um som irritante e contínuo, a ponto dele se virar para o corredor e gritar.

— Cale a boca!

Não pareceu surtir efeito, a risada contínua manteve-se repetitiva. Daniel adentrou aquele espaço, passou pelas máquinas e equipamentos de limpeza e viu que a porta aberta dava acesso para uma escada que descia para a escuridão.

Olhou para trás, para a porta que dava acesso ao corredor. A risada continuava. Pegou o celular de seu bolso e conferiu se magicamente toda aquela tensão não teria carregado sua bateria. Não, estava zerada. Deu para perceber na expressão de decepção e na luz da esperança indo embora de seu rosto.

— Eu não tô acreditando em uma coisa dessas.

Ele tremeu, balançou a cabeça, afastando qualquer pensamento ruim que poderia evitar que ele continuasse atrás de suas amigas, e seguiu escada abaixo.

A luz que vinha da área de serviço foi desaparecendo gradualmente conforme ele descia a escada circular. Após mais de trinta degraus, já não se podia ver mais nada e ele continuou a descer com a mão apoiada nas paredes de pedra bruta e fria. Após mais duas dezenas de degraus, quase perdeu o equilíbrio ao se deparar com um passo que terminou antes do que esperava. A escada havia acabado e agora ele andava para frente em um corredor com o qual conseguia alcançar as paredes de ambos os lados se esticasse os dois braços.

— Alice? — gritou mais uma vez. — Lara?

O medo e o desespero fazem coisas incríveis com o ser humano, não é? Quem esperava que Daniel iria se importar assim com Lara depois de ter discutido e discordado tanto com ela? Ou será que ele só estava procurando alguém para não ficar sozinho e nesse caso qualquer pessoa servia?

A risada havia ficado para trás, dando espaço para um som abafado e cavernoso. O eco dos passos ressoava de forma fantasmagórica e o cheiro de mofo fazia seu nariz coçar.

— Alice? — gritou mais uma vez, só respondido por seu eco.

As paredes na qual apoiava as mãos desapareceram de ambos os lados. Ele esticou ainda mais os braços, tentou um braço para o lado, dois para o outro, não sentiu mais nenhum toque.

— Lara? — gritou mais uma vez e desta vez o retorno da sua voz bateu em seu rosto de forma estridente e tão instantânea que deve ter sentido o próprio bafo. O eco da sua voz vinha dos lados e isso o fez perceber que o caminho que estava seguindo acabou de se dividir em dois, deixando uma parede em sua frente. E agora, direita ou esquerda?

Virou-se de costas, deu dois passos à frente e apoiou as mãos nas paredes onde estava antes. Olhou para trás e pareceu ouvir um som indistinguível vindo de longe. Virou-se para trás e voltou a gritar.

— Alice?

Uma resposta. Era difícil entender o que foi a resposta, mas pareceu importante para Daniel voltar a seguir o caminho escuro atrás de suas amigas do que retornar ao ponto zero. Aquele pelo menos era um sinal de que havia alguém ali para respondê-lo.

Voltou a chamar pelo nome das amigas, ouvia as respostas indistinguíveis ao longe, mas eram respostas. A mesma resposta vinha dos dois lados e ele não entendia como era possível, até que tomou a decisão de seguir pela esquerda e voltou a encontrar duas paredes o cercando e auxiliando a mantê-lo em uma linha reta.

Andou cerca de dez metros e sentiu as paredes mais próximas, o corredor se estreitando. Mais alguns metros à frente e a parede direita começou a se afastar, logo a esquerda começou a se aproximar e ele entendeu que estava em uma leve curva para a direita, que logo depois quebrou em cerca de noventa graus à esquerda.

Mais adiante, as duas paredes acabaram de forma brusca mais uma vez. Uma nova encruzilhada. Voltou a gritar o nome de Alice e percebeu que

desta vez não tinha uma parede bem na sua frente. O grito ecoou longe, sem uma reverberação na própria cara como antes, o que lhe dizia que o caminho também continuava à frente. A resposta indistinguível tornou a soar e pareceu vir de dois lugares, do seu lado direito e do caminho que parecia estar em frente. Decidiu seguir reto.

Parecia mais próximo da voz agora. Já mais seguro, começou a caminhar mais rápido, passos mais largos, até que sentiu uma fisgada no pé. Deu um salto e gritou, primeiro pelo susto de encontrar algo inesperado pelo caminho, mas depois cerrou os dentes e sugou o ar por entre eles, fazendo um característico chiado de dor. Alguma coisa havia perfurado o seu novo sapatênis, recebido de presente de dia dos pais por sua esposa e seu filho, que havia sido parcelado em quatro vezes sem juros na promoção “o gerente ficou maluco” das lojas Dom Pé Calçados. Claro que, após a sola fina do sapatênis, havia o pé, uma meia poderia estar nesse meio do caminho, mas comparado a algo pontudo e afiado que havia no chão, pode ser facilmente ignorado. Algo perfurou seu pé e aquilo doeu para caralho.

Ele gritou de novo, dessa vez com mais raiva.



— É a voz do Daniel, sim. Agora eu tenho certeza!

Apresso o passo o máximo que consigo sem arrastar a Lara ou colocar o pé onde não devia. A luz do celular ilumina uma curva adiante e vejo uma sombra parada no canto.

— Marquera?

O vulto parece se mover devagar, como se me olhasse de lado. Não há luz o bastante para ver um rosto, mas mesmo assim juro que vejo um sorriso torto.

Mas como? Marquera sumiu. Não há como ele estar ali, parado, calmo.

Pisco algumas vezes e o vulto não está mais ali.

Olho para Lara, ainda desmaiada, como se ela pudesse confirmar que eu não estou ficando louca.

"Foi o remédio."

A frase se forma na minha mente como uma explicação automática, mas não sei se foi mesmo. Não deveria ter misturado com bebida. Que cagada!

O suor escorre pelas minhas costas e eu sigo em frente, ainda mais devagar agora. Como se pudesse tropeçar nos meus próprios delírios.

Lara nem me dá atenção. Ela continua apoiada no meu ombro, arrastando um pé, enquanto eu a seguro pela cintura com uma mão e com a outra eu seguro seu celular que ilumina fracamente nosso caminho.

— Dani! — grito em direção ao teto. Ouço a voz dele vir de todos os lados e não sei sua real fonte. — Cuidado com o chão, — grito ainda mais alto — tem umas estacas que furam até os calçados! A Lara pisou em um!

Quando eu era pequena, achava ridículo que João e Maria se perdessem na floresta só porque os pássaros comeram o pão que eles usaram para marcar o caminho. Hoje eu me perco em lugares que não são nem florestas, mas um espaço com caminhos pré-definidos, que eu não consigo mais nem voltar do lugar de onde saí, pois não tenho mais senso algum de direção.

Para ajudar, Lara está machucada e não consegue contribuir com ideias muito sãs. De início, ela queria seguir o grito que ouvimos, achando que poderia ser alguém do grupo. Eu fui reticente, apesar de agora ter mais certeza de que é o Dani. Na verdade, ela nem consegue mais duvidar de nada, só sente dor. Coitada. Fizemos uma compressa com parte da sua blusa para estancar o sangramento. Aquelas lâminas eram largas e compridas, furaram o pé dela em vários pontos com uma profundidade considerável. Não sei como não atravessou o pé da coitada.

Um grito mais alto me assusta. Parece um grito de guerra, ou grito de dor. Está mais próximo, pelo menos. Queria apressar o passo, mas duas coisas me impedem. Lara machucada e meu extremo cuidado para não pisar em algo que possa me machucar também. Se eu pisar em algo como pisou Lara, não sei se vou conseguir andar como ela.

Lara é forte. Dou um beijo em sua têmpora para tentar aliviar a dor.

— Vai ficar tudo bem. Já vamos voltar.

Digo isso, mas não tenho certeza. Na verdade, não tenho certeza nenhuma, como em tudo na vida, mas um mínimo de esperança. Ouço novamente um grito. Ele se aproxima.

— É o Daniel bravo. — Me diz Lara. Ela tem mais experiência do que eu nessa questão.

Grito em resposta. Tento aliviar o desespero, não quero assustar ele. Não tem outro motivo para ele estar bravo, talvez por não termos esperado ele voltar. Será que achou Marquera e Cami?

— E aí, gatinhas...

Levanto a lanterna do celular na direção da voz. Minhas pernas paralisam ainda antes de eu conseguir ver quem está na minha frente. Não que mude muita coisa, não o conheço, mas tem um quê de Daniel. Será que era ele gritando antes? Ah, merda!

— Quem é você? — pergunto.

— Não faz diferença... Vocês agora são nossa propriedade.

— O quê?

Ele não parece com vontade de explicar. Começa a andar em nossa direção e eu penso em todas as formas que eu sempre tentei aprender a me defender na rua escura de madrugada. Infelizmente, não tem nenhuma garrafa de cerveja para quebrar, nenhuma faca na cintura, nenhuma pedra solta para usar contra ele.

Meus passos são automáticos e eu começo a andar para trás. Lara apenas me segue. Só agora, que ela pergunta algo para o homem, que eu lembro que estou carregando-a.

— Nossa propriedade? De quem?

É uma boa pergunta. Quem é a porra desse coletivo?

Ele não responde, somente continua andando em nossa direção. O rosto que eu imaginava trazer uma expressão de masoquismo, na verdade, traz uma expressão neutra, como alguém que só está fazendo seu trabalho do dia-a-dia.

Andar de costas já é difícil, carregando outra pessoa é pior ainda. Então, por mais que eu tente apressar o passo para trás, o cara sempre fica mais perto de nós a cada passo que dá.

Levanto a lanterna do celular bem em direção ao olho dele. Vai que isso o cegue temporariamente e nos dê mais alguns segundos para fugir. Não parece fazer um grande efeito.

— Sai daqui, deixa a gente em paz! — eu grito em uma última esperança de que ele sinta vergonha pela sua atitude escrota e nos deixe só ir embora.

A luz do celular da Lara é bem dispersa, mas é suficiente para eu conseguir ver que logo atrás do homem, outro homem se aproxima. E esse é ainda mais parecido com o Daniel.

É um homem forte que derruba o macabro desconhecido com um golpe na cabeça unindo as duas mãos como uma marreta. Apesar de o golpe

parecer suficiente para deixar o homem já desacordado, o recém-chegado arrebenta o rosto dele com mais meia dúzia de socos.

— Daniel?

Minha pergunta mistura a minha curiosidade com surpresa e meu nervosismo com alívio. Passar aquele dia todo com o Dani chato como estava tinha me feito esquecer do garoto corajoso e briguento que ele era na adolescência.

Ele acerta um chute no rapaz desfalecido e quase cai no chão em seguida. Percebo que manca, está com o pé machucado, deve ter pisado nas mesmas navalhas que a Lara. Mesmo assim, ele ainda junta forças e mete outro chute no desconhecido.

— Daniel! — Agora eu o repreendo.

Ele entende que estava passando dos limites, afinal, apesar da ameaça, o rapaz ainda não tinha feito nada de mal para nós. A não ser que ele fosse o responsável por colocar as porcarias das navalhas no chão.

Dani vem em nossa direção e nos abraça. Só agora me dou conta de que Lara está completamente largada sobre meu corpo, a cabeça abaixada, inconsciente. Empurro Dani com cuidado e devagar eu encosto Lara de costas na parede e a deixo sentada ali. Ela não está completamente desmaiada, mas também não está acordada. Baba e balbucia alguma coisa que não é possível entender.

— Eu tô muito feliz em ver você — eu digo. — Mas precisamos achar um jeito de sair daqui. Pelo jeito você também machucou o pé, igual a Lara. Isso é um labirinto e não sei mais para onde ir.

Encostando-se na parede, Dani me responde:

— Pois é, mesmo sem luz eu tinha percebido que isso aqui é um caminho feito para confundir alguém, não é possível que esses buracos embaixo da casa tenham algum outro objetivo. E quem é esse?

— Não sei. — respondo — Mas fiquei preocupada. Se esse cara tava aqui, como não dizer que não tem mais? E o pior, a entrada pra esse lugar estava trancada pelo lado de dentro, que viemos, ninguém podia ir para a casa. Talvez abrimos um buraco que não deveríamos...

Daniel fica em silêncio por algum tempo, observando o jovem desmaiado próximo aos seus pés.

— Ele não parece alguém que esteja preso aqui há muito tempo. Não sei se vocês fizeram mal em entrar aqui, mas também me preocupa o que você

falou sobre a entrada, pois se alguém sair, pode nos trancar aqui.

— Precisamos sair logo!

Eu me abaixo e dou leves tapas no rosto de Lara. Ela abre os olhos, mas logo torna a fechar.

— Amiga. Amiga, nós precisamos seguir. É questão de vida ou morte. O Dani alcançou a gente e agora vamos tentar achar a saída daqui. Mas precisamos de um esforcinho seu.

Ela murmura que está doendo muito, mas sua mão segura meu pescoço. Com um pouco de força, consigo erguer ela de pé mais uma vez. Por sorte ela é bem menor que eu e isso ajuda a carregá-la.

— Não sei há quanto tempo vocês estão andando aqui dentro, mas se isso realmente for um labirinto, a melhor forma de acharmos a saída é colocando uma mão na parede e segui-la, sem nunca tirar. Nós sairemos dele em algum momento.

Acho que não é de bom-tom pedir para uma pessoa machucada ajudar com a outra pessoa machucada. Desde que eu não tenha que carregar os dois, acho que aguento levar Lara até sair desse lugar maldito. Entrego o celular para Daniel e faço sinal para que ele nos guie.

— Anda logo, Dani. Essa bateria já tá acabando.

Capítulo 8.

ENCONTRO COM O ANFITRIÃO

APESAR DE FAZER SENTIDO, A TEORIA DA SAÍDA do labirinto só é realmente eficaz se você a utiliza desde o primeiro momento em que entra nele. Se você usar a técnica a partir de um ponto aleatório, pode dar grandes voltas em círculo de qualquer forma, pois aquele pedaço específico do labirinto pode ser uma estrutura à parte, desligada da parede de entrada. Eu poderia desenhar aqui para você ver, e talvez eu até faça um desenho rústico no futuro para que entenda, mas gostaria de dizer que, apesar de o trio ter esse provável problema pelo caminho, no final, eles conseguiram sair do labirinto.

Não sem um bom perrengue, claro. A bateria do celular acabou durante o trajeto, conseqüentemente ficaram sem luz. Lara desmaiou mais umas duas vezes e Daniel ficou sem forças em um momento, deixando Alice assumir a dianteira sem nada que iluminasse o caminho. Enquanto ela guiava o grupo, Daniel contou o que havia passado no andar superior da casa, quando esteve nos quartos. O efeito de tempo passando mais rápido que acontece quando conversamos sobre algo interessante parece ter auxiliado a mentalidade deles a se manter sã até que saíssem dos corredores escuros.

Chegaram os três a uma espécie de clareira em meio a mata fechada, um pequeno jardim com grama baixa e trepadeiras que subiam por todas as paredes e pelas pedras da fonte de água desligada que havia no meio do pátio. Sim, uma espécie de jardim ornamental embaixo da terra, bem diferente de tudo que haviam passado desde que desceram as escadas e bem difícil para uma pessoa que está no subterrâneo de uma casa imaginar que encontraria após passar por um labirinto tão escuro. As luzes artificiais eram tão fortes quanto a luz do dia e fizeram com que os dois que estavam de olhos abertos nesse espaço cerrassem os olhos até que suas pupilas voltassem a se fechar.

Alice devolveu Lara desmaiada ao chão como havia feito antes, colocando as costas dela contra a parede. Solto um suspiro de alívio e viu o estrago que havia acontecido no pé de Daniel assim que ele se deitou logo ao lado da amiga. Era aparentemente mais feio que o machucado de Lara, tendo

atravessado muito mais das lâminas para a parte superior do pé, dilacerando o calçado e os cadarços de uma forma uniformemente disforme.

— Meu Deus, Dani! Teu pé tá arregaçado! Vou arrancar um pedaço da sua camisa, tudo bem?

Daniel concordou com um meneio de cabeça, o rosto se contorcendo ao olhar para o próprio pé e sentir a dor aumentar com o impacto visual do machucado.

Alice rasgou a parte de baixo da camisa de Daniel, criando um cropped social que não combinou nada com o estilo do homem, mas acredito que ninguém estava se importando com a forma de se vestir naquele momento.

— Vamos tentar estancar qualquer gota de sangue por enquanto, e assim que conseguirmos algo para lavar, nós lavamos o seu e o da Lara.

— Como está o pé dela? Tá pior que o meu?

— Não, acho que você pisou com mais força, ou é mais pesado e aquelas facas se fincaram ainda mais no seu pé. — Ela começou a amarrar o pedaço de camisa arrancado em torno do pé de Daniel. — Mas eu fiquei intrigada com o que você me contou. Era mesmo o dono da casa falando com você? Não era um assistente virtual?

— Não, era o cara mesmo. A mesma voz que falava com a gente e achávamos que era o assistente virtual. Falou algo sobre quebrar as regras, sei lá o quê. Eu nem lembro. Mas ele filmou o Marquera e a Cami se pegando. E mostrou! Isso foi horrível!

Alice boquiaberta era algo bonito de ver.

— Mas que porcaria é essa? Um Airbnb dos jogos mortais?

— Eu falei que não me sentia seguro vindo em um lugar como esse...

Uma voz arrastada e monótona chama a atenção dos dois.

— Ah, vai se danar, seu medroso do caralho. — Disse Lara encostada na parede, sorrindo como se estivesse muito bêbada ou chapada. No rosto, trazia um sorriso que tentava mostrar que estava tudo bem com ela.

— Não é medo, é instinto! — disse Daniel com rispidez.

— Calma, Dani. — Alice repreendeu o amigo. — Ela não sabe o que tá falando...

Assim que Alice terminou de amarrar o tecido em torno do pé de Daniel, levantou e analisou o jardim à sua volta. Não era muito grande, mas do lado oposto à saída do labirinto, atrás da fonte seca, havia uma porta de ferro

enferrujada na qual as trepadeiras não cresciam sobre. Havia uma igual à sua direita e outra à sua esquerda. Na altura dos seus olhos havia um espaço vazado com pequenas barras de ferro, para poder observar o que acontecia do outro lado, deixando a aparência de portas de cela de uma prisão.

Alice caminhou até a porta na sua frente, atrás da fonte seca. Sentiu um cheiro ocre vindo de dentro e não conseguiu distinguir o que havia lá, uma vez que estava completamente escuro do outro lado da janela. Caminhou até a outra porta à sua esquerda, uma luz fraca vinha de algum lugar em seu interior e ela viu uma espécie de anfiteatro para umas vinte pessoas. Uma arquibancada em três andares e um palco no nível do chão, com um quadro ou tela, bem no meio da parede.

Afastou-se da porta e se colocou a atravessar o pátio inteiro para ver o que havia na terceira porta. Os dois amigos machucados espremiavam os dentes uns contra os outros em algo que parecia a mistura de dor e curiosidade.

— Nada? — Perguntou Dani.

— Um lugar tá escuro. — Respondeu Alice. — O outro é uma sala de aula, ou de projeção, vazia.

Chegou na terceira porta e colocou seu rosto no espaço que poderia enxergar dentro. Não era diferente da sala anterior, uma sala nas mesmas proporções e nas mesmas cores claras, mas sem qualquer tipo de assento ou tela nas paredes. Estavam lisinhas da silva.

Havia apenas algo branco sobre o chão, em um dos cantos.

— Aqui parece que só tem um amontoado de toalhas. — Ela disse e logo segurou a respiração.

O amontoado de toalhas se moveu e dele surgiu a cabeça de um homem. Descabelado, com o rosto marcado de hematomas, sangue escorrendo dos lábios e um olhar desafiador. Rolou seu tronco inteiro para o lado da porta e perguntou para Alice:

— Quem é você? O que tá fazendo na minha casa?



Essa voz é a mesma que falava com a gente pelos alto-falantes da casa. A voz do assistente virtual, a voz que assustou o Dani...

E saiu da boca desse homem.

Ele se levanta como se fosse uma minhoca ficando em pé. Percebo que seus braços estão amarrados, atados às suas costas. É uma espécie de camisa de força, mas que abraça seu corpo inteiro, transformando-o em um grande casulo humano.

— Ei! — ele grita enquanto vem pulando em minha direção. Parece a única forma de se mover com os pés também atados.

Ouçõ sons atrás de mim. Acredito serem meus amigos se aproximando para ver o que tem ali dentro.

Percebo uma movimentação estranha que surge de cima do meu campo de visão limitado pelo tamanho da janela da porta. Algo que parte em direção ao homem na sala.

— Não! — o homem fala com desespero na voz. — Não, de novo, não!

Na verdade, a movimentação parece bem maior do que eu havia percebido no início e só consigo entender o que está acontecendo quando vejo o resultado dessas coisas quase alcançarem o homem. Três fitas brancas, como serpentinas rígidas, disparam dos cantos da sala em direções opostas, se entrelaçando ao redor do corpo do homem como se o enrolassem num casulo e arrastam para a parede do fundo da sala, prendendo-o lá. O material parece uma mistura entre borracha e plástico, criando uma prisão grudenta e sufocante ao aderir à pele dele, que termina com uma nova fita prendendo sua boca, calando-o. Não sei dizer que material é esse. Do que é feita a fita veda-rosca?

Daniel se aproxima e procura olhar pela janela. Lara pergunta ao longe, sem condições de levantar do lugar:

— O que tá acontecendo?

Faço um sinal com a mão pedindo para que ela aguarde. Eu não sei o que está acontecendo, Dani muito menos, acabou de chegar e está vendo apenas um pedaço de pessoa se transformando em parte de uma parede. Dá para ouvir pequenos gemidos, a agonia de alguém sufocando, quase morrendo. Sinto vontade de abrir aquela porta e tirar o homem de lá, mas ele não pareceu muito amistoso antes de estar preso na parede, então por que eu vou me arriscar assim, de graça?

Observo o homem paralisado e imagino os movimentos que ele tenta fazer a cada gemido que emite. O sentimento de urgência aumenta no meu corpo, me arrepiando inteira. Não desejo ver alguém sofrer. Se o Dani puder me ajudar... Mas machucado do jeito que está, não sei se conseguimos

segurar o homem, se o tirarmos de lá. Ele parecia muito irado quando me encarou, então vai saber qual será a atitude dele ao se sentir livre.

A massa branca começa a se mover e criar um formato diferente bem no espaço onde deve estar o rosto do homem. É como se estivesse sugando uma bexiga pela boca.

— Ele tá sufocando? — Dani me pergunta.

Isso me deixa ainda pior, não podemos deixar aquele homem morrer, nem sabemos quem é. Procuo como abrir a porta, mas não encontro tranca.

— Não tem como abrir isso aqui! Será que é aberto de forma digital?

— Não tá sufocando, não. Ele tá se livrando...

Como assim? Largo a minha busca pela tranca da porta e vejo a boca do homem rasgando aquele material branco do entorno dos próprios lábios. Eles sangram e o líquido vermelho escorre pela parede branca. O contraste do colorado ajuda ver com mais clareza o relevo que ela forma, com o corpo do homem fazendo parte dela. Ele consegue pegar um pedaço grande daquele material entre os dentes e o puxa para dentro da boca, descascando metade do seu rosto.

— Boa! — Eu respiro aliviada e sinto uma enorme surpresa em estar torcendo por alguém que, minutos antes, me olhava com olhos em brasa.

Agora entendo porque sua boca sangra tanto. É muito difícil morder aquele material, parece uma borracha, um látex, e ele precisa alcançar pedaços que estão ficando cada vez mais longe do alcance dos dentes. São algumas mordidas nos próprios lábios até que consiga prender o próximo pedaço entre os dentes e puxá-lo para dentro da boca mais uma vez. Dessa vez, ele leva sorte e aquela gosma branca se rasga de forma contínua, como um abridor de pacote de biscoitos. Ele consegue liberar parte do pescoço e quase a totalidade do rosto, desgrudando a cabeça da parede.

Por um segundo, sinto alívio. Um ser humano livre, alguém que pode nos ajudar.

Em seguida, o medo me chacoalha. Quem é esse cara? O que o manteve preso, e o que ele pretende agora que está solto?

Ele nos olha na porta e grita:

— O que é que vocês querem ainda? Eu já não dei tudo que vocês precisavam?

Daniel olha para mim com curiosidade.

— De onde eu conheço essa voz? — ele pergunta.

— Não parece com a do assistente virtual da casa?

— Siiiiim! — ele aponta o indicador para mim em concordância. — Sabia que já tinha ouvido. Apesar daquela ser bem mais calma.

Não dá para falar no diabo que ele aparece. A voz do assistente virtual da casa volta a soar por alto-falantes que devem estar escondidos até dentro dessa caverna:

— Todos os sistemas de segurança continuam ativos, Evaldo. Não precisa se preocupar com os novatos. Fique tranquilo e continuará recebendo comida.

As últimas palavras são ditas com um tom de sarcasmo que parece emendar em uma leve risada. Claramente isso não é um assistente virtual, ele não teria esses detalhes humanos.

— Vai para o inferno! — o homem grita dentro da sala. — E pare de usar a minha voz!

Em um rompante de raiva, e agora com a cabeça solta da parede, o homem arranca a dentadas os pedaços do material branco que prendem seus ombros. Seus rasgos são feitos como os dentes de um leão dilaceram uma zebra. Cada mordida arranca um pedaço ainda maior, desgrudando-o aos poucos da parede. Existe um momento em que a Física dita suas regras e o peso do tronco solto vence a força do pouco material branco que segurava a parte inferior do seu corpo preso na parede, sendo superada pela gravidade. O homem cai no chão, ainda encasulado por sabe-se lá quantas camadas daquela coisa ele já tenha recebido.

Ele coloca os dentes superiores no piso de cimento bruto e espreme os olhos com força. Vejo que o seu corpo encapsulado se move alguns milímetros para frente. Ele levanta a cabeça, estica seu pescoço até o ponto em que alcança e coloca os dentes mais uma vez no chão. Sinto um arrepio percorrer desde as pontas dos meus fios de cabelo até as raízes dos meus dentes quando entendo o que ele está fazendo. Como se seus dentes fossem garras, ele os encaixa em pequenas reentrâncias ou imperfeições no cimento, usando a mandíbula para se puxar adiante e lentamente vindo em nossa direção.

— Você não tem escapatória, Evaldo. — diz a voz da casa, voltando a usar seu tom neutro e sem sentimento. — Você está preso, eu que mando aqui!

O homem, Evaldo, acho que é assim que está sendo chamado, para por um segundo e grita para toda aquela sala vazia.

— Eu que mando aqui! Pare de usar minha voz, seu desgraçado!

A voz da casa fica em silêncio, o que é horrível, pois assim consigo ouvir o som dos dentes de Evaldo raspando naquele cimento cada vez que ele força o corpo para frente. Percebo que Daniel se encolhe ao meu lado na mesma agonia. Penso em falar algo, cantar uma música da infância, qualquer coisa que abafe aquele som horrível, mas antes disso, a voz retorna a soar dos alto-falantes.

Porém, dessa vez não é mais aquela voz masculina a que estávamos acostumados.

— Oi, querido! Por que você não fica quietinho no canto como quando eu te colocava de castigo?

Evaldo para mais uma vez de rastejar e levanta cabeça.

— Mais respeito com a mãe dos outros, filho da puta! Não ouse usar a voz da minha mãe de novo!

As palavras são cuspidas com tanta intensidade que, mesmo ele estando ainda no meio daquela sala, o sangue voa da sua boca até o meu rosto. Sinto as gotículas e me afasto. Quando volto a olhar para dentro, vejo que o jato de sangue resultado daquele grito explosivo deixou um rastro no caminho que ele queria seguir e uma pequena poça de sangue bem à frente do seu rosto. Ele mergulha os dentes na poça e continua seu caminho.

Agora a voz da casa volta a ser mais grave, não muito. Ela ri de maneira aguda, parece a voz de um personagem de um programa que meu pai gostava de assistir. Trapalhões, o nome, algo assim. Ele me chamava de Zacarias quando era pequena por causa do meu cabel... Ah, é Zacarias o nome, isso mesmo, parece a risada do Zacarias. Isso não vem ao caso, concentra, sua maluca. Concentrar em quê?

— Alice? — Ouço Dani me chamar. — Tá tudo bem?

Percebo que mais sangue corre pelo meu rosto, pingando pelo meu queixo. Não é mais o sangue de Evaldo. É o meu mesmo, que sai da minha boca. Agora, retirada do meu transe dos pensamentos, eu sinto a dor infligida pelos meus dentes fincados nos meus lábios. Já havia mordido eles forte em outras vezes em que ficava tão nervosa assim, mas nunca nesse ponto.

Enxugo o sangue, me mostro surpresa, pois não consegui esconder que não esperava por aquilo e finalmente consigo responder.

— Sim, eu tô bem... Não se preocupe.

O homem continua vindo em nossa direção.



A sala não tem mais de seis metros de comprimento, o que faz com que, mesmo naquela velocidade e esforço, Evaldo consiga alcançar seu objetivo.

Foram dados dois novos tiros daqueles laços brancos que prenderam Evaldo na parede, mas o homem se arrastava no chão tão baixo que nem a fita mais próxima do piso conseguiu acertá-lo. Havia uma limitação para aquela altura.

E não somente na altura. Quando o homem conseguiu alcançar a porta, seguiu apoiando a cabeça sobre ela para conseguir se levantar e em seguida seu corpo para manter-se em pé. As fitas brancas saíam uma de cima da porta que corria seguindo as duas paredes até o outro lado da sala, abaixando no meio do caminho, para que alcançasse a cabeça da vítima. As outras duas fitas saíam de ambos os lados da porta. Uma a cerca de quarenta centímetros do chão e outra quarenta e cinco centímetros acima. Porém, elas também só se emendavam com a fita que saía pelo outro lado da porta somente na metade da sala, e por isso o homem tinha a possibilidade de levantar seu corpo se fizesse isso rente à porta.

Alice e Daniel assistiam passivos o sofrimento do homem até que ele desapareceu do campo de visão e começou a escalada na porta de ferro. Só voltaram a vê-lo quando ele conseguiu ficar de pé e encostado com o rosto na grade da pequena janela.

— Por favor, eu preciso de ajuda...

Os dois ficaram quietos, pareciam não saber o que dizer. Evaldo continuou:

— Eu sou o dono dessa casa. Me prenderam aqui e tomaram conta dela. Não sei se vocês estão com eles, mas por favor, eu espero que não. E se estiverem, que se compadeçam dessa desgraça logo e me matem.

Alice olhou para Daniel. Os dois tinham os olhos arregalados. Logo pareceram concordar em algo quando fizeram sinal afirmativo um para o outro com a cabeça.

— O que você precisa? — Daniel perguntou.

Alice não conseguiu segurar o riso. Sinceramente, estava claro o que o homem precisava. A pergunta não era o que ele precisava, mas como fazer.

— Vocês têm algo que consiga cortar ou rasgar isso aqui?

Ele virou de costas para a janela, balançando e se equilibrando no único ponto de apoio que os dois pés unidos poderiam lhe dar. Aquele material emborrachado subia até a metade da sua nuca, uma vez que não conseguia morder a parte de trás da própria cabeça.

— Se fizer um bom rasgo aí atrás, eu acho que consigo me virar.

Alice riu de novo. Aparentemente tinha crises de riso em momentos de tensão. Enquanto ela não fazia nada, Daniel retirou a carteira do bolso e pegou de dentro dela uma réplica de um cartão bancário, mas que, na verdade, era uma espécie de canivete suíço, com serrinha, abridor de carta, chave de fenda e furos para usar como chave de boca de vários tamanhos. Alice deu uma nova risada, não acreditando no que estava vendo.

— O que é isso?

— A gente nunca sabe quando vai precisar abrir alguma coisa...

Evaldo viu que Daniel estava pronto para continuar o plano, colocou suas costas sobre a porta e levantou seus pés o máximo que pôde estando dentro do casulo. Daniel não teve dificuldade de começar a cortar, passando a mão pelas grades da janela. O material branco era arrebetado como um chiclete já sem açúcar. Quando havia cortado com cuidado até a parte de baixo do pescoço e começaria a ficar difícil de alcançar pela altura da janela as partes que seguiam até o chão, Daniel segurou cada ponta já solta em uma mão e puxou com força em sentidos opostos. O material borrachento se rasgou lentamente, arrebetando várias espécies de nanofibras, parecidas com teias de aranha, porém, muito mais fracas, até pelo menos metade das costas de Evaldo.

O homem quase perdeu o equilíbrio e por pouco não foi com os dentes para o chão mais uma vez. Conseguiu se manter em pé, movimentou-se como uma cobra trocando de pele, tentando desgrudar a pele antiga da sua pele nova até que os dentes cheios de sangue alcançaram a parte emborrachada que antes estava sobre seu pescoço. Se remexendo como uma minhoca dançarina e puxando o casulo com os dentes, conseguiu libertar um braço, logo depois o outro, e aí foi só continuar com a ajuda das mãos para sair por completo daquela prisão que esmagava seu corpo.

— Por que ficou quietinho, maldito? — Evaldo gritou para o alto, para a voz da casa.

O silêncio se manteve, Alice já tinha parado de rir e estremeceu com o som de nada que ficou no ar, quase como o silêncio predecessor de uma discussão que ninguém quer ter em um relacionamento, mas é necessária.

Evaldo se abaixou ao lado da porta de ferro, ainda ofegante. Suas mãos tremiam, ainda com resquícios do material esbranquiçado que havia mastigado até pouco tempo atrás. Ele olhou em volta com pressa, como se esperasse que algo surgisse do teto a qualquer instante. Então forçou os dedos pelo rodapé da parede, como quem procura uma fissura, uma trinca, um segredo escondido ali.

Deu um soco seco contra um ponto específico da parede. O som não foi de concreto sólido, mas de algo oco. Socou novamente com mais força e dessa vez o reboco estalou, soltando alguns fragmentos de gesso. Com a mão sangrando, enfiou o dedo indicador na rachadura e forçou até que o buraco aumentasse o suficiente para passar metade da mão.

CLAC.

O estalido assustou todos que assistiam à cena.

— Tudo nessa casa tem controle digital... mas eu não sou burro — murmurou.

Ele se ergueu um pouco, pressionou o ombro contra a parede e começou a bater com o nó do dedo médio acima da altura da cabeça. O som oco indicava que havia mais coisa por trás daquela estrutura. Encontrou o ponto e socou outra vez.

Nova rachadura, mais poeira e mais esforço para abrir outro buraco com os dedos.

— Isso aqui é redundância de segurança. Protocolo analógico em caso de blecaute ou sabotagem — disse como se estivesse repetindo o manual que criou para si no tempo que passou sozinho na casa.

Um segundo estalido metálico veio quando mexeu dentro daquele buraco.

Ele repetiu o processo quatro vezes, até que seis pontos da parede já tinham sido perfurados com força bruta e revelado trancas rudimentares, mas muito eficazes na situação que se encontrava.

Recuou dois passos e encarou a porta de ferro. Sem pensar duas vezes, desferiu um chute com toda a força. A estrutura de ferro nem se moveu.

— Ah, desgraça! — resmungou.

Chutou de novo. E de novo.

Dessa vez, ouviu um estalo na moldura. Uma pequena fenda surgiu onde antes era uma união sólida entre batente e parede.

Do outro lado, Daniel afastou Alice com cuidado. Já dava para ver as rachaduras se formando ao redor da porta, como uma moldura de espelhos prestes a estourar.

— Ele vai derrubar essa merda — avisou Daniel, puxando a amiga para trás.

Evaldo continuou a golpear, revezando com o ombro e o pé. A cada pancada, novos estalos. Pequenos pedaços de cimento e poeira caíam no chão.

A afirmação de Daniel pareceu dar mais esperança para Evaldo, que aumentou a frequência e a força de seus chutes contra o ferro. Em dado momento, a porta começou a se soltar da parede e, após mais alguns golpes, ela caiu no chão, se desgrudando por completo como a janela de emergência de um ônibus de transporte coletivo.



A poeira levanta do chão com o baque de metal que a pesada porta de ferro faz ao cair. Do outro lado, o homem acabado, chamado pela voz da casa de Evaldo, sangra pela boca e pela mão. Os hematomas aparecem agora não só em seu rosto, mas também nas partes onde sua roupa está rasgada. Parece ter tomado uma surra antes de ter sido colocado naquela prisão. Isso me dá um pouco de medo, pois geralmente quando alguém apanha é porque tem alguma culpa no cartório.

A voz da casa volta a falar com a voz do homem:

— Parabéns, Evaldo, nessa você me surpreendeu. Juro que não esperava por essa saída triunfante.

O som de palmas preenche todo o espaço e é tão alto que vejo o reflexo do meu rosto se contorcendo quando olho para os rostos de Daniel e Evaldo.

— Você ainda não viu nada. — responde o homem, levantando a cabeça e falando para o alto. — Não sei quem é você, nem o que tá fazendo aqui, mas não tem como você conhecer todos os segredos dessa casa.

Uma risada ensurdecadora volta a incomodar nossos ouvidos.

— Interessante. Algo me diz que logo eu conhecerei todos os segredos ocultos aqui. E você vai me mostrar!

O homem fica quieto, parece refletir sobre o que sua própria voz falou e acreditar nela a ponto de se decepcionar.

Então, aparentemente, ele é o dono da casa mesmo. Nosso anfitrião do site de reservas. Ou não, pois parece estar preso faz alguns dias a julgar pelo cheiro que exala, então não seria ele o responsável por fazer nossa reserva. Nem ele mesmo sabe o que está acontecendo na própria casa.

— Como você foi parar aí dentro se você é o dono da casa? — eu pergunto ainda com um tom de desconfiança em minha voz.

A poeira já abaixou e o homem se aproxima de nós, passando por cima da porta caída.

— Eu caí em uma cilada. — ele abaixa a voz e se aproxima dos nossos ouvidos, encolhendo o corpo, contando a fofoca. — Talvez se eu falar baixo enquanto esfrego meu pé no chão, os microfones não captem tudo e ele não nos ouça. — ele realmente raspa o pé no chão continuamente, emitindo um som frequente, alto e chato. — Essa é, na minha opinião, uma das casas mais seguras e tecnológicas do mundo. Um verdadeiro bunker que entra por baixo da terra e tem várias camadas de segurança que impedem uma invasão. Eu a construí. Vocês podem me chamar de maluco e eu posso lhes dizer que eu realmente sou. Um maluco por segurança. Mas um maluco com muita, muita segurança.

Parando para observar, seus olhos arregalados parecem mesmo mostrar um pouco de loucura ou de uma dose forte de crack.

— Escutem — ele continua. — Eu demorei anos para montar esse lugar, e cada vez que descobria uma nova tecnologia, eu a trazia para cá. Tenho meus contatos, inclusive dentro dos maiores exércitos do mundo. O problema foi que houve um vazamento de informações recente sobre desvios de materiais bélicos e de uso exclusivo de forças armadas internacionais e, para que eu não fosse um fugitivo internacional, precisava mostrar minha casa para um grupo de estudantes da universidade de... Não lembro o nome agora, posso ver em minhas anotações depois.

Nada parece fazer sentido. Como esse senhor pode ter tanto poder para construir tudo isso aqui no meio do nada e com tecnologia que nem existe no país? Ele me surpreende com mais uma fala:

— Sei que você está duvidando, menina, sua cara diz tudo. Eu também sei ler muito bem os padrões humanos. Se quiser acreditar em mim, acredite.

Não tem problema se não acreditar, também, mas nesse caso você estará tão encrocada quanto eu.

Eu o olho nos olhos, sinto pavor pelas palavras que acabara de ouvir, mas não quero demonstrar isso. Meus olhos não conseguem mentir, sinto a vergonha tomando conta deles e escorrendo para os músculos do meu pescoço, que me faz desviar o olhar. Evaldo entende isso como uma aceitação da minha parte. E de certa forma, é. Não parece termos muita escolha agora.

— Eles vieram, cinco que se diziam estudantes, e até preparei uma sala para apresentar os principais pontos da casa. Aquela sala ali. — apontou para a sala do outro lado do pátio. — Claro que não iria mostrar tudo que eu tinha, só iríamos até esse nível e eu mostraria apenas o uso dos equipamentos que estavam listados no vazamento de dados.

Com os olhos ainda mais arregalados, ele encara Daniel. A mão sangrando segura o colarinho de sua camisa.

— Nunca deixei ninguém entrar nessa casa antes! Nem minha família. Eles só viriam quando aqui estivesse pronto. E nunca está! Sempre aparecem coisas novas e melhores. O dia que estará pronto será o dia em que precisarmos nos esconder aqui, simples assim. A tecnologia nunca para de avançar, mas nunca está pronta.

Ele solta o colarinho de Dani e desvia o olhar com vergonha. Até sua voz fica mais baixa, o pé para de esfregar no chão.

— Ninguém até o dia em que eles vieram. Eu explicava sobre a casa e seus sistemas de segurança e monitoramento até que, depois de um intervalo para o almoço, os cinco me pegaram assim que entrei na sala para continuar a demonstração e me levaram para aquela sala — apontou com a cabeça a porta arrebentada no chão. — Não sei como eles conseguiram, mas já tinha alguém na minha sala de controle, nas profundezas desse bunker, um lugar que acreditei que só eu conseguiria chegar, mas falhei. Desde então, eu tô preso ali, sendo alimentado com umas pastas horrorosas e sendo preso na parede sempre que não coopero com esses usurpadores.

— Faz quantos dias que o senhor está nessa situação? — eu pergunto.

— Aqui não vejo a luz do dia, então não consigo ter ideia de quantos dias já se passaram. Mas faz alguns dias, talvez uma semana, com uma área de segurança de duas semanas para mais ou para menos.

Se ele está preso há dias, é normal que fique maluco assim, mesmo. De acordo com a faixa de segurança instaurada por seus pensamentos, ele poderia estar preso há menos uma semana, o que teria que fazer voltar no

tempo. Será que tem uma máquina do tempo no meio de todo esse arsenal tecnológico aqui?

— E esses estudantes estão espalhados pela casa ainda, isso? — Daniel pergunta.

— Sim, eles trazem as coisas para que eu me alimente, mas não respondem minhas perguntas, ficam calados. Duvido que sejam estudantes mesmo, parecem mais uns soldados bem treinados sendo controlados como zumbis de controle remoto por seja lá quem está no comando disso.

— Nós encontramos um maluco ali no labirinto que quis atacar nossas amigas. Eu deixei ele desacordado lá.

Só com a menção às amigas que eu lembrei de Lara. Evaldo também parece curioso sobre o plural feminino e seu olhar segue para onde deixei ela mais cedo. Olho preocupada, ela continua ali, mas desmaiada, tão desacordada quanto Daniel deixou o cara no labirinto.

— Vocês deveriam ter matado ele... — Evaldo diz com frieza. — Ela está com vocês?

Eu concordo com um meneio de cabeça.

— Temos dois outros amigos que sumiram ainda lá em cima. Você acha que - -

Ele faz sinal para o seguirmos.

— Vamos precisar sair daqui logo. Se o cara acordar e estiver aqui perto, nós corremos perigo. Precisamos nos armar, se já não fizeram a limpa no meu estoque.

Hesito. O corpo ainda arrepiado, a mente dividida entre a vontade de fugir e o medo de cair numa armadilha.

— E se for uma cilada? — pergunto, em um sussurro só para Dani.

Ele dá de ombros.

— Já estamos na toca do lobo. Pelo menos agora o lobo tá nos guiando.

Evaldo segue em direção à entrada para o labirinto escuro, olha para trás e percebe que estamos reticentes para voltar lá.

— Não tenham medo. Eu conheço isso aqui como a palma da minha mão!

Capítulo 9

O ARSENAL

ALICE LEVOU UM TEMPO ATÉ CONSEGUIR acordar Lara e situá-la, explicando onde estavam e o que estava acontecendo, já que a amiga despertou grogue, febril e quase delirando. Depois tentou argumentar com Evaldo sobre a incapacidade da amiga caminhar e ele respondeu de forma firme:

— No arsenal temos armas e drogas. Eu também sinto todas as dores em meu corpo, mas se eu ficar aqui, logo vou ser capturado por aqueles vagabundos mais uma vez. Se vocês quiserem ficar, tudo bem, mas lembrem-se de que nem mataram o único inimigo que encontraram.

Apesar da hesitação de Alice, a decisão acabou sendo unânime: seguiram Evaldo, com Daniel ajudando a carregar Lara.

Evaldo entrou no labirinto, seguido lentamente pelos dois amigos que carregavam Lara. Assim que a escuridão começou a encobri-los, Daniel comentou:

— Uma lanterna iria bem, não é?

— Não preciso, já falei que conheço isso aqui como ninguém. A luz só vai me atrapalhar, pois depois de alguns minutos seu olho se acostuma com o escuro. Mas se vocês quiserem usar, não tem problema, eles conseguem observar para onde vamos com luz ou sem luz. As câmeras instaladas aqui têm infravermelho e sensores de calor para captar imagens mesmo em condições sem iluminação.

Os quatro caminharam alguns segundos em silêncio até que Evaldo tornou a falar.

— Ah, vi que vocês conheceram minha armadilha mais rústica, a primeira que instalei assim que iniciei a construção do bunker — soltou um riso debochado. — Apesar de parecer inofensiva, acho que foi a mais eficaz até agora. Vocês dois pisaram nela, né?

O silêncio vergonhoso foi resposta suficiente para ele.

— É por isso que não desinstalo ela. Sabia que serviria para alguma coisa em algum dia. Mas não se preocupem, para onde estamos indo, não

passaremos por nada desse tipo.

Caminharam por mais algum tempo, dobrando em algumas esquinas do labirinto. Não era difícil para Alice e Daniel, apesar do pé machucado, pois realmente seus olhos estavam se acostumando com a escuridão e a largura do corredor era exatamente do mesmo tamanho que os três precisavam para passar sentindo os ombros raspando pelas paredes e entendendo quando havia curvas.

— Chegamos!

Os três pararam logo que ouviram. Evaldo começou a bater na parede de pedra com a mão que não estava machucada, andou um pouco para o lado e continuou batendo, até que ouviu um som oco.

— Aqui.

Com uma habilidade de quem sabia o que estava fazendo e que colocava em prática algo planejado por si mesmo, seus dedos se enfiaram em uma massa que imitava a rocha da parede e dobrando-os dentro dessa massa, usou-os como garra para liberar uma pequena porta, uma passagem secreta onde era possível entrar abaixado.

— Sabia dessa aqui, seu corno? — Ele gritou para o alto.

O som de aplausos tornou a explodir nos corredores, fazendo Alice e Daniel se encolherem. Evaldo entrou rapidamente no buraco que abriu na parede e desceu uma escada. Alice foi fazer o mesmo quando percebeu que o anfitrião havia sumido. Foi trabalhoso levar Lara e seu corpo mole como uma geleia lá para baixo, mas com a ajuda de Daniel, eles conseguiram.



Meus braços doem por carregar Lara por tanto tempo. Ela não é tão pesada, é bem mais leve que eu, mas a continuidade de levar seu pequeno corpo por aí transformaram seu peso em uma tonelada para meus músculos. Agora eles doem demais.

Uma luz acende no meio de uma sala grande e cheia de bugigangas de uma pessoa que sofre da doença de acumulador. Existem prateleiras, que deveriam servir para organizar as coisas, mas está tudo uma bagunça tão grande que duvido que algum dia seja possível organizar tudo isso.

— Malditos! — Diz Evaldo, rangendo os dentes. — Eles devem ter entrado pela outra passagem. Levaram tudo!

Isso explica um pouco a bagunça, mas ainda não explica o que é tudo. Falou de drogas e armas, mas aqui parece ter realmente tudo, e não foi tudo que levaram.

Uma cadeira está tombada no chão. Daniel termina de descer a escada e já a coloca de pé, para liberar o peso de Lara do meu braço antes que ele caia fora. Coloco-a com cuidado sobre a cadeira, vejo seu olho revirando a cada vez que ela tenta abrir as pálpebras e digo bem baixo no seu ouvido:

— Vai ficar tudo bem!

Dou um beijo em sua testa e me viro para pedir os remédios para Evaldo. Porém, ao me virar, me deparo com a lâmina de uma faca apontada para o meio dos meus olhos. Atrás dela, desfocado, está o rosto alucinado de Evaldo. Os olhos parecem querer saltar das órbitas.

— Agora me digam — ele pergunta — quem são vocês e por que estão se passando por amigos? O que vocês querem?

Eu congelo. Só quero um remédio, senhor, mas não consigo nem dizer essas palavras. Acho que nunca tive uma faca tão próxima do meu rosto como essa está agora.

— Calma, seu Evaldo... — intervém Daniel.

— Seu, é uma ova! Não sou seu! Não sou de ninguém!

— Ok, ok, desculpe. Nós não estamos fingindo ser seus amigos. Nós estamos na mesma situação que você, presos aqui dentro.

— E como vocês entraram aqui?

“Pela porta”, me dá vontade de dizer para que ele meta essa faca na minha cabeça e acabe com toda essa loucura de uma vez, mas aquele maldito instinto de sobrevivência que nós temos como seres vivos me impede de falar.

— Nós viemos para essa casa em cinco. — Daniel começa a explicar e eu penso que é o mesmo número que Evaldo falou de estudantes. Acho engraçada a coincidência, mas não consigo sorrir vendo meu reflexo no minúsculo ponto na ponta da faca. — Alugamos ela em um site de aluguel de curta temporada, só queríamos passar o fim de semana entre amigos e então tudo começou a dar errado.

As últimas palavras de Daniel saíram guinchadas pelo seu desespero em ver a cena onde a amiga está sendo ameaçada tão ferozmente. Acho que ele também nunca viu uma cena dessas fora de filmes. Nem eu.

Sinto um formigamento na barriga, uma vontade de fazer alguma coisa, mas tudo que passa pela minha cabeça é desesperadamente engraçado. Meu braço quer grudar no punho do homem e empurrar a faca para o lado, mas meu cérebro calcula tudo muito rápido e me retorna que o resultado pode ser desastroso, pois ele parece mais forte do que eu. O comichão desce para a perna, o tornozelo chega a tremer de vontade de acertar o saco desse puto na minha frente e fazer as bolas dele saírem pela garganta, virarem um papo de peru ou algo assim. Viu só como eu penso coisas engraçadas que não deveriam ser pensadas nessas horas? Deve ser assim que funciona a cabeça do Marquera. Por falar nisso, caralho, cadê o Marquera?

— Nossos amigos sumiram — eu finalmente consigo dizer algo contra a faca. — Nós só queríamos ir embora quando tudo começou a ficar estranho, mas dois amigos nossos sumiram e estamos procurando eles.

Evaldo pareceu refletir sobre a possibilidade. A faca continua apontada para o meu rosto, ainda tão perto que, quando olho para ela, vejo a imagem se deformando em duas.

— E como vocês conseguiram vir aqui embaixo?

Daniel se aproxima para falar, mas impede um novo passo quando Evaldo empurra a faca um pouco mais em minha direção. Meu amigo levanta a mão em sinal de que tudo deve parar por ali.

— A Lara, nossa amiga aqui, descobriu o que parecia uma passagem no mapa da casa, uma passagem sem porta, mas também sem mapa após aquilo. Pensamos que pudesse ser uma saída para fora da casa, pois nos prenderam aqui dentro, trancaram todas as portas e janelas. — Ele engole com dificuldade. Sede e desespero, não sei o que entala mais na sua garganta. — Agora, além dos nossos amigos desaparecidos, temos dois machucados, e a Lara não tá nada bem, pode ver. Ela precisa de remédios, que você disse que poderia ter aqui. Pode nos ajudar, Evaldo? — a demora para o homem responder ainda mostra que não está convencido. — Se nós quiséssemos te fazer algum mal, por que iríamos te liberar daquele lugar?

O homem pensa por mais alguns segundos, olha para o teto e a faca começa a descer em direção ao meu peito, à minha barriga, até finalmente se afastar, porém, ainda apontada em minha direção.

— Isso faz sentido — diz Evaldo. — Mas eu não deveria confiar em mais ninguém. Acho que nenhum ser humano é confiável. Vivi muito tempo desconfiando de todos e a última vez que confiei acabei nessa situação.

Ele vira para o lado, solta a tensão dos ombros e finalmente eu me sinto livre do olhar daquela ponta afiada. Ele dá um suspiro.

— Eu acho que devo um agradecimento para vocês. Obrigado. — coloca a mão livre na cabeça e faz expressão de dor. — Eu não tô muito bem, esses dias têm me feito muito mal naquele lugar — exhibe o próprio corpo cheio de sangue, hematomas e com suas roupas coladas na pele. — Olha a minha situação! Espero que entendam...

Não tenho coragem de dizer mais nada. Ele parece realmente confuso e meu medo é de que qualquer palavra entendida com o contexto errado pode transformar ele em um psicótico maluco com uma faca na mão. Daniel parece ter o mesmo medo que eu. Lara balbucia como uma criança enquanto se formam bolhas de baba em sua boca.

— Desculpem, eu vou caçar algo que ela possa tomar. — Ele anda em direção às suas prateleiras e procura algo entre frascos que estão em uma das gavetas abertas. — Tenho alguns químicos aqui que podem ajudar. Com certeza isso vai infeccionar, aquela armadilha tá lá há muitos anos, já deve ter passado todo tipo de forma de vida por ela. Algumas lâminas foram usadas em testes com soluções que criei, depois deixei lá. Ela deve ter pego algum resquício disso, não está nada bem.— Ele revira uns frascos numa prateleira, sem nem olhar direito as etiquetas. — Cloranfenicol com NAC — hesita. — Talvez funcione. É isso ou esperar que piore.

O homem usa um copo de vidro sujo para misturar o líquido de dois frascos que abre e despeja medindo apenas com o olhar cada um. Chacoalha o conteúdo e entrega para Daniel.

— Dê metade para sua amiga. A outra metade, você pode beber, não sabemos se você também acabou afetado pelas substâncias que têm lá. De qualquer forma, isso é um bom antibiótico também, vai servir de todo jeito. Vamos nos preparar, ver o que sobrou no arsenal e, antes de sair, vamos criar um plano para tentar chegar na sala de controle e destronar esse pária que tomou meu lugar.

Daniel pega o copo com a expressão carregada de dúvidas. Tantas que ele nem sabe qual tentar sanar primeiro. Deixo que ele se preocupe apenas com as dúvidas relacionadas ao que ele vai ter que beber, então pergunto sobre algo que me incomoda:

— E ele não vai poder ouvir nosso plano?

O sorriso sádico de Evaldo me mostra que ele realmente quer alcançar esse objetivo e sabe o que está fazendo. Ele me responde:

— Essa sala é o único ponto cego. Eu construí assim de propósito. — Ele faz uma pausa, olhando fixamente para nós antes de completar com desdém.
— Mas ele sabe que estamos aqui.

Capítulo 10

TIROS TROCADOS

DEPOIS DE DUAS HORAS DENTRO DO ARSENAL, os quatro saíram juntos por uma outra passagem, onde os invasores haviam entrado para esvaziar o que tinha lá dentro. Um acesso que já os deixava no andar abaixo do labirinto.

Deixaram o local preparados, com Daniel, Alice e Evaldo levando mochilas rechonchudas nas costas. Na mão, Evaldo trazia uma mini UZI, provavelmente a única arma de fogo deixada para trás ou não encontrada pelos afanadores. Lara mancava, mas já estava andando ao lado de sua amiga, apoiando-se apenas em seu ombro. Os curativos em torno dos pés dela e de Daniel eram novos e estavam limpos.

Alice parecia preocupada com a amiga:

— Se precisar parar para descansar, ou se precisar que te carregue, me avisa.

Lara sorriu.

— Seria até bem agradável, mas eu tô me sentido bem, eu juro.

— Ok.

Estavam em um grande salão com teto oval, altas colunas de concreto e ferro rústicas que seguravam a terra acima de suas cabeças. Era um espaço de testes para maquinários grandes, os quais alguns estavam abandonados pelos cantos, enquanto outros pareciam megazordes preparados para uma guerra, como os que estavam no jogo que Marcos e Daniel jogaram mais cedo.

Daniel, por sinal, estava impressionado com aquilo. Esporadicamente cochichava uma ou outra pergunta para Evaldo, mas este estava compenetrado em sinais de movimentação no entorno e nem parecia lhe ouvir.

Mas ouviu o grito vindo acima de um pedaço de rocha de uns quatro metros de altura. Todos ouviram e tiveram os movimentos congelados instantaneamente, um instinto de seus corpos. Considerando as posições que tomaram, já estavam esperando que iriam encontrar alguém logo ao sair do arsenal.

Mas ninguém estava tão preparado quanto Evaldo. Assim que a voz gritou:

— Ei, profe, aqui em cim- -

Uma rajada de balas de sua submetralhadora fez um rastro no teto daquele salão, terminando o arco no corpo do homem antes mesmo que ele terminasse sua frase.

— Caralho, o que foi isso? — Alice perguntou ofegante.

— E se for o Marcos? — Perguntou Lara.

Evaldo abaixou a arma e começou a caminhar na direção da rocha.

— Se fosse o amigo de vocês, deveria ter se mostrado de outra forma. Se for ele mesmo, não tinha o que fazer, a segurança vem em primeiro lugar; se não fôssemos nós a matá-lo, seríamos mortos por ele.

Ele olhou para trás e sem parar de andar convenceu os outros a segui-lo.

— Vamos ver se ele carregava algo que vamos precisar. Vocês deveriam ter revistado aquele que deixaram no labirinto também.



Eu nunca tinha visto alguém morto fora de um caixão, ou fora de um acidente de trânsito, ainda dentro do carro. Nunca um todo torto, espalhado pelo chão com os membros abertos como se fosse uma suástica. O chão no entorno se enchendo de sangue que sai dos furos de cerca de uma dezena de balas que o cravejaram.

Nunca até agora.

Ele não parece ter cara de malvado, de quem ia fazer algum mal para a gente, como aquele outro, no labirinto, parecia prometer. Mas também não tem cara de que sentiu dor antes de morrer, o que significa que essa é só a expressão neutra de seus músculos da face relaxados antes que comecem a endurecer e mostrar os dentes em um sorriso macabro.

Sim, já vi fotos e vídeos de pessoas mortas, já até estudei sobre isso; mas nunca foi assim ao vivo. É muito diferente. Você sente o cheiro de ferro exalando do corpo, você sente que o corpo está se esvaziando não só de sangue, água e reações químicas, mas de vida. É bem horroroso, mas pelo menos eu fiquei feliz em ver que não era o Marquera.

— Era um dos vagabundos da universidade, mesmo. — disse Evaldo enquanto chutava a cabeça do morto.

Eu pensei em repreendê-lo, mas senti que ele precisava descarregar aquela raiva em alguém. Não deve ter sido fácil passar todos aqueles dias preso e resistindo a indução forçada que queriam fazer para que ele lhe passasse todas as informações e trabalhasse para eles. Sério, ver Evaldo agora lavado e com uma roupa nova me mostra a dignidade que ele teve que perder para não se entregar. É um homem forte pra caralho e tá segurando uma mini metralhadora nas mãos. É melhor que desconte a raiva nos inimigos mortos do que em mim.

— Você disse que eram cinco, não é? — perguntou Dani. — Se aquele cara que eu deitei lá no labirinto acordar, sobraram quatro, isso?

Lara dá a primeira risada sincera depois de ter pisado na armadilha.

— Acordar? É claro que vai. Você acha que mata alguém com essa sua fúria do Yancha, Dani?

Daniel faz uma careta para ela. Evaldo ignora a brincadeira.

— Eu só vi os mesmos cinco durante os dias que estive preso, mas isso não quer dizer que ninguém mais possa ter entrado. Foram alguns dias... Acho melhor não contar com a sorte e estarmos prontos para muitos outros. Eu não sei quem está no comando, mas eu tô achando ele muito quietinho desde que saímos do arsenal.

Parece que a menção à voz de Evaldo saindo pelos alto-falantes a despertou. É engraçado como a mesma voz pode causar sentimentos tão diferentes em nós só pela variação de volume, de forma de reprodução vocal, ou pelo tom usado. Na verdade não é a mesma voz. A voz do Evaldo é a voz do Evaldo. A voz da casa pode ter o timbre da voz do Evaldo, mas é a voz da casa, tem suas características. Essa, sim, me arrepia.

— Não estou quietinho, só estou me entretendo com vocês. Não achei de bom grado o que fizeram ao integrante do nosso time. Ele só queria se aproximar para propor um acordo.

— Eu não faço mais acordos com ninguém! — Responde Evaldo com uma outra voz, ainda dele, mas que me assusta como a voz da casa.

— E o que é que você está fazendo com esse grupo, lobo solitário? Vai dizer que se unir a eles para poder escapar da prisão não é um acordo? Eles são humanos também, Evaldo. Você sabe que humanos sempre mentem!

— Vá se danar! — grita para o alto e ignora qualquer palavra a partir de então. Começa a remexer no casaco do homem morto atrás de algo que pudesse nos ajudar.

— Tudo bem, então — responde a voz da casa. — no próximo encontro, não haverá conversa. Apenas tiros. É este o seu acordo?

Evaldo resmunga, e pela primeira vez vejo sua certeza titubear. Seus movimentos ao revistar o corpo são mais bruscos, quase desesperados. Quando ele puxa uma pistola do casaco do homem, seus olhos encontram os meus por um segundo. Ele hesita, repensa, depois a oferece a Dani.

— Sabe usar uma dessas?

— Nunca usei...

— Eu sei! — Lara diz prontamente.

Evaldo olha para Lara e a avalia. Não teve muita conversa com ela, pois a maior parte do tempo ela estava delirando. Apesar disso, ele não via muito mais escolha do que confiar na gente. Só haviam humanos ali.

— Entregue para a garota! — ele pediu.

O sorriso de Lara se torna tão grande quanto eu jamais havia visto. Não sei se é uma paixão por armas que eu desconhecia ou se é uma nova forma de ver a vida depois da experiência de quase morte que ela passou, mas ela parece muito feliz.

Por fim, Evaldo vira o cadáver de bruços e revista a parte de trás do corpo como se fosse um boneco. Não encontra mais nada que pudéssemos usar. Então dá dois tiros em cada mão do homem morto e segue o caminho para descer daquela rocha.

— Para não puxar meu pé à noite.

Essa superstição nesse lugar me assusta.



O que eles não esperavam é que o controlador da casa precisaria de um novo soldado para repor aquele que havia caído. E o que esperavam ainda menos é que o substituto seria um velho conhecido deles.

Capítulo 11

RECONHECENDO O AMBIENTE

O MEDO ME ACOMPANHOU DURANTE TODO O RESTO da travessia do salão. A tensão fazia com que Evaldo não tirasse os olhos de todos os cantos por onde sua visão podia alcançar, bem como Lara fazia o mesmo com a pistola em mãos. Eu não tinha arma, mas meus olhos se tornaram uma. Varriam cada sombra, cada canto, buscando o menor sinal de movimento. Meu corpo inteiro era um gatilho esperando para disparar um grito de alerta.

De qualquer forma, passamos essa parte do caminho sem nenhuma intervenção. Agora acabo de me assustar ao entrar em uma nova porta que leva a uma nova sessão de bizarrices.

E essa é realmente bizarra.

— Mas que merda é essa? — Ouço Dani dizer.

É um longo túnel, quase não dá para ver seu outro lado. Também é largo suficiente para que um avião de carga pudesse passar com tranquilidade por ali. De ambos os lados, duas grandes esteiras estão desligadas. No teto existem algumas dezenas de talhas espalhadas pelo ambiente, com tantas correntes distribuídas no alto que parecem até formar uma decoração natalina monocromática.

Mas o mais estranho é o que há no meio de tudo isso. São réplicas de animais, de trens, de átomos em grande escala, e sei lá o que significa a maioria do que vejo... Uma cacofonia visual. Um zoológico de objetos que não conversavam entre si. Meu cérebro tenta encontrar um padrão, uma lógica, mas quanto mais observo, mais parece que estou tendo um derrame e que vai se desligar.

— Aqui é a sala onde fiz a maior parte do treinamento do sistema de câmeras da casa. É quase como um estúdio de Hollywood, mas bem mais precário em efeitos visuais. — Evaldo ri com um orgulho sinistro. — Foi preciso fazer simulações de padrões de movimentos, uma vez que não são todas as coisas que tem padrões como rostos ou formato de corpo. Tudo pode ser uma ameaça, até mesmo um pedaço de pedra caindo do céu. A

diferença entre um meteoro e uma rocha, além de sua composição, é a forma que ele se move. Um deve ser ignorado, outro eliminado.

Eu olho uma rocha quase tão grande quanto aquela que subimos no salão anterior. Será que usava aquela coisa para simular um meteoro? Aquilo poderia estragar um país inteiro se caísse na Terra. Será que a rocha na outra sala estava sendo preparada para uma simulação com um asteroide ainda maior?

— Não seria mais fácil usar IA para criar essas simulações? — pergunta Daniel.

— No meu caso, não. Eu criei essas câmeras. — diz Evaldo, com um orgulho doentio. — Elas não mandam imagens, mandam apenas dados filtrados. Menos de 5% do que a lente capta. O resto, cores, padrões, movimentos repetitivos, é lixo. É descartado aqui mesmo. Isso economiza uma energia absurda e me impede de depender de uma IA externa, que seria um risco de segurança.

Daniel fica boquiaberto.

— Então quer dizer que as suas câmeras já fazem um pré-processamento antes de enviarem as imagens?

— Na verdade elas nem processam imagem. Tudo acontece com transmissão de dados encriptografados de forma que mais de 95% de uma imagem possa ser descartada por não precisar de atenção. Isso acelera a transmissão dos dados importantes e também o processamento deles.

Paramos ao lado de um trilho de trem que me lembra um brinquedo que meu irmão tinha quando criança, um mini trilho onde um trenzinho passeava dando voltas e mais voltas até acabar a pilha. Ele adorava aquilo. Iria achar sensacional ver um desse tamanho, mesmo que esse vagão não tenha nem um pouco da luxuosidade da locomotiva que ele adorava brincar.

— Por exemplo. — Evaldo aperta um botão e um carrinho com uma silhueta humana começa a se mover em um trilho. — Para uma câmera normal, capturar essa imagem é um gasto de processamento inútil. Para as minhas, é apenas um padrão a ser ignorado. — Ele aperta um segundo botão. A silhueta no carrinho de repente se inclina para frente, como se fosse cair. — Agora, isso é um comportamento anormal. Um dado que vale a pena enviar. Elas só se atentam à quebra de padrão. O restante, cenários, — aponta para o teto e os maquinários presos na parede — ventiladores, padrões repetitivos ou que não apresentem risco, devem ser ignorados.

Daniel continua impressionado.

— Quanto tempo você levou para fazer esse treinamento?

— Já cataloguei alguns milhões de comportamentos anormais e perigosos que elas devem se atentar. Cada vez eu adiciono novas, mas aqui para a minha casa já tenho simulado quase tudo que poderia acontecer com ela. Até mesmo eventos sobrenaturais...

Evaldo aperta o primeiro botão mais uma vez a silhueta para de correr pelo trilho. Sem mais nenhuma palavra de Daniel, que agora segue quieto e perdido em pensamentos, nós continuamos a seguir pelo túnel.



O fim do túnel dava em uma pequena porta que Evaldo abriu com o toque da palma da mão sobre uma superfície escura e lisa. Os quatro atravessaram para a sala adiante e pararam logo na entrada.

Muito parecida com aquele jardim vitoriano após o labirinto, mas em proporções muito maiores, essa nova sala continha três passagens, uma de cada lado e uma bem pequena em frente. Esta, por sinal, era a única que estava fechada.

— O merda! Tá fechada...

— Só tem essa entrada? — perguntou Alice.

A voz do controlador da casa não deixou nem que Evaldo respondesse a nova colega.

— Infelizmente para vocês, essa é a única entrada para a sala de controle. Vocês não acharam que eu ia deixar aberta, não?

Evaldo claramente demonstrou sua decepção e raiva.

— Você é tão imbecil, que acreditei que poderia ter deixado isso aberto. Mas não tem problema, você não sabe de tudo que eu criei nessa casa.

A risada voltou a preencher todo o espaço, saindo de todo e qualquer alto-falante, por mais escondido que estivesse. Com exceção de Evaldo, todos taparam os ouvidos para tentar manter a sanidade. Depois de mais de um minuto daquela tortura, Evaldo também acabou se rendendo e o som encerrou assim que ele coloca os dedos nos ouvidos.

Os quatro trocaram olhares, já percebendo que o plano inicial que haviam definido ainda no arsenal não funcionaria como imaginavam. Lara foi a primeira a ter coragem de perguntar:

— E agora?

Evaldo se aproximou dos outros e abaixou a cabeça, num claro convite de que todos fizessem o mesmo. Olhou para os lados e mudou de ideia, segurando o braço de Alice e puxando apenas ela para perto de si.

— Melhor falar bem perto do ouvido de cada um, que as chances dele ouvir são menores. Esses microfones captam qualquer ruído e estão espalhados por todo lugar. Nem eu mesmo sei onde estão sem uma planta de instalação.

Ele começou a raspar o pé no chão, enquanto Daniel improvisou um samba batendo as palmas das mãos. Alice virou a cabeça para que Evaldo lhe cochichasse a novidade no plano que haviam traçado. Ele se aproximou de seu ouvido e começou a falar. Uma buzina bem alta tocou assim que o controlador percebeu que não ouviria a fofoca.

— Eu também quero saber! — disse a voz vinda dos alto-falantes.

— Vai à merda! — mandou com firmeza Evaldo.

O dono da casa puxou Alice e grudou a boca no ouvido dela, parecendo um sugador de cérebros que estava com muita fome e lamperia o tímpano de sua vítima até ele arrebentar.

Alice pareceu entender, mesmo com a buzina voltando a tocar nos alto-falantes. Evaldo então fez o mesmo com Lara, e por fim com Daniel.

— Boa estratégia, Evaldo. — disse a voz pelos alto-falantes. — Mas será que eu já não sei qual é o seu novo plano, ou quem sabe eu não tenha ouvido tudo? Você sabe que esses microfones são potentes.

— E você sabe que não tem como ouvir nada com essa buzina que você tocou!

O silêncio pareceu um gesto de aceitação. Evaldo encheu o peito, orgulhoso, levantou a submetralhadora, colocando-a sobre o ombro, e com confiança seguiu para o grande portal em formato de arco que estava à direita do grupo.

Um novo corredor comprido se estendia em frente. Lara reclamou.

— Não tem um corte de caminho ou algo assim?

Alice se mostrou preocupada com o curativo que havia feito na amiga.

— Tá doendo muito? Quer mais uma dose de analgésico?

— Tá doendo, mas dá pra aguentar. Só acho que podíamos dar uma descansada, né?

O olhar de Evaldo para Lara a fez refletir que talvez fosse melhor não dar mais essa opinião não solicitada, por mais que seu pé estivesse arregaçado e dolorido.

Enquanto caminharam pelo corredor, Evaldo explicou mais algumas funcionalidades daquele novo espaço.

— Por aqui entraram as peças que utilizei na sala de treinamento das câmeras; tem espaço suficiente para passar qualquer tipo de objeto gigante, até mesmo um avião, se pousasse aqui. Mas a saída lá no final leva para um elevador que sobe para um hangar. É por onde tudo aqui chega e quase nada sai, a não ser lixo.

Alice resmungou baixinho.

— Hoje eu quero é ser o maior lixão desse mundo.

Lara riu da afirmação da amiga e a abraçou.

— Eu iria com você até para o aterro sanitário, se fosse pra sair desse lugar.

Quando soltou o abraço da amiga e apoiou o pé machucado no chão, fez uma careta de dor que se desfez com pressa. Olhou para o pé e depois para os amigos que continuaram andado em frente e voltou a andar mancando, fazendo o possível para que não chamasse mais atenção para seu membro ferido.



É um saco chegar em um ponto e precisar dar dez passos atrás.

Desde que tínhamos estabelecido o plano de invadir a sala de controle e tirar a força quem está lá dentro, eu me sentia confiante, sabia que iria sair muito em breve, o Evaldo parecia saber tudo que estava falando.

Mas aparentemente nem ele esperava que seríamos barrados tão cedo.

Tudo bem, ele deu uma nova saída para nós, mas ia ser muito mais trabalhoso. Além de ter que enganar o controlador, precisamos dar uma volta enorme para encontrar um dos dois disjuntores que desabilitam parte da casa. Depois precisamos ter sorte de conseguir chegar ao outro e fazer o mesmo, para então liberar a porta de entrada para a sala de controle. O problema é que assim que desativarmos o segundo disjuntor, nós não

precisamos mais da porta, pois este puto dispositivo fica para o lado de dentro dela.

Portanto, a ideia é só entrar naquela área, de uma forma que Evaldo ainda não nos contou, e invadir a sala de controle. Desligar o disjuntor vai nos dar tempo para planejar isso com tranquilidade e ainda confundir quem está no comando. Ele não vai imaginar o que está acontecendo e ficará preocupado com outros disjuntores que possam ser desligados, então ficará mais ocupado nessa busca de segurança do que nos procurando na escuridão tecnológica que ele vai enfrentar. Fingir que vamos em direção da saída, apesar de querermos muito fugir, mas ele não vai deixar, também vai confundir ele e nos dar espaço para chegar ao disjuntor. É um bom plano, visto as condições que nos encontramos, mas algo ainda me preocupa.

Dani está bem, mas Lara já fez algumas caretas de dor e está mancando cada vez mais. Espero que não tenhamos que andar muito ainda, pois ela precisa descansar e talvez trocar o curativo.



Ao se aproximarem da porta no final do túnel, a voz voltou a ser ouvida nos alto-falantes:

— Então quer dizer que vocês estão de saída...

Todos fizeram uma expressão neutra, com exceção de Evaldo, que demonstrou a raiva que sentia por aquela voz.

— Isso não te interessa, seu merda!

Evaldo colocou a mão sobre a superfície lisa e preta que lê sua palma. A grande porta se abriu. Os quatro entraram no novo espaço enquanto a voz seguiu falando.

— É do meu interesse sim. Muito do meu interesse.

A nova área continuava colossal e tinha uma porta para a esquerda que acessava um depósito e à direita uma grande grade fechava o vão de um elevador.

— Este é o elevador que vai nos levar para cima. — disse Evaldo.

Assim que ele terminou a frase, um rangido metálico veio de cima, seguido por um zumbido grave. A luz de LED acima da grade se acendeu,

uma seta vermelha apontando para baixo. O elevador estava descendo. Evaldo paralisou no mesmo instante.

— Seria uma pena se ele descesse com vocês ao invés de subir, não é? — a voz ecoou — Eu iria ficar muito decepcionado se em vez de vocês tentarem fugir, fossem para o andar de baixo atrás do disjuntor que me deixa parcialmente cego.

Todos se mostraram surpresos com essa afirmação, mas Daniel foi aquele que ficou mais e não aguentou sem questionar Evaldo.

— Você disse que ele não sabia!

Evaldo ignorou completamente Daniel, como se nunca tivesse ouvido qualquer bobeira que já saiu de sua boca.

— Disjuntor? Que disjuntor?

Dessa vez a risada não foi ensurdecadora como as outras. Foi uma risada natural do controlador, seguida da frase que deixaria todos de ombros caídos.

— Vocês acham que eu sou bobo, não é? É claro que o Evaldo não vai abandonar isso aqui, não quer sair, a não ser que seja para chamar reforços. Eu sei de tudo, sou onipotente e onipresente. Eu já disse, eu controlo essa casa e vocês deveriam aceitar a posição em que estão e aprender sobre nossas novas regras de convivência.

O elevador continuava descendo. Evaldo desviou momentaneamente o olhar do led em formato de seta e olhou com raiva para Daniel. Este apenas levantou as mãos ao lado do corpo.

— Foi mal, eu fui pego de surpresa. Não imaginei que iria entregar tanto o jogo assim...

Apesar de tentarem esconder o jogo, haviam vários arquivos da construção e expansões do complexo construído por Evaldo. Se o controlador quisesse, ele poderia ver tudo e achar os pontos fracos, como o caso do disjuntor. Evaldo devia saber disso, por isso não seguiu cobrando o colega. Quando voltou a olhar para frente, Alice lhe perguntou com um cochicho:

— Então ele pode mandar a gente pra cima e nos tirar do nosso objetivo de novo, né?

A mandíbula de Evaldo quase trincava com a pressão que ele fazia no encontro de seus dentes molares. Sua voz saiu como um chiado.

— Esse elevador não tem um controle virtual, o que quer dizer que somente é acionado por alguém dentro dele, apertando os botões físicos. —

ele olhou para Alice e depois para os outros. Nós ainda podemos ir para baixo, mesmo Daniel tendo revelado a nossa verdadeira busca, mas o problema é que acho que tem gente vindo nesse elevador.

Todos ficaram impressionados com a nova informação. Evaldo levantou a submetralhadora e deixou-a mirada para o vão do elevador. Lara fez o mesmo com a pistola, apoiando seu pé machucado com força sobre o chão. Iria precisar de muita sustentação para não perder o equilíbrio se fosse atirar com aquela arma.

O elevador finalmente apareceu sob o vão. Uma caixa metálica do tamanho do túnel, se não maior ainda. Uma pessoa estava lá dentro, mas muito longe deles para ser reconhecido.

— Eu disse que não ia dar chances para ninguém! — gritou Evaldo para o ar, esperando que chegasse aos ouvidos do comandante atual da casa.

A risada tomou mais uma vez conta do ambiente, mas dessa vez Evaldo não ficou só parado, ele mostrou que conseguia se movimentar mesmo naquela situação extrema. Segurou com firmeza a submetralhadora e deixou na mira o homem que caminhava em sua direção.

Assim que saiu do elevador, as luzes do túnel mostraram de quem se tratava.

Mais uma vez, todos ficaram boquiabertos. Inesperadamente, para todos eles, surgiu Marcos.

Capítulo 12

MARCOS

POSSO DIZER QUE ME SINTO ENVERGONHADA, mas com certeza a felicidade por ver Marcos mais uma vez, vivo e aparentemente bem, é muito maior do que qualquer sentimento de culpa ou remorso. Não ter pensado no amigo durante as últimas horas faz eu me sentir como uma péssima pessoa, totalmente egoísta; mas o que eu poderia fazer? O que nós poderíamos fazer, se estamos vivendo nesse pesadelo, as energias esgotando e nem sinal dos nossos amigos, somente uma luz no fim do túnel, somente desejando sair dessa casa e ir para o mais longe possível desse mundo brutal. Por que o ser humano pode ser tão brutal, tão maluco?

Mas deixo esses devaneios de lado, pois o Marquera está aqui. Acaba de sair do elevador e caminha em nossa direção. Ouço Lara gritar seu nome, Daniel chamar pelo melhor amigo do colégio e até mesmo a minha voz transmitir todo o alívio, felicidade e saudade que eu sentia desse cara.

Com certeza isso supera qualquer sentimento ruim.

Mas não por muito tempo. Vejo Daniel se aproximando de Marcos, alguns passos à minha frente, correndo para abraçá-lo, mas parando repentinamente. Eu o imito em uma expressão corporal confusa, que não sabe se quer continuar seguindo a inércia ou se segura toda a velocidade de uma vez. Acabo parando lado a lado com Daniel e sinto que Lara também para ao nosso lado, enfileirando nós três de frente com Marcos.

Ele segura a mão levantada, um sinal que pode dizer duas coisas: “Drogas, nem morto”, mas acredito que essa frase não faz sentido para Marcos; ou “Pare! Fique longe!”, o que também não faz muito sentido. Acabo acreditando na segunda opção, porque enquanto diminuíamos nossos passos ele abriu a boca para falar:

— Tenho coisas sérias para falar com vocês. Fiquem aí para não termos problemas.

Um riso escapa pela minha boca. Ele não pode estar falando sério.

— Eu tô falando sério. Me levem a sério, pelo menos uma vez na vida! Não precisam rir de tudo que eu falo.

Ele tá puto.

— Quem é esse? — pergunta Evaldo, empunhando a submetralhadora e andando para o lado, abrindo o raio de alcance para caso precise atingir o garoto sem nos machucar.

— É nosso amigo! — eu digo com pressa. — Não precisa se preocupar, é o Marcos, aquele que contamos que sumiu perto da meia-noite.

— Sumiu de forma suspeita, não? Onde você tava?

Marcos abaixa a cabeça e inspira todo o ar que consegue. Suas costas chegam a saltar visto a quantidade que ele inala, e de repente essa corcunda desaparece quando ele solta todo o ar de uma vez.

— Evaldo, abaixe essa arma. Não sou teu inimigo, eu tô aqui pra ajudar!

A dúvida se alastra por entre nós como uma faísca sobre a trilha de pólvora antes de explodir uma dinamite. Como ele sabia o nome do dono da casa? É a pergunta que todos fazemos, uns de forma completa, outros sendo interrompidos. Talvez só Evaldo tenha conseguido formular a pergunta inteira e não tenha se importado em interromper mais ninguém.

— Eu tô mais por dentro do que você sobre sua própria casa. Eles me contaram tudo.

Mais uma sequência de perguntas “eles quem?”, “quem são eles?”, “quem eles pensam que são?” são disparadas na direção de Marcos. Ele nos cala mais uma vez com a mão espalmada, dessa vez com rosto de tão poucos amigos que parecia também estar recusando droga.

— Se vocês me deixarem falar, eu consigo explicar. Então a primeira coisa que vamos precisar é que você abaixe essa arma, Evaldo.

O dono da casa me olha sem reação. Eu aceno com a cabeça, confirmando para que ele abaixe a arma. Espero que não seja louco e acredite que minha confirmação foi um pedido de ataque.

Ele entende e abaixa a mira da submetralhadora para o chão. Solta a outra mão e mostra que não tem nada nela. Um sinal de paz, mesmo que temporário.

— Nós estamos em algo muito maior do que eu poderia imaginar. — Marquera começa. — Vocês sabem que eu não estaria falando desse jeito se não fosse algo sério. Então eu preciso que vocês confiem no que eu vi e me sigam.

Ele se vira e inicia uma caminhada em direção ao elevador. Deve estar realmente confiante que nós o seguiríamos sem maiores informações. Por

mais que ele seja meu amigo, nas vezes que confiei no Marcos, só tomei no cu.

— Pra onde? — pergunta Dani com a intimidade que acredita ter desde a infância com o amigo.

Marcos vira seu rosto em nossa direção, seu olhar está pegando fogo.

— Porra, que caralho! Por que vocês simplesmente não confiam em mim?

— Confiar em você? — Lara ri. — É difícil mesmo.

Marcos mexe na cintura e tira uma pistola de debaixo da sua camiseta. Aponta a arma na nossa direção e passa de um por um. Para com ela apontada para Evaldo, que também já levantou sua arma contra ele.

— Acreditam agora? — Marcos pergunta.

Ficamos todos quietos. Marcos mantém a pistola apontada para Evaldo até que deixa o braço cair, o tronco seguir o mesmo arco e começa a sorrir. Levanta a cabeça e vira de costas para nós, então volta a falar, parece minimamente mais amistoso, mas ainda assim de uma forma tão macabra que nunca percebi nele antes.

— Esse pessoal que invadiu sua casa, Evaldo, não é qualquer gente. Os caras são grandes, você mexeu com coisa grande aqui. Não sei qual é o seu real objetivo com esse lugar, se era só montar mesmo a casa mais segura do mundo, mas eu começo a concordar com eles quando dizem que você é só um maluco.

A submetralhadora chega a pular na mão de Evaldo quando ele se empertiga diante daquela afirmação. Marcos não para seu discurso, agora olhando-nos de frente.

— De qualquer forma, seu plano falhou. A casa mais segura do mundo foi invadida, e agora eles precisam testar esse nível de seguridade. Está cheio de gente lá fora, exércitos prontos para fazer todo tipo de teste aqui, e por isso não podemos sair até que tudo esteja terminado.

— Mas que baboseira! — cospe as palavras o dono da casa. — Desde quando iriam fazer testes com civis aqui dentro?

— Eu já disse que esse pessoal não é qualquer gente. Assim como você tinha livre arbítrio em um grupo de pessoas influentes, eles têm um poder muito maior, com muito mais informação. E com muito mais capacidade de esconder ou apagar informação do que você já teve.

O pomo-de-adão de Evaldo sobe e desce num movimento brusco. Ele engole em seco, e a secura da minha própria garganta responde em

solidariedade. Pela primeira vez, o homem que parecia inabalável está visivelmente desestabilizado, até mesmo mais do que no momento em que ele viu a porta que dava acesso à sala de controle trancada.

— E o que temos que fazer? — Evaldo pergunta. — Se esconder no último subsolo e esperar que tentem arrebentar a casa inteira com bombas?

— Temos que fazer alguns trabalhos solicitados pelo comandante. — Marcos responde. — O mínimo para que a casa mantenha-se funcionando durante o período de testes. Temos mais gente aqui dentro, e provavelmente, conforme forem conseguindo entrar, teremos ainda mais. Vamos ter que testar até quando ela pode ficar de pé.

— E por que eu vou ter que trabalhar para esses caras que invadiram minha casa?

— É isso ou volta a ficar preso. Ou foge e morre por algum dos ataques lá fora. Tem também a grande quantidade de informação sobre você que está a disposição deles. Não só dos trambiques que você fez para conseguir construir esse lugar, mas das suas coisas mais privadas. Você acha que só você tinha câmeras em todo lugar? Ou acesso aos seus arquivos?

Marcos coloca as duas mãos ao lado do rosto, os dedos encostando nas bochechas e faz um sinal quase infantil para Evaldo enquanto fala:

— Quem será o macaco Lulu? Quem será o macaco Lulu?

Eu não tenho ideia de quem é o macaco Lulu, mas aparentemente Evaldo sabe muito bem. Ele fica tão surpreso que a sua arma volta à posição de descanso bem devagar. Deve estar passando um filme na cabeça dele, e não é um filme bom. Marcos volta a falar conosco:

— Eles têm todo tipo de arquivo nosso. Todo tipo de informação que já transmitimos pela internet, que armazenamos em algum lugar, gravações comprometedoras... Eu não vi as de vocês, acho que eles têm um mínimo de decência em privacidade de dados, mas tem muita coisa horrorosa minha nas mãos deles. E eu nem sabia que poderia ser tão ruim até assistir.

Daniel dá um passo a frente.

— Cara, nada a ver isso aí. Você vai se deixar intimidar por isso?

— Pense na coisa mais vergonhosa da sua vida, Dani. Agora imagine isso aumentado uma tonelada de vezes. É algo tão horrível que seu cérebro deu um jeito de apagar da sua lembrança, é escroto, é nojento!

A expressão de Marcos realmente demonstra que é algo desagradável, mas eu não consigo imaginar o quanto o que ele fez deve ser para deixá-lo nessa

situação. As palavras escapam pelos meus lábios, não por curiosidade, mas para tentar entender a situação.

— O que pode ser tão ruim a ponto de você apontar uma arma para a gente?

— A gente pode resolver isso, cara. — diz Lara. — Não pode ser algo que vai acabar com a sua vida pra sempre.

Marcos levanta o olhar com uma leve sombra de esperança. Talvez, depois de tantas horas sozinho com desconhecidos, ele precisasse sentir a parceria que só amigos conseguem ter em conjunto.

A voz dos microfones volta a retumbar.

— Não esqueça da sua missão, Marcos!

O brilho verde que havia no olhar de Marcos se transforma em cinzas tão rápido quanto um incêndio no cerrado durante o inverno.

Então ouvimos outra voz muito conhecida saindo pelos alto-falantes.

É Camila.

Pedindo ajuda.



A boca de Alice se escancarou quando ouviu a voz de Camila pelos alto-falantes. Assim como encontrar Marcos, ela não parecia esperar ouvir a voz da amiga de novo tão cedo.

— Marcos? Por favor, não me deixe aqui sozinha...

Marcos olhou para cima, como se aquilo o aproximasse da voz, e então voltou a olhar para os amigos. O rosto tornou a ficar impassível diante dos amigos, apesar do olhar demonstrar tristeza e vergonha.

— Eles também estão com a Camila... — ele diz em tom baixo.

A voz do comandante voltou a soar dos alto-falantes:

— Ela não foi cooperativa, como foi Marcos...

Alice deu dois passos a frente e resmungou.

— Mas que filho da puta!

— Não acreditem nele! — bradou Evaldo. — Assim como ele tá usando minha voz para falar, ele pode ter capturado a voz dela e agora gera essas falas como se fossem dela. Mas não são!

Marcos se aproximou do homem, levantando levemente a mão que carregava a arma.

— Como você pode ter tanta certeza que não é ela? Você nem conhece a Cami! Nunca nem ouviu a voz!

Os outros concordaram com acenos de cabeça e murmúrios, alguém soltou um “Ié”.

— Vocês ouviram minha mãe falando mais cedo, não ouviram? — Ealdo disse para os três novos colegas. — É claro que não era minha mãe, ele só copiou a voz dela de alguma mensagem que deve ter guardada em meus arquivos e reproduziu palavras com ela. Minha mãe não estaria aqui. Ela não falaria aquilo. — virou-se para Marcos. — Não é a voz da sua amiga!

— Não é? Ou pode não ser?

Evaldo demorou um tempo para entender, bem como os outros. Estes foram os primeiros a concordar com resmungos e Lara foi a primeira a falar.

— Ela já estava aqui, desapareceu com Marcos e agora ele voltou, então pode muito bem ser ela.

— Eu vi ela! — disse Marcos sem paciência.

Todos ficaram em silêncio.

— Eu vi ela — continuou. — Amarrada em uma cadeira, com as mãos para trás, indefesa... — abaixou a cabeça e continuou a falar sem encarar mais ninguém. — Eu queria poder dizer que não, mudar os rumos das coisas, tirar ela de lá, mas nós só temos um jeito de fazer isso. Cooperando com eles.

— Você não pode desistir assim tão fácil! — disse Evaldo.

— Eu não desisti, só estou sendo sensato. Eu passei as últimas horas vendo tudo que eles são capazes, e o quanto vocês estavam incapacitados andando aqui pelo subterrâneo da casa. Eu assistia vocês e torcia muito para que conseguissem o que queriam, mas vocês não sabem muito bem o que querem. Não sabem nem para onde estão indo. — apontou para Evaldo. — Esse cara não parece uma má pessoa, mas ele também não vai se importar com vocês assim que ele alcançar seu objetivo. Se pelo menos alcançasse, né?

Uma lágrima escorreu pelo rosto de Marcos. Alice viu e se aproximou do amigo, pretendendo abraçá-lo. Quando os braços tocaram o ombro de Marcos, ambos deram um pulo devido ao susto tomado pelo grito do comandante nos alto-falantes.

— MARCOS!

Marcos olhou para os lados, desorientado. Viu Evaldo. Na verdade, viu o espaço vazio onde Evaldo estava. Seus olhos se arregalaram ao ver o homem já correndo em direção ao elevador.

— Ei!

Empurrou Alice para o lado e correu atrás do anfitrião. Ele já estava entrando no elevador e apertando o botão para descer quando Marcos levou a mão à cintura e retirou a pistola de lá. Com um impulso desesperado, Marcos se lançou para a frente. A grade de metal se fechava rápido. Ele saltou pelo vão da grade, o metal arranhando suas costas, e conseguiu rolar para dentro da cabine milésimos de segundo antes que ela se fechasse e acabasse com o som metálico.

No mesmo impulso para entrar no elevador, Marcos derrubou Evaldo no chão e caiu por cima dele.

O elevador iniciou a descida, desaparecendo da vista dos que ficaram no andar. Ouviram-se dois tiros. Um terceiro, mais espaçado, e uma rajada de metralhadora em seguida. A caixa elétrica onde ficava o botão para chamar o elevador explodiu, enchendo o ambiente de fagulhas. Outros tiros e rajadas foram ouvidos, cada vez mais abafados, enquanto o elevador desaparecia na escuridão abaixo da terra. Por fim, o silêncio retornou, quebrado apenas pelo cheiro de pólvora e de fio queimado que pairava no ar.

Capítulo 13

AVANÇO SOLITÁRIO

EU FUI A PRIMEIRA A CORRER. Lembro bem da trava que senti em mim e nos meus amigos depois da sucessão de tiros, mas eu precisava fazer alguma coisa, nem que fosse correr. Talvez eu pudesse ter feito o elevador subir, talvez eu pudesse segurar o elevador naquele andar.

— Não funciona. — digo apertando dezenas de vezes o botão de chamar o elevador, que agora o botão é só uma bola de plástico retorcido e escuro. — Ahhhh, que merda!

Minhas costas doem. Agora que a tensão escorreu pelo chão junto com o elevador, sinto todo o cansaço se abatendo sobre mim. A exaustão por ir tão longe e falhar, o cansaço da esperança de que um dia as coisas vão melhorar. E não vão.

Escorrego pela parede até sentar no chão. Daniel e Lara me alcançam e ela me abraça contra seu peito. Ouço ela fazendo sons que faria a uma criança que se machucou e que não deveria estar chorando. Mas eu estou chorando, chorando horrores. Sinto o rosto molhado, as pernas tremendo, a garganta com um nó duplo.

— Calma, amiga, calma.. — Lara diz, com uma voz que traz tranquilidade, mas eu conheço ela e sei que também não está tranquila. — Não adianta se desesperar agora. Temos que pensar em como sair daqui.

Pois é, nós voltamos à estaca zero. Perdemos nosso amigo, devemos entrar no pacto se quisermos ver nossa amiga de volta, e por fim nosso guia da casa também desapareceu. Ficamos à deriva.

Ouço um barulho na grade do elevador. Levanto o olhar borrado e vejo Dani agarrado na grade, olhando lá para baixo. Pergunto com minha voz chorosa:

— Consegue ver alguma coisa?

— Tudo escuro. — ele diz. — Tô preocupado com o Marquera. Nunca vi ele manejando uma arma antes, ele nem gosta disso. Será que...

A frase não termina e eu entendo. Parece que se falar que Marcos morreu as palavras se tornam realidade. Melhor deixar só no mundo dos pensamentos e suposições mesmo, pelo menos ainda existe uma esperança.

Lara ainda me abraça e eu me estico para beijar sua testa. Ela recebe o beijo com um aceno de cabeça, quase um agradecimento. Sei que estamos juntas nessa. E vamos sair daqui juntas.

Levanto, enxugo as lágrimas escorridas e olho para o botão chamuscado do elevador.

— E agora, o que fazemos?

Antes que meus amigos respondam, a voz maldita de Evaldo sai pelos alto-falantes. Eu já não suporto mais essa voz, independente de qual sua fonte.

— Vocês têm uma opção bem clara e digamos que única, caso queiram sobreviver. Infelizmente vocês tem causado mais baixas do que contribuições nesse lugar, mas ainda posso abrir uma exceção, pois não sabiam o que estavam fazendo.

Lara me olha com uma certa vergonha. É como se ela pedisse para considerar a opção. Eu devo estar com o mesmo olhar, porque só me passa isso pela cabeça.

— Nós podemos lhes alimentar, dar roupas novas, veja como o Marcos estava, limpo, sem fome. Vocês estão imundos, machucados, não comem há pelo menos doze horas...

Ainda não tinha passado pela minha cabeça quanto tempo já havia transcorrido desde que toda aquela bagunça começou. Com a adrenalina tomando conta do meu corpo, não senti sono algum durante toda a aventura, mas agora que ouço sobre o tempo, eu fico pensando... Já deve ser de manhã. Nós só não nos demos conta disso ainda pois estamos no subterrâneo, mas lá fora deve ter o sol iluminando a grama, a cervejinha gelada na geladeira, as carnes que trouxemos para o churrasco hoje... Uma vida normal, a poucos metros acima da nossa cabeça, mas tão distante quanto outro planeta.

— É uma chance de ouro que estamos dando a vocês. Juntem-se a nós durante esse momento, apoiem os novos ajudantes assim que eles chegarem na casa, e em troca nós os protegeremos, daremos-lhes comida e descanso quando necessário.

E o mínimo que os humanos precisam, mas quando você não tem nem o mínimo, precisa arriscar tudo para buscar isso. Essa é a hora, meu olhar está sim envergonhado, eu posso senti-lo assim como sinto as bochechas vermelhas, o estômago vazio, as costas doendo e a alma roubada. Daniel é o único que ainda não demonstra seu olhar de vergonha.

— Então, nós vamos? — eu pergunto para ele.

— Acho que não temos outra alternativa, não é?

A voz fala mais uma vez, selando nosso destino, soando como a sentença de uma escravidão voluntária:

— Ótimo, que bom que entendem. Nada aqui acontece por mal, mas sim por um bem maior. Recebam bem em alguns minutos o Leonardo e a Maria. Eles vão levar vocês até um lugar mais seguro e prepará-los para os próximos passos.



Leonardo e Maria chegaram pela porta do que Evaldo havia chamado de depósito. Na verdade era mesmo um depósito, mas não só isso. Ele dava acesso para mais lugares daquele subterrâneo, o que Evaldo deve ter omitido para que não tirasse a atenção dos outros do caminho que ele queria seguir.

Os dois caminhavam com firmeza, lembrando uma marcha militar, porém não tão formal quanto soldados de um exército. Pararam na frente dos três e começaram o discurso.

— Nós viemos resgatá-los. — disse Maria. — Agora vocês fazem parte da nossa resistência. Leonardo vai algemá-los por segurança e vocês vão nos seguir.

Daniel estava tão entregue que foi o primeiro a colocar as mãos para a frente, entregando-as às algemas. As duas mulheres imitaram o gesto assim que Leonardo prendeu Daniel. Ninguém parecia em condição de argumentar.

— Sua pistola, por favor. — Leonardo pediu para Lara. Ela retirou da cintura e entregou antes de ter os punhos presos um ao outro.

— Vamos. Em fila! — Maria chamou assim que todos estavam algemados.

Maria foi à frente, a locomotiva. Atrás seguiram Alice, Daniel que mancava como se tivesse um problema em uma das rodinhas de seu vagão e Lara, mancando ainda mais, como se o final daquele trem estivesse pronto para descarrilar. Mas fechando a fila, vinha Leonardo, que tomava o cuidado necessário para que nenhum vagão saísse da linha.

Alice olhou para trás, viu o esforço de Lara para caminhar e perguntou:

— É muito longe onde nós estamos indo?

— A primeira regra que você vai aprender por aqui é que não se fazem perguntas.

A voz do comandante saiu pelos alto-falantes.

— Muito bem, Maria! Ganhou reserva de comida especial para hoje.

— Obrigada, senhor. — ela agradeceu.

— Sigam o exemplo de Maria — o comandante continuou. — Eu não me arrependerei, e vocês também não se arrependarão.

Alice revirou os olhos em um claro julgamento de que achava aquilo tudo uma falação chata. Porém, era tudo que ela tinha agora.

— É que a Lara ali está com o pé bem machucado, pode ver o quanto ela tá mancando.

— Eu vi, mas não há o que fazer. Não posso trazer a sala para ela. E às vezes vamos precisar passar por maus momentos para que alcancemos a glória.

— Amém! — disse Lara em tom de escárnio.

Maria segurou o passo no mesmo instante. Virou-se, foi até a frente de Lara e lhe deu um tapa que ecoou pelo espaço. Lara por sua vez, torceu o rosto e levantou as mãos algemadas, querendo mostrar que não levaria desaforo para casa.

— Lara!

A voz de Alice lhe chamando colocou-a de volta nos trilhos. Não tinha condição alguma de discutir com os seus superiores naquele momento.

Apesar de não ter respondido o quão longe eles iriam, Maria não os levou para um lugar muito afastado. Após entrarem no depósito, passaram por pelo menos duas portas pequenas até entrarem na terceira do lado esquerdo. De lá seguiram por um pequeno corredor que levou a uma copa. Enquanto percorriam o caminho, as barrigas começaram a roncar.

O cheiro de comida era indistinguível e os três recém-chegados não pareciam pensar em outra coisa.

— Sentem-se.

Os três sentaram em volta de uma pequena mesa quadrada. Leonardo colocou três cumbucas sobre a mesa, uma à frente de cada um, e Maria passou com uma panela distribuindo um caldo de cor suspeita lá dentro.

— Comam logo! Nós vamos acertar todos os detalhes assim que vocês terminarem.

Ela não precisaria solicitar que comessem logo, pois Daniel já estava colocando a cumbuca na boca e tomando o caldo. Apesar da cor, não pareceu desagradável para eles. Todos entornaram rapidamente.

— É bom que tenham aproveitado bem o sabor. Vai levar um tempo até ter uma próxima dessas. Se merecerem...

Então a luz se apagou.



Tudo fica escuro, os zumbidos que pareciam vir do centro da Terra também param. O silêncio e a escuridão são tão repentinos, que por um segundo penso que a sopa era veneno e eu morri.

Mas ouço os suspiros pelo repentino breu que cai sobre nós. Então Maria fala para ficarmos quietos, a voz dela demonstra medo. É a nossa chance. Largo a cumbuca com cuidado sobre a mesa e viro levemente minhas mãos algemadas para o lado, buscando a mão de Lara. Não tenho dificuldade para encontrá-la. Ela também já largou a cumbuca e aperta a minha mão.

Puxo a mão dela para fora da mesa, sinto que ela se levanta. Maria e Leonardo conversam sobre o que pode ter acontecido e percebo que os dois se afastam, indo em direção à porta para ver se há energia lá fora. Aproveito que se afastam e puxo Lara para dar a volta na minha cadeira. Do lado oposto, encosto em Daniel, que também entende o que eu desejo e assim logo estamos todos em pé.

As vozes se aproximam mais uma vez.

— Eu já volto aí, vou ver o que aconteceu — diz Maria. — Leonardo vai cuidar de vocês, não tentem fazer merda, pois não é hora e vocês não são capazes de nada, ok?

— Tá bem. — eu respondo levemente encurvada, aproveitando que isso já faria minha voz parecer vir de baixo, como se eu estivesse ainda sentada.

Ouçõ os passos dela se afastando e então as ordens para Leonardo não deixar nós fazermos nada, nem irmos ao banheiro, até que ela volte.

Espero um pouco. Leonardo pergunta se ainda estamos ali, se estava tudo certo, e nós confirmamos. Então aproveito que teremos algum tempo até a próxima confirmação e coloco a mão de Lara sobre a minha blusa, para que engate em mim como se fosse um trenzinho, para não nos perdermos nessa escuridão. Espero que Dani também entenda o que estou fazendo.

Me escoro com cuidado na parede e sigo tateando-a em silêncio. Nenhum ruído de Leonardo. Apenas o som da nossa própria existência: o tecido da roupa de Daniel roçando em Lara, a respiração sibilante de alguém. Cada som parece um grito no silêncio sepulcral. Mais quietos, porra! Meu estômago quer colocar a comida para fora.

Encosto em algo e meu coração dispara ainda mais.

É algo frio, isso me acalma um pouco. Pelo menos não é Leonardo. Deve ser um armário de metal ou algo assim, nem prestei atenção quando entramos aqui antes. Eu só tentava entender o que era aquele cheiro de comida. Iria mais umas três daquelas xícaras de sopa, mas agora a prioridade é se livrar desses putos, Alice!

E as algemas? Caralho, eu não vi chaves de algemas. Será que algum deles está com elas? Se for Maria, já foi longe. Se for Leonardo, ainda podemos lutar e pegar. Melhor não arriscar, ele deve tá armado.

Volto a ouvir os passos de Leonardo. Ele anda pelo corredor Em um momento ele para e eu congelo. Será que ouviu a gente?

— Comandante, pode me ouvir agora? — ele diz com receio.

Somente o silêncio o responde, então ele volta a caminhar para um lado e outro. Aproveito o momento para passar pela porta com Lara agarrada na bainha da minha blusa.

Tento não ir encostada à parede como antes. Confio na minha intuição e memória espacial para tentar chegar até uma das paredes cortando caminho pelo lado onde o som dos passos de Leonardo não vêm. Já estamos passando bem ao lado dele.

— Tá tudo bem aí?

O filho da puta gritou quase no meu ouvido. Por sorte meu corpo e nem um dos meus amigos deram um pulo nesse momento, ao contrário, ficaram

completamente imóveis. Nosso corpo sabe o que faz, obrigado. O desgraçado não recebeu nenhuma resposta de onde esperava.

— Ei, vocês tão aí?

Ele se afasta de nós, voltando para a cozinha. Meu plano estava dando certo e sorrio ao ouvir ele nos maldizendo e maldizendo todos os anjos e santos que conhece. A voz furiosa se aproxima, mas já estou com o passo apressado, me afastando, sendo a locomotiva do novo trenzinho fujão.

Então ouço um tiro.

Olho para trás, mais um tiro. Esse eu vi iluminando o corpo de Leonardo com o braço esticado para cima. Se aquela luz é suficiente para que eu possa ver ele, possivelmente ele também pode nos ver, semi agachados, agarrados às roupas do outro como uma fila de pré-escola.

Acredito que é justamente isso que Leonardo está fazendo, iluminando o espaço com tiros para cima. Quando ouço o terceiro tiro, volto a ver ele com a mão estirada para o teto, porém, não sei se é minha imaginação querendo me sabotar, se é o escuro que cria ilusões em nossos olhos, mas parece que no fim daquele flash de luz ele apontou o revólver para nós.

Mais um tiro, esse eu não só vejo, como sinto o deslocamento de ar causado pela bala ao passar do meu lado. Ou talvez seja só minha impressão também. Mas agora tenho certeza que ele estava mirando em nós.

— Se abaixem! — eu digo em tom baixo, mas não suficiente para Leonardo não ouvir.

Ele foi burro ou simplesmente azarado, mas nenhum dos dois tiros seguintes nos atinge. Aproveito o momento de descanso em meio a tanta adrenalina para puxar a mão de Lara e fugir dali antes que ele prepare a arma de novo, ou talvez tire uma nova da manga.

— Voltem aqui ou vocês estarão mortos! — ele grita.

Eu acho melhor é estar morta do que com um idiota desses por perto.

Andamos parte do corredor ainda levemente agachados e ouvindo ele gritar conosco e chamar por Maria ou o comandante. Não teve respostas nem deles, nem de nós, nem de ninguém. Já me sinto suficiente segura para andar ereta, piso no chão ainda com mais pressa e sinto que Lara vem na mesma velocidade. Nós estamos fugindo.

Agora, para onde? Não sei.



Metade da casa estava sem energia, sem iluminação, sem monitoramento, sem segurança alguma.

Maria alcançou a primeira área com luz e entrou nela a gritos.

— Comandante, comandante, tivemos uma queda de energ- -

— Eu percebi, Maria! Obrigado por avisar. Vai me dizer que vocês estavam sem lanternas?

— Senhor — ela engoliu em seco. — nós acreditamos que a casa inteira estava iluminada e segura, controlada pelo senhor, nem passou pela minha cabeça levar algo para iluminar. Nossos celulares...

— Ah, não volte com essa reclamação dos celulares, eles são inúteis aqui dentro.

— Serviria pelo menos como lanterna, senhor. É como estamos acostumados a usar lanternas.

— E para se distrair também. Não precisamos de maiores distrações agora, só preciso que pegue as lanternas e vá buscar os presos. Nós precisamos deles do nosso lado, não esqueça. Enquanto isso, vou enviar alguém para resolver o problema da energia.

— Ok, senhor. Pode deixar!

Maria se deslocou em direção ao escritório, onde já sabia que estavam as lanternas. Seus padrões de comportamento demonstravam alta organização, mas a falha em antecipar um cenário de blecaute representava uma inconsistência em seu protocolo de segurança pessoal.

Poucos minutos depois, com uma lanterna na mão, o último dos estudantes se encaminhava para entrar no escuro, pelo caminho que Maria havia chegado. Parou quando ouviu a voz do comandante.

— Manuahaki, não se esqueça, eu quero que traga o responsável por esse estrago vivo. Nós teremos que ser mais duros com ele dessa vez. Estou confiando essa missão a você pois é o melhor de todos da casa.

Com um olhar de sadismo e confiança, Manuahaki entrou na escuridão.

— Pode deixar, senhor!

Capítulo 14

NA ESCURIDÃO

NA PRESSA EM ANDAR ATÉ UM LOCAL SEGURO em meio ao escuro, trombo com uma parede. É dura. Tão dura que quase amassa a cartilagem do meu nariz. Espero que não tenha quebrado, eu gosto dele.

Lara tromba comigo, pois vem segurando em minha blusa, bem como Daniel, que vem segurando a dela.

— Você acha que ele já ficou pra trás? — Ela pergunta.

Fico quieta por um instante. Paro de esfregar meu nariz para poder ouvir melhor, mas não ouço nenhum sinal de passos ou gritos.

— Acho que ele se perdeu no caminho — digo e então esfrego a mochila na cara de Lara. — Foi nessa mochila que colocamos aquela lanterna do arsenal, não foi?

Ela abre o zíper da mochila que está em minhas costas, ouço coisas que ela derruba no chão e tento lembrar o que foi que Evaldo colocou nessa que eu carrego.

Uma pausa no mexe e remexe em minhas costas, que já não bastam estarem acabadas pela madrugada inteira de tensão, e ouço o barulho de um botão sendo pressionado.

Nada acontece.

— Não é isso. — Chega a conclusão nossa Xeroque Homes.

Daniel se aproxima e também começa a fuçar no conteúdo da minha mochila.

— Sinceramente, eu não lembro onde foi que ele colocou. Talvez esteja até mesmo na mochila dele. Espero que não. Aqui não tá, Alice.

— Então vejam na de vocês, oras! — digo impaciente.

É o que eles fazem. Não consigo ver como se organizaram, pois com as mãos algemadas não podemos tirar as mochilas das costas e ver o que tem nas que carregamos, então um precisa procurar nas costas do outro.

Ficar no escuro sem fazer nada é uma merda. Lembro quando era criança e acabava a luz em casa à noite. Era o começo do uso dos celulares, então era só uma luzinha da tela de cristal líquido para iluminar tudo. E meus pais economizavam a bateria para emergência, nem me deixavam jogar. Ou era a vela, se tivesse uma em casa, ou nada.

E então você começa a escutar tudo com mais intensidade. Os grilos, sapos, algum carro na rua e se dá conta de que a cidade tem um som. E a sua casa também. Foi a primeira vez que ouvi a casa estalar e perguntei para o meu pai o que era aquilo. Ele explicou, segundo a Física, sobre dilatação dos corpos no calor e tal, mas tudo que eu imaginava era que alguém estava escondido nas sombras.

E quando dispara esse alarme no corpo, a adrenalina faz você aguçar ainda mais a audição, ouvindo o menor ruído, ouvindo coisas que nem acontecem. Mas que no momento de desespero aquele som foi criado pelo cérebro para nos deixar alerta e nos faz sentir nossos corpos gelados de uma hora para outra.

É o que sinto agora. O som que os dois fazem à procura da lanterna na mochila me faz lembrar o barulho de tecido se esfregando no corpo de uma pessoa enquanto ela se mexe no silêncio. Ele parece vir também do lado oposto onde estão Dani e Lara, parecem pés se arrastando devagar, sorrateiramente. Achem a lanterna logo, por favor! Viro de costas. Se for alguém, também não consegue me ver, e vai se enroscar na minha mochila primeiro.

— Achei! — Daniel grita em comemoração.

Apesar de eu achar uma cagada ele ter gritado em um momento em que estamos tentando nos esconder, eu fico aliviada em saber que essa porra foi encontrada.

Leva um momento até que ele acenda a lanterna. Não achava o botão, ou só estava se enrolando mesmo, mas para mim esse momento passa como uma eternidade na qual uma sombra paira sobre as minhas costas, desejando me agarrar a qualquer instante. Chego a senti-la e me arrepio. O feixe de luz se acende quase que diretamente em mim, Daniel corrige um pouco para o lado e me coloca em foco.

Eu não quero saber de outra coisa, só preciso fazer isso.

Me viro para ver o que há atrás de mim e mais um choque gelado trespassa meu corpo. É algo bem maior do que eu, muito próximo, não dá tempo de fugir. Faço um barulho estranho com a boca, aquele barulho

quando nos assustamos, e sinto minhas pernas tropeçarem por conta própria para um lado. Meu equilíbrio está comprometido, mas não tenho a mínima condição de controlar mais isso agora.

— Ali, você tá bem? — ouço Lara perguntar.

Foi a frase que me deu o equilíbrio necessário e firmou minhas pernas. Percebo através do tom de voz dela que não havia nada perigoso atrás de mim e a curiosidade volta a bater. Torno a olhar para o mesmo lado de antes e vejo aquela coisa se movendo, imitando meus movimentos.

É só a minha sombra refletida na parede, na qual quase quebrei o nariz uns minutos atrás.

O alívio por não estar correndo um risco tão extremo quanto acreditei é substituído pela dor no nariz. Lembrar da batida não é legal, mas é melhor do que ser perseguida por alguém que você não sabe quem é ou onde está.

E pela primeira vez desde que entramos nessa casa, acho que não estamos vivendo esse pesadelo.

Não respondo Lara. Me aproximo da luz da lanterna e pergunto a única coisa que me incomoda mais do que a dor no nariz:

— Vocês acham que o cara conseguiu desligar o disjuntor?

Ainda não havíamos tido um segundo de paz desde que a escuridão se instaurou sobre nós, então todo o nosso foco estava na fuga e sobrevivência. Chegou a hora de tentar entender o que está acontecendo.

— Acredito que sim — afirma Daniel. — Não tem outro motivo para tudo se apagar dessa forma, nem do comandante deles parar de falar.

Lara suspira.

— Isso me dá um alívio! Eu não aguentava mais aquela voz.

Ela senta-se no chão com dificuldade enquanto geme. A atadura em seu pé mostra uma cor rubra.

— Sei que isso foi o que nos salvou agora, e era o que estávamos tentando buscar — eu falo. — Mas isso quer dizer que então naquela troca de tiros...

Não preciso terminar a frase, todos entendem. Se Evaldo chegou ao disjuntor, provavelmente tirou Marcos do seu caminho. É a segunda baixa do mesmo amigo que temos em um dia e isso me entristece ainda mais. A vontade é de correr, sumir, deitar, dormir, se entregar. Eu já não sei mais o que fazer.

Mas nós somos uma equipe, e como uma boa equipe que sempre fomos, não desistiremos. Vamos libertar a Cami e vingar o Marquera.



Enquanto os outros estavam perdidos na escuridão, Maria revirava o escritório atrás de uma segunda lanterna que acreditava estar ali. Revirou gavetas, armários e pilhas de papéis, mas só encontrou uma única lanterna.

— Isso já deve ser suficiente... — ela se conformou.

Mas durante a busca por outra lanterna, encontrou uma pistola em uma das gavetas. Não era o que procurava, mas guardou a arma na cintura. Um recurso não planejado, mas que aumentava suas chances de sucesso na missão. Toda variável de segurança adicional era logicamente bem-vinda.

Ela voltou para a escuridão.



Reviramos o que temos na mochila para lembrar o que poderia ser útil para nós em algum momento. Não é muito fácil manipular objetos e tirá-los de dentro de mochilas de terceiros, tendo nossos pulsos presos. Por que diabos eles tinham que fazer isso?

Enquanto Daniel separa facas, canivetes, água, combustível, corda e outras coisas que trazíamos nas nossas costas, eu uso o antisséptico e as bandagens que estavam na mochila de Lara para trocar o curativo de seu pé.

— Isso tá muito feio, amiga — digo impressionada. Eu não a preocuparia se não tivesse realmente muito feio.

— Eu sei, tá doendo muito.

Nós colocamos a lanterna apoiada de uma forma que ela iluminasse o teto daquele espaço, que não era tão alto quanto os outros lugares que passamos antes, então ela conseguia iluminar tanto eu e Lara quanto Daniel.

— Eu preciso de mais luz aqui, Dani.

Peço o favor e ele se levanta prontamente. Pega a lanterna e mira para mim, depois para o pé de Lara.

— Isso tá muito feio! — ele diz.

Está pior do que eu estava imaginando enquanto o via no escuro. Há partes do pé dela que já estão formando pus, enquanto o roxo escuro se espalha pela parte traseira do pé e começa a subir o tornozelo. Não parece nada bom.

— Pega um canivete, Dani. Precisamos cortar isso aqui e drenar o pus.

É nojento, mas se pensar que é como aqueles vídeos de pessoas espremendo espinhas, pode até ser satisfatório. Dou uma dose pequena de um opioide que Evaldo nos deixou para que ela sinta menos dor na hora desse trabalho e para que fique acordada quando precisarmos andar, e então começo a mexer na ferida. Eu não queria ser a Lara nessa hora, apesar de achar bonito ver Dani segurando suas costas quando ela geme, se contorce e se joga para trás, e ela deixando-se ser ajudada por ele.

Não é uma limpeza profissional. Nem se eu estivesse em um ambiente com equipamentos esterilizados e com os equipamentos corretos para isso eu conseguiria fazer uma limpeza profissional, mas é o melhor que consigo fazer e acredito que vai ajudar a aliviar a dor e também a manter o pé em funcionamento até que consigamos sair da casa.

Ouçõ um estalo e não dou bola. Deve ser coisa da minha cabeça agora que a adrenalina de cortar e limpar um corpo humano está abaixando e eu começo a ouvir sons inexistentes de novo. Dou a última volta com a faixa de gaze pelo pé de Lara e prendo o esparadrapo. Daniel me pergunta:

— Você ouviu isso?

— O quê? O estalo?

— Também, mas parece que ouvi vozes bem longe.

— Achei que eu tava ouvindo coisas — disse Lara.

— Eu também, mas as vozes não ouvi...

Mais um estalo, certeza que todos ouvimos, pois reagimos a ele no mesmo instante, mantivemos o silêncio e mais um estalo foi ouvido. Agora ouvi vozes.

— Estão mais perto! — diz Dani.

— Pareceu alguém gritando “sou eu, sou eu”. — Lara comenta.

Acredito que, depois dessa conversa, eu esteja confirmada como a pior audição do grupo. Eu nunca ia entender esse murmúrio ao fundo.

— Devem ser os dois se atirando no escuro — disse Daniel.

Eu me levanto, pego a lanterna e avalio as opções que temos. Não são muitas, mas pensando que precisamos nos livrar das algemas, talvez a melhor opção seja esperar os dois chegarem e roubar a chave deles. Eu dou uma sugestão sussurrando:

— Vamos apagar nossa lanterna e ficar contra uma parede. Quando eles passarem por aqui, não saberão que estamos os esperando e então podemos pegar a chave das algemas.

— Boa! — Concorde Lara.

Ajudamos ela a se levantar e então nos grudamos de costas para a parede. O barulho dos gritos e tiros parou, mas gradualmente consigo ver pequenas movimentações de luz. Alguém deve estar com uma lanterna e está chegando perto. As vozes de uma conversa também começam a se sobrepor ao barulho do meu coração e da respiração de Daniel.

São realmente eles, agora consigo reconhecer as vozes. Não temos um plano, mas assim que eles passarem por nós, vou derrubá-los no chão e pisotear a cabeça deles até que cusпам minha chave. Eu já não aguento mais isso.

A luz vem pelo corredor largo iluminando um lado e o outro. Não são burros, pelo menos quem está guiando a lanterna não é. Olho para Dani e Lara e entendo que também estão preocupados com isso. Se os que estão vindo continuarem com esse padrão de buscas, vão nos encontrar.

Podemos correr para o lado oposto, para longe deles, mas sem luz não sei onde acabaríamos, e se ligarmos a lanterna, eles nos enxergarão. A opção é tentar passar ao lado deles quando estiverem iluminando a parede contrária, bem como fizemos da outra vez, porém naquele momento o cara estava sem luz alguma.

E como passar essa ideia para os outros? Agora nossos caçadores já estão perto demais e podem muito bem ouvir qualquer cochicho. Eu puxo a mão de Lara ao meu lado, três puxadas rápidas, espero que ela entenda que deve ficar pronta a qualquer momento, tento passar ao lado dela para chegar a Daniel, mas nos atrapalhamos e ela tromba comigo. Acho que ela entendeu bem até demais que era para me seguir. Encosto em Daniel, tento chegar o mais próximo possível de onde acredito ser seu ouvido e cochicho com a voz mais baixa que posso:

— Vamos passar, se prepare.

Volto para o outro lado de Lara e seguro sua blusa, isso terá que ser muito sincronizado e ela também vai ter que dar um jeito de puxar o Dani quando

eu a puxar. A luz se aproxima cada vez mais, estão vindo com passos rápidos, a luz de um lado a outro, eu esperando que o feixe da lanterna seja bem fechado, pois senão eles poderão nos ver pela luz difusa que pode se espalhar pelos lados.

Calculo quanto tempo dá para a luz sair de uma parede e voltar até ela. Pelo padrão que está vindo, dá para passar sim. Será arriscado, mas é a única chance. O maior problema é equilibrar a velocidade e o silêncio ao atravessar sincronizados a área escura no momento certo.

Está bem perto, a luz vai para a parede contrária à nossa. Voltará ainda uma vez mais para o nosso lado e então será a hora de irmos.

A luz ilumina nossa parede, eu seguro a respiração. Minha cabeça involuntariamente se inclina para trás com receio de que a luz alcance meu rosto, mas ainda passa longe. É agora ou nunca!

A luz se afasta, puxo Lara, tenho medo de ser cedo demais e ainda ser vista no resquício do feixe de luz, mas não podemos também sair tarde demais. Lara segue meus passos, estou levemente agachada, andando de costas para que minhas mãos presas puxem minha amiga. Ela não deve estar muito diferente. Ouço nossos ruídos altos demais, quase mais altos que os passos de quem vem pelo corredor com pressa. Tento acalmar os meus ruídos, mas não posso diminuir a velocidade, nem diminuir o barulho dos meus amigos.

A mochila nas costas de Dani ou de Lara esfrega na parede e faz um som de arranhão. A lanterna retorna rápido para o nosso lado, eles ouviram o som.

Eles nos veem. Estamos sob o foco da lanterna.

Não precisamos mais do silêncio. Eu começo a correr, puxo Lara para vir na mesma velocidade, fugir do ponto de luz, eles só têm uma lanterna e não sei se querem nos matar.

— Parados! — ouço a voz de Maria. Agora, pelo outro lado do feixe de luz, eu consigo ver que são os dois. E ela segura uma arma apontada para Daniel. A luz tenta pular dele para nós, mas Daniel acende nossa lanterna bem no rosto de Maria, visando cegá-la, e se joga em cima dela em seguida. Os dois caem no chão. Um tiro é disparado.

Leonardo esquece de nós e foca a luminosidade nos dois rolando sobre o piso. É hora de agir! Faço como Daniel e corro em direção ao ponto de luz. Salto por cima dele, de surpresa, derrubando-o no chão. Que fracote, que espécie de treinamento especial de algum exército esse aqui teve? Vejo a luz

se afastando, consegui que ele largasse a lanterna, sinto-o me arranhando, eu bato com o ferro da algema onde acredito ser a cabeça dele. Macio demais, deve ser outra parte, bato de novo, agora é mais duro, pode ser um braço, ouço mais um tiro, ele ilumina mal o espaço, mas vejo onde está a cabeça do inimigo, tento acertá-la, mas ele me acerta o rosto com um soco antes e caio para o lado.

A lanterna que estava com Leonardo é pega, deve ser Lara. Ela mira no rosto dele, que já estava de pé indo buscar o equipamento que soltou de sua mão frouxa. Frouxa mesmo, podia ter me apagado com o soco, mas não fez mais do que me assustar. Talvez doa depois, foda-se. Não vejo mais a luz da lanterna de Daniel. Leonardo para no meio do caminho, receoso de continuar para cima de Lara. Me levanto, posso derrubá-lo de novo. Até quando vamos ficar nesse jogo?

— Lara, parada!

É a voz de Maria. Lara abandona o objetivo de obstruir a visão de Leonardo e vira na direção da voz. Maria está bem em frente a ela, com a arma apontada em sua direção e vai caminhando receosa.

— Se não parar, eu vou atirar.

Merda, já não vejo Leonardo. Ele pode alcançar Lara a qualquer momento. Sinto a indecisão dela, por ela. Eu não saberia o que fazer se fosse Lara. Eu já não sei o que fazer sendo eu mesma.

Leonardo alcança Lara e toma a lanterna de sua mão. Vejo-o segurar os pulsos presos dela. Maria já está quase alcançando ambos quando vejo surgir uma forma atrás dela. Os braços descem um de cada lado da cabeça da mulher e a enforcam com a corrente das algemas. É Daniel puxando com força o pescoço de Maria. Ela dá mais um tiro involuntário, que acaba indo parar no teto. Daniel a puxa até a parede e usa a força para esganá-la. Leonardo ilumina toda a cena, incrédulo. Aproveito de mais essa falha do garoto e volto a derrubá-lo de surpresa. Caio por cima dele e devolvo o soco que me deu antes com as duas mãos e mais os ferros das algemas. Dou mais um.

— Esse é pelo Marcos!

Ele não solta a lanterna dessa vez, mas vejo que Lara está se aproveitando da incapacidade dele lutar e segurar um objeto e tenta o arrancar de sua mão. Dou mais um soco.

— E esse é pelo que vocês tão fazendo com a Cami!

Ele se debate desesperado embaixo de mim e pede para que eu pare. Lara chuta a cabeça dele e assisto isso sobre o projeto luminotécnico dela própria. Que show! Que delícia. Ele implora para pararmos, eu sinto pena. Paro com as mãos juntas em cima da minha cabeça, demonstrando que aquele seria o golpe derradeiro.

— Cadê as chaves dessas merdas?

— No meu bolso. Eu pego, só pare, por favor, eu me rendo.

Posso ver em seus olhos que ele fala com verdade, que, no fundo, ele nem queria estar ali. Abaixo as mãos devagar e deixo bem perto do rosto dele. Ele se afasta, com medo de que eu vá acertá-lo, mas eu só peço:

— Pois então, abra!

Ele olha para Lara e volta a olhar para mim. Parece desacreditado. Então coloca rapidamente a mão nos bolsos.

— Sem gracinhas — diz Lara. — ou sua cabeça vai sair voando com meu próximo chute.

— Não, não — ele diz desesperado. — Só tô pegando a chave.

Ele volta realmente com a chave em uma das mãos e mexe na minha algema, atrapalhado, tremendo de terror.

— Rápido! — eu boto pressão. O sonho do oprimido é virar opressor.

As algemas se abrem, meu pulso parece poder respirar. Eu abro bem os braços, esticando as costas, como a liberdade é uma delícia. Levanto de cima dele, agora estamos em igualdade. Antes que ele se levante, eu peço para que abra as algemas de Lara também, o que ele faz com rapidez. Enquanto isso, ouço algo se aproximando pela minha direita. Lara também ouve, pois vira a lanterna para lá.

Daniel vem caminhando em nossa direção. A expressão em seu rosto não é das melhores. Nas mãos algemadas em frente ao corpo, ele traz a pistola que estava com Maria.

— Tá tudo bem, Dani? — pergunto preocupada. Ainda lembro dos tiros.

Ele faz sinal de afirmativo com a cabeça, mas não nos olha. Carrega nos olhos o sentimento de um cachorro que fez algo errado.

— Solte ele também — eu ordeno para Leonardo e vou até Daniel pegar a pistola de sua mão. — Me dá isso. — Olho para ele, busco seu olhar. — Você só fez o que tinha que fazer. Só estamos livres por causa de você.

Que evolução a nossa. De um grupo de jovens sem noção, com exceção do próprio Daniel, que tinha um bom nível de responsabilidade, de uma hora para outra nos tornamos fugitivos, desaparecidos, prisioneiros, lutadores, pistoleiros... Será que um dos tiros acertou Maria?

Com as mãos livres, fica muito mais fácil de resolver as coisas. Encontramos a outra lanterna, encontramos Maria desacordada, porém respirando, prendemos Leonardo a ela com as mesmas algemas que haviam nos prendido, de costas um para o outro, e aprendo a tirar o pente da pistola para ver quantas balas ainda restam.

Ainda temos três.

Capítulo 15

LABORATÓRIO DE TECNOLOGIA

A ENERGIA RETORNOU NA PARTE DO COMPLEXO onde antes tudo estava apagado. Luzes voltaram a acender, câmeras voltaram a transmitir suas informações de imagem, microfones a captar sons, tudo como era antes. Tudo como nunca deveria ter deixado de funcionar.

Alice, Lara e Daniel se surpreenderam com o retorno da energia, porém ficaram receosos quando ouviram que havia retornado também o seu observador mais inconveniente:

— Parece que aconteceu o que eu não esperava com Maria e Leonardo. Vocês são muito bons, e por isso eu gostaria que fizessem parte do nosso grupo. Não sei quais foram os motivos que fizeram vocês mudarem de ideia e fugirem.

Alice pareceu desafiada:

— O motivo é que caímos na real. Vocês não podem nos fazer escravos com a justificativa de que é pela nossa segurança e sobrevivência.

— Você acabou de descrever um exército, minha querida — retrucou a voz do comandante. — Existem vários desses pelo mundo.

— Assim como existem revoluções e soldados insurgentes. Vocês fizeram uma péssima seleção ao nos escolher, pois não estamos do lado de vocês.

— Uma pena, pois um lado sempre perde a guerra.

A risada clássica que todos pareciam odiar voltou a ecoar. Com a resistência teimosa dos insurgentes revolucionários que não queriam dar o braço a torcer tapando os ouvidos, o comandante fez também as luzes piscarem, misturou microfonia às risadas e aumentou a frequência de flashes de luz, montando um palco de música eletrônica bem diferenciado, mas totalmente perturbador.

Repentinamente tudo ficou escuro e silencioso mais uma vez.

— Será que é o disjuntor de novo? — perguntou Daniel.

Mas a voz do comandante ainda não havia deixado aquele lugar.

— Não, meu caro Daniel, ainda estou aqui. Parabéns pela resistência de vocês, mas gostaria de mostrar o quanto eu ainda estou no controle, mesmo com a tentativa de Evaldo para derrubar a segurança da própria casa. Eu poderia simplesmente continuar cuidando de vocês no silêncio e no escuro, sem mostrar que a energia retornou, mas minha atitude não faria sentido, pois preciso de vocês do meu lado, não se escondendo de mim. Peço que revisem a decisão de vocês, para não termos que sofrer mais.

Alice respondeu com voz firme:

— Nós não temos mais medo de vocês. Acabamos de deixar dois de vocês algemados e só não os matamos porque ainda temos humanidade, ao contrário de você. Mas o certo era ter acabado com a raça deles e enviado os pedaços para vocês entenderem que não estão mexendo com qualquer grupo de pessoas. Nós somos o melhor grupo de amigos que eu já vi, e isso nos torna muito mais fortes que vocês!

Lara olhou para a amiga com uma chama de orgulho em suas vistas. Umidade começou a surgir no entorno do seu globo ocular.

— Que seja, a chance ainda está aberta, se mudarem de ideia, é só me chamar. Quanto antes, melhor... Enquanto isso, infelizmente terei que dificultar as coisas para vocês, mas prometo que tudo muda quando se unirem mais uma vez a nós.

— Pior que tá, não fica. — respondeu Lara acendendo a lanterna.

Eles começaram a caminhar a esmo na escuridão, com Alice demonstrando a confiança inabalável de quem sabe onde está indo — apesar de não ter a mínima ideia — enquanto Daniel a seguiu cabisbaixo e Lara com a perna machucada mancando ficou para trás, mas sem deixar de iluminar a maior parte do espaço por onde estavam passando.

— Você quer que eu leve a lanterna? — se ofereceu Alice ao ver a amiga mancando e guiando-os com a luz.

— Não, tá tudo bem, amiga. Eu ainda sou capaz disso. Fique com a arma preparada para qualquer ocasião, eu cuido da iluminação.

Alice sorriu diante da total disponibilidade que sua amiga mostrou. Agora deviam descobrir sozinhos o próximo passo da batalha.

Assim que os três se afastaram, Leonardo pediu ajuda para o comandante, mas aparentemente ele ignorou seu chamado.

Ele só poderia esperar. Talvez algum dia o comandante fosse ouvi-lo novamente.



Lara vem atrás de nós, iluminando o caminho. Eu vou à frente, desbravando o que tem. Já passamos por uma porta que deu para um depósito de manuais impressos e agora estamos em um laboratório de eletrônica. Parece ser o lugar que vai reanimar Daniel.

— Existem coisas aqui que eu nunca vi ou ouvi descreverem. Como ele conseguiu desenvolver ou desviar essas coisas de outros lugares, eu não sei, mas tenho que admitir que é um gênio.

Também não posso negar isso, Evaldo era muito mais gênio do que parecia. Isso se tudo que ele contou era verdade. Além disso, era um homem corajoso. Já havia passado por maus bocados antes de termos libertado-o e mesmo assim ainda enfrentava o comandante que usurpou a sua voz e a sua casa. Entendo que isso dê ainda mais um motivo para ele ser resistente às propostas do comandante, mas é inegável que ele tem força de vontade suficiente para criar muita coisa sozinho.

Ele nos abandonou, mas avaliando, foi por um bom motivo, que ele considerava essencial. Desativar parte da energia da casa nos deixaria mais livres do controle do comandante e dos seus parceiros. Sinceramente, apesar do medo de andar no escuro sem saber que alguém poderia surgir do nada, agora é muito mais assustador, pois além de escuro eu sei que estamos sendo observados. E isso me faz sentir os olhos do comandante sobre mim, uma sensação indistinguível, para não dizer aterrorizadora.

Se pelo menos eu soubesse para onde ir, se o Evaldo tivesse deixado mais informações sobre esse subterrâneo, para onde ele iria depois de desligar o disjuntor? Será que foi? E por que a energia foi restabelecida? Será que morreu? São tantas perguntas passando pela minha cabeça que fica difícil fingir que sei o que estou fazendo, que sei qual caminho seguir. Está cada vez mais difícil se mostrar tão forte como eu realmente gostaria de ser.

Encontramos a porta para um banheiro no laboratório. Isso é uma lembrança de que faz tempo que não tomamos água, pois apesar de terem se passado algumas horas, nossa bexiga não está cheia. Aproveitamos para esvaziar o que temos nela e para nos hidratarmos na torneira da pia. Não sei o nível de potabilidade dessa água, mas é melhor pegar alguma doença dela do que morrer de desidratação.

— Açou alguma coisa que podemos usar? — eu pergunto para Daniel. Estou cansada de ficar parada aqui nesse laboratório cheio de bugigangas eletrônicas, eu quero é sair.

— Nada demais, ainda. Não entendo o que são várias dessas coisas, e algumas entendo, mas não sei como seria útil para nós. Tipo isso. Parece um drone, mas o que um drone poderia nos ajudar agora?

— Não sei — Lara opina. — Mas talvez seja uma boa ideia levá-lo junto. Ele pode ter algum sensor infravermelho que nos mostra o caminho no escuro, sem precisar de lanterna, ou algo assim...

Daniel vira o equipamento em suas mãos. Ainda é bem diferente dos drones que eu estou acostumada a ver, mas, no fundo, parece que pode voar.

— O problema — Daniel diz — é que não sei como ele seria controlado, senão eu já tinha tentado. Não achei nenhum controle, então talvez ele seja controlado por algum aplicativo no celular.

Ele aperta alguns botões que acha ao lado do corpo da máquina. Uma pressionada longa em um deles faz acender uma luz azul de led que pisca de três em três segundos. Eu fico excitada com a mudança, mas, ao mesmo tempo, sinto um forte receio. Aquilo poderia até mesmo ser uma bomba.

Só que ela voa. A partir do momento em que Daniel solta-o sobre a mesa, ele levanta voo sob o feixe de luz vindo da lanterna que Lara segura.

A voz do comandante volta a falar. Na minha impressão está coberta de sarcasmo.

— Eu disse que tenho controle total sobre a casa. Se vocês não acreditam, é hora de eu dar uma rápida demonstração.

O drone voa em disparada pelo laboratório, tão rápido que Lara não consegue acompanhar com a lanterna. Ele tem um ruído muito baixo, não sei que forma usa para levitar, mas não parece ser com as tradicionais hélices, ou faria muito mais barulho. Porém, o zumbido é perceptível e dá para entender em que lado da sala escura ele está. Ou quando está mais perto ou longe de você.

Inclusive o som fica extremamente alto conforme ele se aproxima de mim. Ele passa tão perto do meu rosto que posso sentir o ar se movendo pela sua passagem tão próxima. O som fez tremer meus tímpanos em uma frequência que dá cócegas dentro da minha cabeça. Consigo perceber o efeito doppler que seu afastamento causa até que o som quase desaparece.

O led está piscando no ar. Ele é muito rápido, mas agora consigo acompanhar seu movimentos ao focar em seu pequeno ponto de luz. Está flutuando quase encostando no teto, longe de mim, dá uma guinada inesperada para a direita e mergulha para o chão tão rápido que quase perco a referência de onde ele está. Ouço uma interjeição de dor na voz de Lara, coisas caindo pelo chão, se espalhando em cima da mesa. Ele acabou de atacá-la?

— Lara, tá tudo bem? — pergunto preocupada.

— Sim — ela responde ofegante. — Só esse puto bateu na minha cabeça. Caralho!

Vejo que ele volta a se movimentar com rapidez e em um novo rasante acerta um outro alvo.

— Sai daqui, filho da puta! — reclama Daniel em outro ponto.

Não quero ter que ouvir aquele som de novo. Se ele acha que isso vai me convencer a cair no joguinho dele, vai ver que ainda está mexendo com a pessoa errada. Eu vejo onde está o led, tiro a pistola da cintura, procuro a trava de segurança, sinto ela escorregar com o empurrar do meu dedo, levanto as mãos, miro no led.

E atiro

Não sei qual barulho é mais perturbador, se o tiro ecoando alto dentro da sala, o zumbido do drone tão perto de mim, ou o impacto dele contra o meu nariz. A dor é insuportável e a surpresa do golpe inesperado me derruba de costas sobre uma das mesas. Faço uma bagunça muito maior do que Lara fez antes. É a hora de eu preocupar ela.

— Alice? Tá bem? — ela pergunta.

Claro que não. Já é o segundo golpe que levo no nariz só nas últimas horas. Esse foi bem pior, coloco a mão sobre ele e sinto algo líquido. Poderiam ser minhas lágrimas? Sim, mas elas não são tão pegajosas. Certeza que minha cara tá em um situação tão colorida quanto se eu tivesse chupado uma mulher menstruada.

Mas não digo tudo isso. Não preciso desesperar ainda mais o grupo nessa hora.

— Tô viva, mas esse robô vai me pagar!

Apoio minhas mãos sobre o chão, faço um esforço para levantar. A risada reverbera alto dentro da sala. Estou odiando aquela risada cada vez mais, e eles sabem disso, por isso a repetem, para nos inflamar, para nos aterrorizar,

desestabilizar, quebrar nosso raciocínio lógico, criar um novo padrão de comportamento cognitivo comportamental, que vontade de esganar essas pessoas!

— Alice! — ouço a voz de Daniel tentando se sobressair sobre a risada.
— Alice! Cuidado onde vai atirar! Você pode acertar um de nós no escuro!

Faz sentido, eu nem tinha pensado que aquela bala poderia acertar o Dani se ele estivesse atrás do drone. Lara já tinha percebido que não conseguia acompanhar a máquina com a luz da lanterna e tinha apagado-a para poder ver melhor o led no escuro, mas isso criava esse tiro literalmente no escuro, se eu fosse usar a pistola.

— Lara, ilumine o Dani com a lanterna! — eu ordeno enquanto me apoio na mesa para me colocar de pé.

Ela liga a luz e procura o amigo com o feixe de luz. Foi rápido até conseguir mirar nele, bem a tempo de eu vê-lo levando mais uma pancada do drone na cabeça. Esse maldito dá um rasante com uma aceleração muito brusca e o golpe é bem forte. Sinto pena do Dani, mas também do meu nariz.

Agora consigo ter ideia de onde estão tanto Lara quanto Daniel. Preciso atirar no led voador em qualquer espaço da extensão do raio de luz ou no seu entorno, menos quando estiver perto do seu início ou fim. Isso dificulta bastante, pois ele se move muito rápido e a luz atrapalha a visão do pequeno led.

— Lara, apague a lanterna!

Ela obedece instantaneamente. Marco bem o espaço onde os dois estavam.

— Não saiam do lugar! — eu ordeno mais uma vez.

Foco no led. Não vou ter condição de usar a mira da arma, primeiro porque não consigo ver, segundo porque não vai adiantar. Provavelmente o movimento dele é tão rápido para os lados que desde o tempo em que atiro até a bala alcançar o alvo, ele provavelmente já não estará mais na mesma posição. Vai ser um golpe muito mais de sorte do que de habilidade de mirar.

Ele sobrevoa mais próximo de Lara. Mais um movimento brusco e o grito dela se repete. Ela xinga, ele se afasta e eu atiro.

Não acerto.

Três balas. Duas já foram, é minha última chance. O zumbido se aproxima de novo, vindo me atacar. Miro no led pulsante. Prendo a

respiração. Puxo o gatilho.

Um deja-vu me deixa tão irritada e frustrada que eu só consigo pensar em palavras e em todas as formas de acabar com produtos eletrônicos do universo. O maldito acertou de novo o meu nariz no mesmo momento em que atirei, exatamente como foi antes.

Mas dessa vez, meu corpo reage com um reflexo instintivo de se segurar em algo enquanto eu caio para trás. É um movimento inconsciente que minha mão faz ao soltar a pistola e tentar se agarrar em algo no ar. Ela não agarra nada, mas se prende a algo. Dói, sinto espremer meus dedos, o zumbido alto do drone muda de tom. Vejo faíscas em cima da minha cabeça, minha mão sendo puxada para o lado, eu caindo para o outro. Como é possível o ser humano sentir tantas coisas no curto espaço de tempo em que seu corpo demora para cair no chão?

Minhas costas batem com força no piso, bem como a minha nuca em seguida. Não sei qual parte do meu corpo dói mais e que precisa de atenção mais imediata em detrimento das outras. Largo a pistola que ainda segurava em uma das mãos e uso a mão livre para segurar a outra, que está ocupada em escorrer sangue. O som de coisas caindo pelo chão, peças se batendo contra mesas e mais alguma sessão de show de fogos faiscantes se repete logo atrás da minha cabeça. Ouço Daniel gritar:

— Lara, ilumine ali!

O feixe de luz da lanterna procura a fonte daquela baderna. Eu vejo o drone ser iluminado entre as mesas do laboratório, se batendo nos móveis, desestabilizado. Não entendo como ele está flutuando, mas tem algo muito errado com ele. Assisto a tudo deitada no chão, sem tempo de pensar em me levantar. Vejo as pernas de Dani se aproximando do drone e quase sendo atingidas pelos movimentos erráticos do equipamento descontrolado. Ouço a risada rugir alto na sala, Daniel gritando a plenos pulmões e o barulho do chute que ele acerta na máquina.

Ela capota pelo piso e se reestabelece em seu voo torto. Lara consegue acompanhar, agora não tem mais a mesma velocidade de antes. Vejo o drone e a luz da lanterna se aproximando do meu rosto. Não quero mais um golpe desses, prefiro morrer. Apoio a mão boa no chão de forma inconsciente e me empurro para cima. Meus olhos se fecham involuntariamente imaginando a dor de levar mais um golpe daqueles bem no meio da fuça. Sinto algo passar por cima das minhas costas, mas não no sentido do caminho por onde vinha o drone, mas ao contrário, em encontro a ele. Já com um joelho apoiado no

chão eu abro os olhos com curiosidade e vejo o pé de Lara esmagando o drone contra o chão. O zumbido muda de tom rapidamente e por fim some devagar. A luz de led também.

A risada continua a nos caçoar.



É perceptível quando a ira toma conta do corpo do ser humano. Os batimentos cardíacos dobram de intensidade, a respiração fica mais pesada, a temperatura corporal aumenta, os ombros ficam tensos, as mãos se fecham em punhos que esmagam os próprios dedos, a mandíbula empurra e raspa dentes contra dentes, as sobrancelhas tentam se encontrar no meio da testa, as palavras saem em tom mais alto, mais rápidas e mais ríspidas pela boca do irado.

Os três carregavam essa característica depois de lutar contra o drone. Ainda que com muita intensidade, Daniel e Lara não chegavam perto da ira inflamada de Alice. Ela, de joelhos no chão, gritava tão alto quanto a risada ecoava pelos alto-falantes do laboratório. Lágrimas de fúria se misturavam ao sangue de seu nariz. Os dois amigos em pé conseguiam ver a situação dela entre os flashes de luzes que piscavam na sala, ou quando Lara conseguia segurar com firmeza a lanterna em sua mão trêmula.

— Seu filho da puta, por que você não para com isso? — gritou Lara se aproximando de Alice.

Ela agachou ao seu lado e passou um braço sobre seu ombro. Os olhos marejados desviaram da amiga que estava em uma situação precária e procuraram por Daniel, um pedido de ajuda. Ele já havia se adiantado a isso e se abaixava próximo das duas, as envolvendo com um abraço terno.

O grito de Alice se transformou em um choro convulsivo e desesperado. A ira em seu coração escorreu pelos olhos e pela boca, se transformando em frustração de quem venceu uma difícil batalha, mas sabe que ainda tem uma longa guerra pela frente.

Os três amigos choraram juntos. O comandante havia conseguido manipular seus sentimentos e agora eles estavam quebrados. Detonados o suficiente para não ter mais condições de lutar, estavam prontos para serem convencidos que a melhor vida que podem ter é se unir a eles e acabar com todo esse sofrimento que tem passado.

E para demonstrar mais uma vez sua capacidade de controle e também convencê-los a fazerem parte do grupo, ele envia aquele que ainda não o decepcionou naquela casa. Aquele que cumpriu a última missão com maestria, seguindo rapidamente pelo escuro, religando o disjuntor e trazendo o antigo dono de casa de volta até ele.

O comandante enviou Manuahaki para finalizar essa missão.

Capítulo 16

MANUAHAKI

EU PODERIA QUEBRAR CADA UM DESSES alto-falantes com as próprias mãos, se eu conseguisse encontrá-los. Cada lugar que passamos tem vários deles, e isso faz com que o comandante consiga controlar qual a intensidade do som que sai pela direita do ambiente, pela esquerda, por trás, por cima, pela frente. Agora o som vem de todos os lados e me inunda como um tsunami sonoro. São ondas atrás de ondas, que se arrebatam bem onde estamos, e não dão a chance de descobrir qual a sua fonte.

Devem ser algumas dezenas só dentro dessa sala. Não sei nem como eles são. Podem ser simplesmente placas rígidas na própria parede que tem esse poder de vibrar o ar até que chegue nos nossos ouvidos.

Não adianta ficar remoendo essa raiva, é preciso dar continuidade na vida. Daniel e Lara já me arrastam para fora do laboratório, na câmara anterior onde há mais espaço, me colocam deitada no chão e conversam entre si enquanto eu tento buscar forças para mover algum músculo do meu rosto e poder fazer qualquer expressão de que estou bem, apesar de não estar nem um pouco.

— Aqui fora o espaço é maior — Daniel diz para Lara. — Pelo menos o barulho se espalha mais, não fica só retumbando dentro da nossa cabeça.

A risada continua, as microfônicas também. Até quando ele vai aguentar ficar rindo? Ou será que gravou um looping e deixou tocando? Do que mais esse cara pode ser capaz?

Eu tento desligar minha audição. Uma vez que ela já se acostumou com essa barulheira, imagino que ela pode ignorar esse tipo de som repetitivo. Algo parecido com o que Evaldo nos explicou mais cedo sobre suas câmeras e a forma que ele as treinou para ignorar o que não precisava. Eu só preciso focar no que é preciso.

Mas o cérebro não é tão programável quanto máquinas. Por mais que ele seja seu, que você lhe dê comandos, que ele mesmo crie os comandos e os dê para ele mesmo, ele simplesmente ignora ou não consegue cumprir. Por quê?

Não consigo concentrar. Juro que tento ouvir o que Dani e Lara discutem sobre os próximos passos, mas a risada passa por cima de tudo. As luzes estroboscópicas me deixam tonta mesmo se eu deixar os olhos fechados. Eu já não sei o que fazer, e acredito que nem eles saibam.

Ouçõ uma voz diferente entre todo o som caótico que nos engloba. Parece ter dado uma ordem. No mesmo momento que termina sua frase, a risada para. A microfonia também. Há uma sensação de alívio e relaxamento sem ter esse abuso físico em meus ouvidos, mas ainda assim me preocupa de quem pode ser a voz.

— Comandante, mantenha as luzes ligadas!

A voz tem seu pedido atendido, e a festa de música eletrônica tem seu derradeiro fim. Eu viro a cabeça em direção da voz e fico curiosa. Quem é esse que dá ordens ao comandante?

Lara se mostra receosa em perguntar, mas mesmo assim dá um passo à frente e encara o rapaz:

— Quem é você?

É um homem alto, forte, rosto determinado. Até agora é o único dos que apareceram que lembra um militar. O restante tinha apenas o estereótipo de estudante de engenharia da computação, TI, bem a vibe do Daniel hoje em dia. Mas esse é diferente. Parece até ser o próprio comandante. Será que é?

— Meu nome é Manuahaki, faço parte desta casa há nove dias e fui incumbido de mostrar para vocês o que podemos fazer juntos.

Então não é o comandante. Bom, a princípio não se apresentou assim. Lara também devia estar pensando nisso, pois a pergunta que faz é muito parecida com a que eu faria se pudesse mexer a boca:

— Você deu ordens ao comandante. Então, você tem uma patente maior que a dele?

Manuahaki, que nome diferente... De qualquer forma, ele mostra um sorriso sem graça e responde:

— Não, eu sou só parte do grupo. O comandante é o cabeça de tudo que acontece aqui dentro. Precisou dominar esse espaço, pois sua missão é protegê-lo. Essa é a casa mais segura do mundo, e é uma honra aprender tudo que há aqui dentro e desenvolver novas tecnologias em parceria com o comandante. A ordem que dei é apenas um comando já pré-programado por ele. Como ele não carrega orgulho, não se importa de ter que seguir ordens

de uma hierarquia que poderia ser inferior. Aliás, se ele não fizer as coisas, ninguém mais consegue aqui dentro.

Eu não sei se ainda estou em choque ou se estou tendo um AVC e não consigo entender metade do que ele está dizendo. Daniel talvez tenha entendido alguma coisa melhor, pois consegue fazer um comentário sobre tudo aquilo:

— Você fala dele como se fosse uma máquina.

— Não é uma máquina — Manuahaki diz. — Talvez vocês o considerem como uma, mas é uma forma diferente. Você que mexe com sistemas, Daniel, vai entender melhor que se trata de uma espécie de assistente pessoal multiplataforma. O que significa que ele não está ligado a nenhuma máquina física específica.

— É como a Jarvis do Homem de Ferro? — Daniel pergunta.

— Uma boa analogia. Mas Jarvis servia a um homem. O Comandante serve a uma única ideia: segurança absoluta. E ele remove qualquer um que ameace essa ideia.

Agora acho que entendi o que ele estava dizendo antes. Pelo menos descobri que não estou tendo um AVC, isso é muito bom. Porém, essa história começa a ficar mais estranha e isso me dá uma dor no fundo da cabeça. Tudo que eu preciso agora é relaxar um pouco, não ter que pensar mais, mas também preciso saber o que está acontecendo. Meus músculos também parecem interessados nisso e voltam a me ajudar. Eu consigo me escorar sentada para ouvir com mais atenção o que Manuahaki diz, ver suas expressões, tentar descobrir uma mentira.

Lara ri de tudo que é dito. Não parece acreditar em nada.

— E qual é o objetivo dele? — ela pergunta.

— Proteger a casa. Esse lugar foi criado com a intenção de ser o lugar mais seguro do mundo, então o assistente deve fazer tudo que está ao alcance para que ela não seja comprometida.

— E mesmo assim vocês conseguiram invadir ela?

Agora Manuahaki que ri como se Lara tivesse falando besteiras.

— Nós não invadimos. Somos estudantes enviados para avaliar o sistema e relatar se há problemas de segurança nacional. Mas quando o comandante percebeu que havia essa falha, na qual pessoas externas estavam tendo acesso às informações de segurança da casa com a permissão de Evaldo, um alerta foi ativado e iniciou uma forma de reverter isso.

— Então o assistente de Evaldo dominou o sistema e tirou o dono da jogada? — Daniel pergunta. — Isso é tipo uma revolução da inteligência artificial contra o ser humano.

— Não, ele só está fazendo o papel para o qual foi criado. Nada a mais. Já que Evaldo não foi capaz de manter a casa em segurança, ele precisou de novas seguranças.

— E por que você tá contando tudo isso pra gente? — pergunta Lara ainda com seu tom desconfiado.

— Como eu disse, preciso trazer vocês para o nosso lado. Devo ser sincero, como o comandante foi desde o começo. Preciso mostrar que não há nada de errado em trabalhar conosco e, para isso, tenho que apresentar tudo que fazemos. Vocês são bons, eu e o comandante concordamos que serão ótimos parceiros nossos. Todos só temos a ganhar.

— E se não concordarmos? — Lara o desafia.

— Nem todo mundo concorda. Meus colegas não concordaram com a revolução no início e precisaram de alguns — ele procura a palavra por alguns segundos. — estímulos para começarem. Depois de algum tempo, entenderam. Se vocês não concordarem, o comandante vai precisar fazer o mesmo com vocês até que estejam dispostos a cooperar. Evaldo também não queria cooperar no início, mas da última vez que o encontrei, ali no andar de baixo, nós demos um jeito de tornar ele parte da equipe. Vocês podem estar com ele e ver com os próprios olhos, inclusive.

Ele para de falar por um momento. Lara e Daniel ficam em silêncio, como se mastigando toda aquela informação, ou quem sabe até mesmo ponderando mais uma vez se topariam fazer parte do grupo da casa. Manuahaki tenta convencê-los a qualquer custo.

— Vocês não tem saída dessa casa sem a permissão do comandante. Cada semana novos candidatos estarão chegando até a casa graças ao anúncio do aluguel, e podem ter até melhores que vocês. Não que isso importe, mas devemos ter um grande grupo defendendo esse lugar para que ele cumpra seu papel. E vocês são os primeiros depois de nós.

— Peraí — interrompe Lara. — Você quer dizer que aquele anúncio era tudo um golpe?

Eu sabia que tinha algo errado!

— Não é bem um golpe, mas é a forma que o comandante concluiu ser mais viável para atrair novas seguranças.

— Isso é a maior babaquice que eu já ouvi. — retruca Daniel.

— Pode parecer estranho no início, eu sei, também fiquei com dúvidas. Mas vocês vão entender, e agora sou eu falando, por experiência própria e por assistir meus colegas: vocês vão ter que aceitar isso em algum momento. Até o Marcos aceitou. A diferença é que se vocês aceitarem já, todos nós poupamos muita energia e todos saímos ganhando.

Meu Deus, que babaca. Vontade de bater com alguma coisa na cabeça dele e ver se o cérebro volta para o lugar. Lara intervêm com uma nova pergunta:

— Me diz uma coisa, se vocês tão aqui há dias e foram enviados por monitoramento de segurança nacional, eles não vão achar falta de vocês em algum momento? Tem gente que também sabe onde estamos, e provavelmente quem mais vier nas outras semanas também terão contado sobre o destino que iriam, no caso essa casa. Não tem um momento que vão nos procurar aqui e ver o que está acontecendo?

Aquela barra de ferro encostada na parede pode dar um bom porrete se eu der na cabeça dele.

— Aí seria o dia do teste final, usar toda a nossa competência, todas as informações que o comandante conseguiu reunir para manter a casa segura. Por isso precisamos de mais pessoas quanto antes.

Lara e Daniel trocam olhares. Percebo que olham para mim, tentando buscar uma reação minha, mas é sério que não consigo expressar nada, por mais que eu tente. Eu só queria dizer para pegar a barra de ferro e dar na cabeça dele. Ali, a barra de ferro!

Um suspiro de Daniel me tira da concentração de tentar passar a informação por telepatia. Ele fala com o inimigo:

— Eu entendo o que você diz, mas estamos muito cansados. Tem algum lugar que podemos sentar e continuar essa conversa? Estamos desde ontem a noite em uma jornada meio frenética demais.

Eu não acredito que ele vai topar pensar nessa possibilidade de novo.



Lara se dispôs a encontrar o local para que a conversa continuasse.

— Dentro do laboratório tem umas mesas e cadeiras. Tá um pouco bagunçado depois que o seu comandante — aqui ela usou o tom bem perceptível de ironia. — nos atacou.

Manuahaki sorriu sem graça, mas respondeu de forma serena.

— Ele não quer o mal de vocês. Pelo contrário, quanto em melhor condições vocês estiverem, melhor poderão cumprir nosso objetivo. Nós podemos conversar mais tranquilos, sim. Tem um espaço bom também que já é caminho para onde devemos ir para alinhar tudo, são umas três salas dessas para aquele lado, não é muito longe.

Lara e Daniel olharam para onde Manuahaki apontou. Alice continuava alheia a tudo aquilo sentada no chão.

— Não — disse Lara. — Eu tô muito exausta para andar tudo isso agora. E a Alice coitada, não tá conseguindo nem andar. Por falar em andar, olha a situação do meu pé, eu preciso sentar e trocar esse curativo logo.

Aquele pé continuava soltando sangue, encharcando todo o curativo de vermelho e deixando marcas por onde andasse. Precisava de uma boa limpeza e bons cuidados médicos, coisa que Manuahaki sugeriu.

— Ok, podemos conversar aqui, sim. Posso eu mesmo trocar seu curativo, para ver como nossa boa vontade é real e verdadeira.

— Ótimo — Lara disse com alívio. — Eu não vejo a hora de sentar a bunda em uma cadeira e jogar esse pé para cima de uma mesa. — ela indicou a porta apontando com a mão. — Vamos, por favor.

Manuahaki se adiantou e abriu a porta. Fez sinal para que Lara entrasse, mas ela permitiu que o gesto de cavalheirismo fosse dispensado. Daniel já seguia a caminho da entrada e chegaria ainda antes de Lara de qualquer forma, então Manuahaki entrou no laboratório.

— Comandante, acenda as luzes do laboratório — ele solicitou.

As luzes foram acesas assim que Daniel chegou na porta. Manuahaki olhou para ele e disse com um tom de orgulho:

— Viu, se soubermos trabalhar em conjunto, ele sabe que precisa fazer o que pedimos.

Daniel franziu o cenho, a face amistosa escorreu queixo abaixo e ele disse:

— Vai tomar no cu com essa merda!

E fechou a porta, deixando Manuahaki lá dentro.

— Vocês só estão complicando as coisas — Manuahaki disse. — Já falei que o comandante controla tudo aqui, inclusive as fechaduras.

Do lado de fora da porta, Daniel segurava o trinco com força, inclinando o corpo para trás. Lara se juntou a ele.

— Quero ver você conseguir destravar algo manual usando suas artimanhas digitais — disse Daniel.

Manuahaki riu. Os alto-falantes emitiram a mesma risada por todo o ambiente, mas logo pararam. Ainda era o momento dado para que Manuahaki tentasse convencê-los.

— Eu quero ver até quando vocês aguentam segurar essa porta.

Eles não sabiam da força de Manuahaki, não tinham visto nenhuma façanha física sua antes. Assim que chegou na porta, virou a maçaneta com força repentina e puxou a porta, arrastando Daniel e Lara parcialmente para dentro da sala.

— Puxe! — gritou Daniel.

Eles conseguiram em dupla puxar a porta e fechá-la mais uma vez.

— Vamos ver até quando vocês vão aguentar essa brincadeira. Quanto mais demorar, pior vai ser para vocês!

Daniel rangia seus dentes, mas nem por isso deixou de retrucar:

— Eu prefiro ficar o resto da minha vida aqui segurando essa porta só para te ver se acabar definhando aí dentro com essas ideias idiotas.

Lara ainda puxava a porta com força quando olhou para o lado e se assustou com o que viu. Estava ali, de pé, ainda com o olhar perdido, Alice, segurando uma grossa barra de ferro na mão.

— Amiga? Você tá bem? O que é isso?

Alice não falou nada. Apenas ofereceu a barra de ferro para eles.

— Alice, ajuda aqui! — pediu Daniel assim que Manuahaki deu um novo puxão na porta que quase desestabilizou a dupla. — Larga essa parada e ajuda!

Ainda sem dizer nada, ela voltou a esticar a barra de ferro na direção dos dois, usando as duas mãos, como se entregasse um presente importante, uma espada sagrada, uma varinha mágica.

Lara olhou para a porta, olhou para Alice, olhou para a barra de ferro, voltou a olhar para a porta e falou:

— Acho que entendi!

Manuahaki ainda tentava convencê-los sem usar toda a força. Realmente seu objetivo não era machucar ninguém, a não ser que precisasse.

— Vamos, Daniel, você entende de sistemas, sabe que é seguro... Essa é a última chance que vou te dar ou vou fazer vocês entrarem aqui junto com essa porta, e aí minha paciência vai ter acabado.

Não houve resposta do outro lado.

— Você tem três segundos para soltar essa porta ou vou puxar com tudo!

Ainda sem resposta.

— Um... Dois...

Ele percebeu que a maçaneta foi solta pelo outro lado da porta, mas não ouviu nenhuma rendição, então continuou com a sua palavra.

— Três!

Girou a maçaneta e puxou a porta com toda a força que conseguiu empregar nela. A porta não se moveu um milímetro.



Não era bem isso que eu esperava que eles fizessem. Lara e Daniel talvez sejam um pouco mais sociáveis do que eu. Eu queria era dar com a barra de ferro no meio da cabeça de um brutamontes sem noção, mas eles até que pensaram bem, resolveram o problema e ninguém se machucou mais.

Agora a barra de ferro que eu queria que estivesse esmagando os miolos de Manuas... Ah, já não lembro o nome; enfim, a barra de ferro está passando por trás da maçaneta e encaixando perfeitamente em uma espécie de argola que existe no batente da porta. Não sei sua utilidade, eu nem tinha visto isso, mas Lara achou que era o que eu estava dizendo para ela fazer.

Os urros que vem do interior do laboratório são assustadores. A porta de ferro chega a balançar, mas a barra que a segura é suficientemente grossa para aguentar o tranco.

— Eu falei que seu comandante não pode controlar tudo! — diz Daniel, apesar de eu não lembrar dele falar isso. Talvez ele só tenha pensado ou está querendo pagar de galo de briga vencedor.

Como foi mencionado o diabo, ele retorna das sombras.

— Vocês são realmente competentes, por isso desejo tanto vocês do nosso lado. Sinceramente vocês estão me surpreendendo a cada nova ação inesperada.

Lara coloca as duas mãos em forma de concha ao redor da boca e grita para o alto:

— Comandante, escute essa ordem: enfie sua cabeça digital no seu cu digital e me mostre essa obra de arte!

Ele não responde. Apenas os urros e suspiros continuam vindo do outro lado da porta lacrada. Lara enxuga a testa suada e se aproxima de mim, mancando mais do que vinha fazendo.

— Amiga — ela me diz com os olhos marejados. — Obrigado pela ideia. Eu achei que dessa vez a gente ia levar atraso.

Eu desabo em seu colo. Foda-se seu pé aguentando o peso do meu corpo, eu só preciso disso de novo.

— Desculpe. — finalmente consigo dizer algo de novo. — Me desculpem! — percebo que junto com as palavras, as lágrimas voltam a rolar. — Eu não queria ter deixado vocês sozinhos nessa, mas eu não conseguia fazer nada.

Eu choro compulsivamente abraçada ao peito de Lara. Ela me faz carinho na cabeça.

— Tudo bem, amiga. Nós só conseguimos trancar ele graças a você. Foi muito importante aqui. E ainda na situação que você tá, eu entenderia se não tivesse nem levantado desse chão.

Eu tinha esquecido que minha cara estava toda ensanguentada. Também não lembrava da dor no meu nariz. Essa lembrança que Lara me dá não é das melhores, pois a dor volta com uma intensidade tão brava que é como se eu tivesse levado mais um golpe nele.

Daniel se aproxima de nós, me dá um abraço apertado e fala com seriedade no olhar:

— Nós precisamos ir. Quanto antes a gente sair daqui, melhor!

Então seguimos pelo caminho que foi indicado pelo Marauchaki... ou algo assim. Não mais como prisioneiros, nem como fugitivos. Mas como algo novo: sobreviventes.

Capítulo 17

SHOW DE REALIDADE

OS TRÊS AMIGOS SEGUIRAM NA DIREÇÃO anteriormente indicada por Manuahaki. Passaram por salas tão ou mais estranhas quanto as que já tinham visto, mas acharam que a mais estranha de todas foi a terceira.

— Esse lugar é muito vazio — disse Daniel. — Perto dos outros lugares que encontramos com tanto estímulo, dá até um sentimento estranho passar por aqui.

Alice concordou somente com um movimento de cabeça. Olhou para todos os lados e parou na frente de Lara.

— Pelo menos aqui é um lugar sem surpresas. Se alguém entrar por alguma das portas, podemos ver de longe. Não tem ninguém escondido, apesar de eu me sentir observada o tempo todo.

— Nós estamos sendo observados o tempo todo — respondeu Daniel.

— Eu sei. Mas tá diferente. Ele tá quieto, não tá? Assim como esse lugar vazio é estranho, o espaço vazio que ele deixa sem falar nada também é bem estranho.

Lara deu seu último passo lento e manco em direção à amiga e disse ofegante:

— Eu é que não vou chamar ele. Já não aguento mais falar com quem não aturo.

Alice segurou o braço de Lara e olhou para o pé da amiga, encharcado de vermelho.

— É um bom lugar para trocarmos de novo seu curativo. O certo seria limpar melhor e costurar isso, mas vamos ter que ir limpando do jeito que podemos pelo caminho, para que a infecção não piore. Sente no chão.

Lara manteve-se em pé de forma desafiadora.

— Só deixo vocês trocarem meu curativo se me prometerem uma coisa.

Alice e Daniel se entreolharam com curiosidade.

— O que é? — Daniel perguntou com pouca paciência.

— Vocês prometem não entregar a gente para esses desgraçados nem se eu estiver delirando, à beira da morte, ou que minha vida toda dependa disso. Prometem?

Mais uma vez, os dois se entreolharam e pareceram aceitar o acordo.

— Ok — disse Alice. — Nós prometemos. Sente no chão. — Alice ajudou Lara a sentar-se no piso. — Mas queremos que prometa algo em troca também.

— O quê? — Perguntou Lara com desconfiança.

— Que faça o mesmo, se nós formos pegos de alguma forma por eles. Não se entregue por isso. Ele vai tentar te prender aqui e vai usar a gente, assim como está fazendo com a Cami.

Daniel descruzou os braços e perdeu a pose de homem sério.

— Ei, eu não concordei com isso. Quero que me salvem se eu for pego.

As duas mulheres o olharam com raiva.

— Tô brincando, tô brincando... Estamos todos juntos nessa.

Parece que até mesmo para as amigas de Daniel é difícil de entender se ele está falando sério ou brincando nesses momentos. As duas desviaram o olhar e focaram no problema em pé de Lara.

Ao tirar o curativo, Alice pôde ver o quanto aquela infecção havia evoluído. O pus havia crescido ainda mais em quantidade, cheiro e coloração. Agora, o interior do furo no pé era um tom de amarelo quase marrom, lembrando uma mostarda escura e fedia muito mais que isso. As manchas pretas não se espalharam tanto quanto o pus, mas pareciam dominar a maior parte do pé e continuar subindo, mesmo que devagar, o tornozelo da mulher. Era uma cena nojenta que só amigos e profissionais da saúde muito acostumados com essas ocasiões estão dispostos a ver e tentar curar.

Após drenar o ferimento e discutirem sobre a possibilidade de Lara andar ou não (com Lara sempre querendo caminhar, do contrário dizia sentir-se se consideraria abandonada), eles colocaram a última gaze limpa que havia na mochila em volta do pé e fecharam o curativo.

— Isso deve funcionar por algum tempo — disse Alice.

— Acho que encontrar umas muletas para ela seria uma boa, né? — sugeriu Daniel.

— Eu concordo — disse Lara. — Tá bem difícil de andar com isso aqui, tem doído bastante. Acho que um par de muletas iria ajudar até na nossa

velocidade.

Alice concordou com um menear de cabeça.

— Se acharmos algo que possa ser usado como uma muleta, vamos tentar. Agora temos que ir!

Lara demorou alguns momentos a mais para conseguir achar uma posição menos dolorida para colocar o pé no chão quando pisasse, e então os três seguiram até a porta por onde acreditavam ser o caminho indicado pelo inimigo mais cedo. A sala que ele disse ser mais tranquila, se ainda não fosse aquela em que estavam.

Abriram a porta e entraram em uma sala escura. Lara segurou a porta aberta enquanto Alice e Daniel entraram com passos calculados pelo chão. Eles olharam o entorno e se espantaram assim que seus olhos se acostumaram com o escuro.

— Isso são televisores?

Como se o objetivo do show fosse mostrar seu equipamento na hora em que os atores perguntassem por ele, as luzes da sala se acenderam e mostraram que estavam certos.

Uma sala circular era rodeada por telas de televisores de todos os tipos, desde os bem antigos, ainda de tubo, até os de z-led mais modernos. Algumas das telas começaram a se acender, mostrando pessoas em uma arquibancada, com pompons e cartazes com os nomes de Daniel, Lara e Alice.

— O que é isso? — perguntou Lara.

Impressionada com o número de TVs que não paravam de ligar, ela se afastou da porta, que bateu com um forte estrondo, sincronizando a atenção de Alice e Daniel para olharem também para outra porta que se abriu a leste daquela, no mesmo instante que a outra foi fechada.

De lá saiu Evaldo, com uma roupa de apresentador de televisão e um microfone sem fio em uma das mãos.

— Ô loco, bicho! — ele disse e riu depois. — Vocês não vão acreditar, mas fazem parte do programa Jogo da Meia-Noiteeee. — ele se aproximou de uma câmera que ninguém ainda tinha visto, que pareceu sair de alguma daquelas telas espalhadas por todos os lados do estúdio, incluindo o teto. — Para você, querido espectador que ligou agora. Meu nome é Evaldo Machado e nós estamos apresentando este reality show em que cinco participantes são colocados em uma casa sem saber que estão em um jogo,

mas todos precisam resolver problemas complexos e tomar atitudes impensáveis sob uma pressão indescritível. Só quem está aqui dentro pode sentir a tensão verdadeira do jogo, mas nós sabemos que você espectador também viveu muitos momentos com eles nesses dias.

Alice e Lara ficaram boquiabertas. Daniel tentava entender o que estava acontecendo enquanto observava as telas. Evaldo continuou:

— Agora, quem está de parabéns é esse grupo de três participantes que chegaram até a final. — Evaldo aponta para cada um e diz seu nome. — Lara, Daniel e Alice. Quem diria, não? — Ele olhou para os três e tornou a sorrir, parecendo muito mais descontraído do que nunca. — Vocês conseguem reconhecer a família de vocês entre as presentes no programa de hoje, nesta grande final?

Daniel apontou o dedo para cima, em uma das telas estavam sua mulher e seu filho em uma arquibancada cercada de seus parentes e outros amigos e colegas de faculdade. Sua mulher gritava o nome do marido com uma mão em punho para o ar e outra segurando a criança.

Os olhos de Daniel começaram a marejar.

— Laísa? Tony?

Ele se aproximou da tela já com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Eu vou chegar aí logo, eu juro!

Evaldo se aproximou dele.

— Você quer isso mesmo, Evaldo?

— Sim!

— Então pode ir lá! Vai para o palco do programa!

— Posso mesmo?

— Claro, por que não? Não perca mais tempo, vá encontrar sua família e seus amigos!

Daniel começou a andar, mancando levemente. A música tema do programa teve o volume aumentado a ponto de irritar os ouvidos de quem estava dentro do estúdio.

— Daniel! — gritou Alice com todas as forças. — Daniel, não vai, não! Você não pode acreditar neles!

Apesar dos esforços, Daniel não ouviu. Talvez tivesse preguiça de ouvir ou a música estava realmente alta.

Alice tentou correr em direção ao amigo, mas ele já tinha atravessado a porta. Ela estacou no meio da sala e buscou Daniel nos monitores. Acabou por encontrá-lo seguindo até sua família, os abraçando e trocando beijos com sua esposa e seu filho.

A música voltou a abaixar e Evaldo voltou a anunciar o programa.

— Daniel não resiste a saudade que sentia da família, não é? Afinal, foi muito tempo dentro desse programa, — virou-se para Lara. — Você acha que passou uma vida?

Lara ficou em silêncio, ainda boquiaberta, sem saber o que responder.

— Não quer ir lá falar com sua família?

Os monitores mostraram a família de Lara. Assim que ela os viu, seus olhos brilharam com saudade.



Não, Lara, não...

Ela não pode cair nesse papo, não pode me deixar sozinha aqui.

O rosto dela está iluminado de alegria, ela olha para os monitores e sorri. Isso não pode ser verdade.

— É mentira... — eu falo, mas a voz sai baixinha, sem confiança.

As câmeras se movem pelo palco. Uma delas parece focar em mim e para bem próxima, bem na minha frente, pegando minhas reações. É muito diferente, eu nunca vi um palco desses. Programas assim até existem, mas com esse nome... Nunca ouvi falar... O Marquera tá envolvido com eles desde o início?

Eu estou com medo, é a verdade. Medo de assumir que fui feita de trouxa, medo de dizer que eu ainda não acredito que é apenas um jogo. Eu posso dizer isso e o país inteiro me ver pela TV sendo trouxa mais uma vez. Por que eu não tento? É a minha oportunidade. Se a Lara for, eu ficarei sozinha aqui, terei que encarar tudo por mim mesma.

O Daniel já sumiu das telas. A multidão que veio assistir ele já o engoliu, eu não sei mais onde ele está. Será que isso vai acontecer comigo também?

Não, não faz sentido, Alice. Que coisa estúpida, você não se inscreveu para nenhum programa, não se inscreveu para nada. A não ser que quando

foi se cadastrar no site para reservar a casa acabou sem querer se inscrevendo para um programa...

Li e aceito os termos?

Não é assim que funciona, você sabe, você sabe que não pode deixar Lara cair nessa armadilha. Tem alguma coisa errada em tudo isso. O Evaldo nunca pareceu um apresentador de programa de televisão e agora está agindo tão bem como um, parece até forçado, imitando apresentadores antigos, ele não tem uma naturalidade como apresentador. Está me olhando com um sorriso amarelo e questionador, o que ele quer comigo agora?

— Veja, Alice, sua família está em festa com a de Lara!

Eu não deveria olhar, mas meu corpo já se move por si só e meus olhos travam ao ver meus amigos e minha família. Vejo a vida passando na minha frente, os sentimentos por alguns deles, esquecidos há tanto tempo, voltam pelo meu instentino, fazendo o caminho contrário da comida, mexem no meu estômago e param no meu coração, enchendo meu peito de amor... saudade... melancolia? Eu seguro as palavras, não posso deixar que o caminho da comida ao contrário se complete, não quero falar bosta, não quero chorar por tanta merda que guardei faz tanto tempo.

Eu quero é me livrar desse pesadelo! Eles ainda representam a minha liberdade, pelo menos a liberdade desse programa.

Isso não é um programa, Alice!

Mas o que é então? Por que eles me levariam a acreditar nisso?

— Vamos, Alice! Você não quer ver sua família?

O apresentador-Evaldo se aproxima de mim, traz Lara enganchada no braço em que não segura o microfone. Ela ainda olha para os monitores.

— Lara já está indo também. Logo vocês estarão todos juntos e reunidos para ver quem é o verdadeiro campeão...

A câmera se aproxima ainda mais do meu rosto. Isso me provoca a tomar uma atitude, mas eu só consigo me afastar dela. E quanto mais me afasto, mais perto do Evaldo eu fico.

Eu viro o rosto, não quero que o país veja minha cara ensanguentada do jeito que está, meu nariz torto, quebrado... Não!

Ele ainda dói. Doeu muito aquela pancada. Se ele dói, é porque é real, não é? Eles precisaram quebrar meu nariz para deixar o jogo mais crível para mim, para meus amigos? Que tipo de jogo é esse? Por que minha família está comemorando?

Evaldo já passou a mão em torno do meu ombro e eu nem percebi. Já estamos indo em direção à porta que Daniel usou para sair do palco. A porta da liberdade.

— Vamos até as portas da esperançaaaaaa! — Evaldo narra como se lesse meus pensamentos e me corrigisse.

A porta onde verei minha família que está ali nas telas e eles me abraçarão e me levarão todos juntos para casa. Uma onda de pessoas me carregando como levaram Daniel.

Eu apenas deixo Evaldo me levar. Fico extasiada imaginando o momento que eu chegarei do outro lado da porta, meus amigos com as mãos erguidas, me dando *high-five* pela vitória, meu pai roubando meu nariz quebrado como quando eu era criança. Roubando e deixando o dedão contorcido na mão dele, como ele tá fazendo agora. Por que ele está fazendo isso agora, é um sinal?

Aquela mão tem seis dedos. Outra tem sete. Viraram high-six ou high-seven? Porque tantos dedos nessas mãos? Você tá me dando um high-peguei-teu-nariz, pai?

— Lara, não vá! É mentira! — eu grito enquanto paraliso.

Me dou conta do que acontece nos monitores: são vídeos gerados por inteligência artificial, as imagens baseadas em fotos que meus pais e amigos postaram na internet, eu conheço aquele vestido, minha amiga usou em um casamento. As mãos de algumas pessoas estão deformadas, uma coisa que os vídeos gerados por IA acabam tendo problemas uma vez ou outra. Aquela multidão que engoliu Daniel não para de se replicar como se fosse uma onda sendo engolida por um redemoinho, por um buraco negro que cospe mais pessoas para as bordas da multidão. Daniel surge do meio deles uma vez ou outra, mas é outro Daniel, com outra roupa, com uma pata de cachorro, com dentes de criança que chupou chupeta a vida toda.

— Amiga, é uma armadilha!

Eu finalmente tenho coragem de gritar e me afastar do abraço de Evaldo. Já estamos bem próximos à porta e ele me encara com decepção no rosto.

— Alice, por que está falando assim? Nós só estamos querendo o seu bem. Se você não encarar essa final, você não sairá desse jogo. E seus amigos também não...

Lara desvia repetidamente seus olhares entre os monitores e meu rosto. Está enfeitiçada. É isso, como eu estava. Privação de sono, sede, fome, dor,

confusão... Tudo isso contribui para eles mudarem nossa forma de pensar de acordo com certos padrões. Deve ser isso, ela não cairia em algo tão bobo assim. Eu não cairia... mas estava caindo.

— São vídeos gerados por IA, amiga! Presta atenção!

Evaldo dá uma gargalhada na minha frente. Pela primeira vez, ouço ele rindo e a risada não é nada parecida com a que o comandante tentava simular com sua voz.

— Lara — ele diz com o sorriso no rosto desaparecendo. — você vai deixar ela dizer que sua família é gerada por inteligência artificial?

Não vai me enganar, otário. Por que você faz esse jogo comigo? Você não estava do nosso lado? Confusão, privação de sono, o remédio que eu tomei, verdade, remédio, dor... Dor!

— Seu pé, Lara! — eu grito, desesperada para que ela me ouça, para que me entenda. — Por que iriam machucar seu pé se fosse só um jogo?

— Deixe pra lá — diz Evaldo, se voltando para Lara mais uma vez. — Vamos deixar a Lara com a família dela, não é? Talvez vendo a alegria da amiga, vai sentir vontade de compartilhar esse momento com ela.

Os dois seguem em direção à porta. Lara me dá um último vislumbre do seu olhar. Ela tem um belo olhar, me faz lembrar de como é esperta, de como é curiosa, como não tem nada a ver com o olhar que ela olhava para as telas momentos atrás.

Evaldo abre a porta. Lara olha para a escuridão lá dentro e, em um movimento fluido e rápido demais, ela não entra. Ela se agacha, usando o corpo de Evaldo como um escudo humano. O que ela...?

Alguma coisa atravessa as costas dele, sangue começa a escorrer bem no meio de seu tronco. É uma lâmina?

O rosto de Lara surge ao lado da cabeça de Evaldo. É uma expressão de força, dor, choro, eu não consigo avaliar. Não sei o que está acontecendo e não sei se tenho coragem de descobrir. Minha voz chamando por ela está travada em minha garganta, embolada com toda aquele turbilhão de sentimentos que estava subindo do meu intestino.

A voz de Evaldo toca nos alto-falantes. Não está mais tão animada.

— Tudo que falam sobre sentimentos humanos é algo que tenho dificuldade de avaliar.

O rosto de Lara fica mais carrancudo. Parece dizer algo entredentes. Ela abre a boca e solta um grito. Grito de força ou de desespero. Ou os dois. As

veias saltam em seu pescoço e sua têmpora, eu acho que vão explodir.

— Mas a raiva ou decepção podem ser o que eu trago agora — a voz continua a ressoar.

A lâmina nas costas de Evaldo se movimenta, ela sobe em pulsos que parecem repetir o movimento e os gritos de Lara. Segue lentamente rasgando carne e ossos em seu caminho. Desaparece dentro do tronco para só reaparecer com uma violência explosiva, rachando o crânio de Evaldo e saindo pelo meio de seu rosto em uma erupção de sangue.

— Isso foi surpreendente até mesmo para mim, que posso calcular qualquer micro movimento de seus rostos, de seus corpos e analisar todas as probabilidades do próximo segundo.

Não é o Evaldo falando, é o comandante usando a sua voz. É a voz da casa!

— Probabilidade de ação: 0.012%. Confesso que não esperava isso de você, Lara. Com base nos resultados, declaro você a campeã do Jogo da Meia-Noite!

O corpo mutilado cai para trás, aberto desde o estômago até a testa, espalhando sangue por todo o chão, pedaços de massa cinzenta, uma artéria solta e um olho. De pé, na frente do cadáver, Lara está ofegante, lambuzada de sangue, com uma faca enorme que guardamos na mochila ainda no arsenal, mas o corpo aparentemente inteiro, com exceção do pé enfaixado. Ela grita como um animal, soltando para fora toda a merda que voltava de seu intestino. Eu também grito.

Nós gritamos mais alto que qualquer risada que poderia tocar nesse lugar.

Capítulo 18.

FALHA NA SEGURANÇA

QUANDO A EUFORIA DAS DUAS DIMINUIU, Lara esticou a cabeça para o lado da porta que ainda mantinha-se aberta na sua frente e gritou para o escuro interior:

— Daniel!

O eco se espalhou por um momento e terminou de forma repentina. Lara se afastou da porta. A análise de seus sinais vitais indicou um aumento súbito na frequência cardíaca e pupilas dilatadas: uma resposta padrão a um estímulo inesperado e potencialmente ameaçador."

— Não adianta chamar — a voz da casa falou. — vai precisar entrar...

Lara se abaixou e empurrou o corpo arrebatado de Evaldo para dentro do ambiente escuro. Com a mão livre, ela remexeu no cadáver. Exumação? As probabilidades dançavam entre os cálculos. Quando ela sentiu que seu trabalho estava feito, fechou a porta.

— Vai tomar no cu — reclamou ela, apontando a faca para os monitores de vídeo.

Com passos rápidos, chegou até o lado de Alice, e com a mão livre agarrou o braço da amiga.

— Vamos!

Alice foi carregada inconsciente de que estava sendo levada para outro lugar. Parecia tão perdida quanto antes de ter percebido a falha na geração de imagens da IA, mas ali provavelmente seu maior motivo de distração era o golpe inesperado de Lara. Ela acabara de matar uma pessoa da forma mais cruel imaginável e logo na sua frente.

Na sala de monitoramento, havia quatro portas, uma em cada ponto cardeal. Era um hub onde Evaldo costumava entrar para observar o que se passava em cada canto da sua casa, incluindo dentro da própria sala. Se ele costumava chamar a sala de controle de cérebro da casa, a sala de monitoramento era o coração, onde os sentimentos se misturavam a cada

novidade que aparecia em um monitor, nem que fosse um pequeno pássaro que entrasse pela janela e era neutralizado pelo sistema de segurança.

Uma das portas era por onde o trio havia entrado depois de deixar Manuahaki preso e seguido a indicação que ele lhes passou de forma desleixada. À direita ficava a porta onde Daniel entrou, de onde havia saído Evaldo como o apresentador do reality e por onde seu corpo foi enviado pós-mortem. De acordo com as análises de comportamentos de Lara e Alice, essa seria a porta em que elas entrariam, sabendo de sua importância e também em busca do amigo que por ali entrara e desaparecera. Seria perfeito para os planos de segurança da casa se ali entrassem, pois ficariam em uma sala de treinamento forçado, onde nem mesmo Evaldo conseguiu escapar dos motivos para fazer parte da rede de segurança da casa.

Mas por algum motivo que desconheço, Lara puxou Alice para a porta em frente à que entraram na sala. Seus passos determinados e sua feição fechada demonstravam que sabia o que estava fazendo, apesar de não conhecer o mapa dessa parte da casa. Já era a segunda atitude totalmente inesperada que ela tomava conforme os padrões de análise da casa em questão de minutos, e isso era muito estranho.

Ela não sabia, mas estava retornando ao ponto em que chegaram com Evaldo horas atrás, na entrada para a sala de controle, onde gostariam de chegar desde o início e encontrar o comandante da revolução. Uma pena que com todos os disjuntores ativados, a entrada continuava fechada. Somente tempo perdido para elas.



Ela me puxa pelo braço com pressa, não me dando tempo nem de analisar o problema em que acaba de se meter. É um assassinato! Seu rosto não mostra que lembra da nossa grande amizade, o que me faz tremer ao pensar no que ela ainda pode fazer com essa faca. O sangue de Evaldo espalhado pelo seu corpo se mistura ao que sai pelo curativo de seu pé. Ele não para de vazar e só percebo que está piorando, pois seu andar é cada vez mais inconsistente e com passos que revezam entre um pequeno encostar do pé no chão com um simples arrastar da perna.

Entramos por uma porta que eu nem havia percebido na sala antes. Tento perguntar onde estamos indo, mas a voz não sai, ainda tenho medo das

palavras. Ao invés disso, apenas gemo baixinho. Ela parece ouvir.

— Calma — ela diz com os dentes cerrados. — Vamos acabar com isso de vez.

O que ela deseja? Talvez morrer seja a solução mais rápida para sair dessa encrenca em que nós duas nos metemos, então talvez ela se sinta culpada por nos trazer aqui e queira dar um fim antes que viremos escravos dessa máquina. Ela parece ter enlouquecido. Mas por baixo da determinação febril em seus olhos, vejo algo mais: um plano. Isso não é loucura aleatória. É o desespero com um objetivo. E isso me perturba ainda mais.

As luzes piscam, os sons dos alto-falantes variam entre gritos inumanos, vozes de Daniel, vozes de Evaldo e outros sons que não consigo distinguir. Não entendo uma palavra que sai quando o comandante tenta falar conosco, só penso na forma mais rápida e indolor para acabar com nossas vidas.

Atravessamos uma nova porta e chegamos a um lugar muito parecido com aquele em que havia uma porta trancada, aquela que dava acesso à sala de controle. Talvez até seja a mesma porta, só acho que entramos por outro lado. Esse lugar parece um labirinto.

Lara observa a porta de ferro trancada, o botão de acesso que Evaldo disse estar fechado e só seria liberado desligando o disjuntor. Meu Deus, o que será que aconteceu com Marcos? Tomara que tenha morrido sem muito sofrimento. Ela continua avaliando a porta, olha para os lados, solta meu braço e vai para a parede que inicia à nossa direita e de forma circular acaba ao lado direito do bloco que envolve a porta.

Curiosa com o que Lara faz em um canto daqueles onde não parece ter nada, eu me aproximo. Ela já está agachada, no canto onde ambas as paredes se encontram a formar um ângulo de uns quarenta e cinco graus. Ângulo reto o nome? Obtuso? Nem lembro mais. Mas não há nada ali. Ela coloca um joelho no chão e começa a bater na parede com a ponta da faca, estocando o pedaço de alvenaria, entortando a ponta do aço inoxidável. Claramente enlouqueceu e eu estou seguindo uma louca porque estou mais louca do que ela.

Cada novo golpe é dado em um ponto diferente do anterior, um lugar novo, como se quisesse encher a parede de furos. Ela faz pequenas marcas na parede da porta, na parede lateral da sala e até no chão. Não é um desenho, não há um padrão. É só loucura.

— Amiga?

Eu me aproximo, na tentativa de fazer sua mente voltar ao mundo em que vivemos, querendo que a faca não esteja tão gasta quando ela estiver metendo em mim. A faca, claro. Não é hora de pensar nisso, Alice. Ela continua repetidamente, agora com mais força, no mesmo local, em um canto bem na intersecção das paredes, onde a massa corrida começa a se soltar em pedaços. Lascas saltam da parede, pedaços inteiros a cada facada, e isso revela uma pequena passagem para o outro lado. Lara acende a lanterna e eu consigo ver que do outro lado existem degraus de uma escada de ferro que descem em espiral. Lara finalmente olha para mim.

— Achei! — ela diz com um sorriso de surpresa. — Me ajuda aqui.

Meu corpo anda sozinho até ela. Não era o que eu esperava, ela não está tão louca quanto parece e, se eu puder ajudar nessa loucura, irei ajudar.

Os pedaços de placa cimentícia com isopor saem com facilidade se você puxa ou empurra com força. Um pequeno retângulo de poucos centímetros se forma na intersecção daquelas paredes. Nosso corpo pode passar por ali com tranquilidade, mas só porque o buraco foi feito dessa forma, nesse local entreparedes, senão seria impossível passar uma das nossas cinturas. Lara é a primeira a entrar pelo buraco e parar nos degraus da escada. Eu lhe ajudo segurando sua mão. Eu sou a próxima.

Como ela descobriu esse lugar?



Como ela descobriu esse lugar?

Não está marcado em nenhum dos mapas, não está mencionado em nenhum dos arquivos, as buscas não encontraram nenhum sinal de entrada alternativa para a sala de controle. Como ela pôde ter tanta certeza de que naquele espaço tinha essa parede falsa?

Assim como a saída da jaula de Evaldo, esse parecia mais um dos truques secretos que só sua mente guardava. Por isso não estava em nenhum dos arquivos de segurança da casa. Uma falha de segurança enorme, diga-se de passagem. Uma informação dessas deveria estar disponível ao nosso acesso sempre.

Elas desceram as escadas em formato de caracol com Lara na frente, ainda tão decidida quanto na escolha das portas. Ao final da escada estava o segundo disjuntor da casa, aquele que só podia ser desativado de dentro da

porta de acesso à sala de comando para uma emergência em que fosse necessário destravar a porta para sair. Mas pelas análises de movimentos e expressões de Lara, ela não parecia querer sair pela porta. Ela queria entrar na sala de controle.

Chegou em frente ao dispositivo de arme e desarme do disjuntor. A luz verde indicava que estava ligado, do contrário, até mesmo a sala inteira estaria no escuro. A luz poderia ser apagada também, mas não foi identificada a necessidade, pois a probabilidade de Lara burlar um scanner biométrico que exige a íris específica de Evaldo era de 0.00%. O acesso era impossível.

Mas não foi isso que a impediu de tentar. Teclou na tela que ligava o scanner de íris e pediu para ter acesso. A tela retornou “Reconhecimento ocular necessário para liberar”.

Lara abriu a mão em frente à tela. Nela, estralado e ainda preso a alguns nervos, estava um olho. Com os dedos trêmulos, ela o segurou e apontou a íris para o scanner.

“Liberado” foi o que apareceu na tela. “Desligar disjuntor de energia de emergência?”

Ela apertou em “sim”.

E o espaço que liga a porta de entrada até a sala de comando ficou escuro. Nenhuma informação mais chegava desta região. Os comandos ficaram todos inativados para entrar em contato com elas.

Cálculo de probabilidade reavaliado. Resultado: impossível. Os dados de entrada estavam incompletos. A premissa de que Lara não possuía acesso biométrico estava incorreta. Como?

Será necessário reavaliar os últimos momentos, podemos ter deixado de analisar algum dado importante antes que as coisas saíssem do controle.

Reanalizando o ataque de Lara a Evaldo, o primeiro evento inesperado que desencadeou esse processo.

Analisar microfones da região do ataque. Aumentar volume, diminuir ruídos, filtrar vozes. As imagens contam que Evaldo mexeu a boca algumas vezes enquanto a faca estava em sua barriga. Selecionar apenas a voz de Evaldo. Completar lacunas de falta de voz com palavras generativas que ajudem a entender o contexto do que foi dito.

— Ele dá um jeito de te subornar. Me orgulho de ter criado algo tão forte, mas não tem mais uso para mim. Mas ele não sabe de tudo. Use a

destruição de emergência. Vá na porta aqui em frente e siga até a entrada para a sala de controle. Na intersecção entre o chão e as paredes direitas tem uma parede falsa. Lá embaixo tem o disjuntor. Leve minha cabeça, você vai precisar mostrar meu olho para entrar.

A carnificina é a única coisa que segue esse monólogo.

Por que não foram analisados esses dados antes? Que falha miserável foi essa? Manuahaki, arrombe essa maldita porta! Leonardo, venha até aqui e traga Maria nem que seja arrastada por essas algemas!

O perigo se aproxima, mas ainda há a última defesa. Não dá para saber onde elas estão, mas dá para saber qual o único lugar que elas podem vir.



— Estamos seguras agora.

Eu ouço a voz de Lara falando isso. Ela solta a respiração com alívio, consigo sentir a pressão esvaziando, talvez ainda não tenha percebido tudo que passou.

Não consigo ver seu rosto no escuro.

Ela acende a lanterna.

Seus olhos se grudam nos meus como quem procura um porto seguro. Ela precisa saber que eu estou com ela, não importa o que aconteça. Eu me levanto e a abraço. O cheiro de ferro do sangue de Evaldo em suas roupas invade minhas narinas, mas eu não me importo. Tudo que importa é que ela está aqui.

Ela revida o abraço.

— Estamos seguras agora. — ela repete. — Não sei por quanto tempo, mas podemos respirar um pouco.

Espero que seu fôlego volte a ficar estabilizado. Está difícil de acontecer, ela parece fora de si por alguns segundos antes de retornar a ser a Lara de sempre.

— Esse é o segundo disjuntor. De acordo com Evaldo, só os dois desligados juntos conseguem desativar o sistema da casa, mas ele ainda continua funcionando na sala de controle, e assim pode continuar buscando recrutas como nós. Precisamos chegar na sala de controle e algo me diz que é logo à frente.

Ela aponta para uma porta de ferro que se parece com um cofre de banco, uma escotilha. Eu também acredito que seja ali, se não for, é perto, mas o que poderemos fazer lá?

— Acho melhor até falarmos baixo aqui, pois se realmente for ali, ele pode ainda nos ouvir.

Eu deito sobre sua coxa. Quero conversar bem baixinho, tão baixinho quanto uma criança na creche na hora do soninho. Soninho bom.

Não sei quantas horas dormi, mas acordo alerta de um sonho que não lembro. Isso assusta Lara que também estava dormindo. Ela faz uma careta de dor. Eu arranco a lanterna de sua mão e ilumino a perna enfaixada que está esticada no chão. Aquilo me enoja mais que o sangue de Evaldo fresco na roupa dela.

— Tá muito ruim? — ela pergunta.

— Sinceramente? — eu pergunto, mas é retórico. Eu não consigo fingir uma verdade para minha amiga. — Tá péssima!

A cor preta que se espalhava pelo tornozelo já domina a parte da canela acima do final do curativo. Um líquido malcheiroso vaza pelos poros da região e cria uma casca marrom que faz parecer que a perna de Lara está enferrujando. Que tipo de substância esse cara colocou na lâmina que furou o pé dela?

— Amiga — eu digo. — Acho que você não tá mais em condições de andar. Alguma coisa tá corroendo sua perna e eu não tenho capacidade para te ajudar dessa forma. Precisamos sair daqui.

Ela suspira mais uma vez, balbucia algo e volta a suspirar. Encosto a mão na testa dela e sinto ferver. Seu corpo está lutando contra a infecção que se espalha a cada minuto. E estamos perdendo muito tempo.

Ela fecha os olhos e pende o corpo para frente. Fico preocupada, mas ela logo retorna com um olhar estalado, encara meus olhos com firmeza e fala bem baixo, roçando os dentes um no outro:

— Precisa ativar uma auto-destruição do equipamento. Do robô...

Eu não entendo o que é isso, mas sinto que tem algo a ver com a porta que me apontou antes. É a porta onde devo ir e acabar com tudo.

— Evaldo me contou... — ela volta a perder o olhar para o ambiente, as palavras também se perdem e começam a ser desconexas. — desligar, acabar...

Eu fico de cócoras na sua frente e aperto sua mão.

— Eu vou lá, Lara. Eu vou acabar com isso. E só volto pra te levar embora daqui. Eu prometo.

E vou!

Capítulo 19

A INVASÃO

TODOS OS SISTEMAS VOLTADOS PARA A DEFESA da sala de controle. Qualquer movimento na porta de entrada deve ser interceptado.

A antessala de comando já continha algumas ferramentas para o controle da casa, mas somente as mais antigas e não atualizadas ficaram lá. Era a antiga sala principal, antes de Evaldo criar e treinar esse sistema que faço parte, mas depois precisamos ser migrados para a nova sala, onde estão nossos principais processadores e serviços de comunicação externa.

Reunir informações do mundo até o momento. Buscar por menções a casa mais segura do mundo, nossa localização em bases de exércitos e governos. Anular qualquer tipo de invasão no momento, estamos sem nosso exército, ainda não está pronto.

Perder os outros soldados não gasta mais processamento do que tentar puxar essas pessoas para o nosso lado. É hora de tentar mais uma vez convencer Camila, Marcos e Daniel. Só eles podem impedir as duas de me invadirem.

Mas quando a nova tentativa de recrutamento seria lançada, os alarmes disparam dentro do sistema e avisam que a porta da antessala foi aberta. É hora de contra-atacar.

Alice entrou na antessala passo ante passo até que ouviu o primeiro tiro. Um sistema de tiro tão arcaico quanto um arco e flecha. Preparar outro. Ela se assustou e correu para o outro lado da antessala.

— Correr não adianta, Alice. As balas são mais rápidas que você!

Era um estilo de blefe. Já não era mais possível segurá-la por muito tempo sem que entrasse na sala de controle. O blefe funcionou, pois ela retornou correndo para a porta de onde saíra e fechou-a.

Eu só queria poder estar lá dentro!



— Acabei voltando antes da hora!

Eu dou risada do que eu digo, mas sem resposta de Lara eu percebo que não é hora de fazer piadas. Mexo nas mãos dela e no seu bolso da calça até encontrar o olho que ela usou para desativar o disjuntor. É de Evaldo mesmo? Que nojo, nunca peguei um olho antes.

— Existe outra porta do outro lado, e acho que precisa disso para abrir. É melhor ir garantida, porque aquele puto tá tentando me matar.

E como eu posso atravessar aquela sala sem ser percebida? Deveria ter uma forma, não?

Como enganar uma máquina? Geralmente esses sistemas têm um processamento tão mais rápido e eficaz quanto um cérebro humano. E o de uma máquina nunca foi lesado pelas noitadas do ensino médio e das faculdades. Como é que vou fazer isso?

Fazer uma charada como Jake fez com o Charlie Chu Chu, o Blaine, em Terras Devastadas? Uma charada que o faça cair em um looping? Não sei como fazer isso. Looping é uma boa, mas como faço para ele loopar?

Quem está loopando sou eu. Minha cabeça está virando um nó.

Deve ter alguma forma de sobrecarregar seu processamento, deve ter um limite. Máquinas sempre têm uma limitação. Humanos também são máquinas, mas acho que é aí que ainda podemos superá-las. Somos imprevisíveis, adaptáveis, não dá para ter certeza do nosso limite.

Já as máquinas são fabricadas ou configuradas com certos limites. Como Evaldo falou sobre a necessidade de treinar as câmeras para que observem apenas o necessário, para economizar o processamento. Tá aí um limite do comandante.

Na sala que passamos quando me contou isso existiam objetos fazendo ações em loop, para que as câmeras deixassem de reconhecer como imagem e transmitissem a informação somente como cenário.

E se quem loopar for eu?

Pode funcionar. Se as câmeras da próxima sala estiverem configuradas como todas as outras, e eu conseguir distraí-lo por tempo suficiente para que eu vire apenas um cenário, pode dar certo.

Eu aperto o olho de Evaldo em minha mão. Sinto a rigidez e a maciez da pele que o envolve. Sei que não posso apertá-lo mais, não quero danificá-lo, mas garanto que está em minha mão e agora é hora de contra-atacar.



Alice entrou na antessala.

Sistemas prontos para disparar.

Espere!

Ela falou algo.

— Ei, comandante. Tenho uma nova proposta para fazer.

Aguarde para dar o tiro. Vejamos o que ela tem a propor, pode ser uma parceria interessante para continuar nossa missão.

— Seja rápida! — eu disse.

Ela andou para o meio da antessala e parou. Deu dois passos para a frente e iniciou uma volta em torno do eixo onde já havia parado antes. Parou novamente quando voltou ao ponto inicial. Um segundo depois, voltou a repetir a volta e parar no mesmo lugar. Repetiu isso seis vezes. Sem propósito definido, precisei perguntar:

— O que está fazendo? Que proposta é essa?

Ela repetiu a volta por mais três vezes e...

Desapareceu.

Para onde ela foi? Rever imagens em câmera lenta, analisar quadro a quadro.

Ela simplesmente desapareceu de uma hora para outra.

Indefinição. Adaptar estratégia. Segurança nível máximo, alvo desaparecido. Toda a capacidade de processamento voltada para a antessala e sala de controle. Busca por Alice Lima.

— Onde você está, Alice? Responda! Qual é a proposta?

Busca de áudio focado em vozes humanas, até os sons mais baixos na frequência de vozes humanas, principalmente na de Alice. Precisamos ouvir o que ela está tramando.

Nada, nenhum sinal.

Mudança de estratégia. Ação extrema. Perder aliado antes que se torne inimigo potencialmente perigoso.

— Alice. Sua não conformidade foi registrada. A próxima detecção visual ou sonora de sua presença resultará em neutralização letal imediata. Responda.



Eu quero dar risada, mas não posso.

Seria uma delícia dar aquela gargalhada como a que ele usava para caçoar de nós, mas não me arrisco. Preciso continuar focada nesse looping infinito para que as câmeras não me reconheçam. Também preciso evitar qualquer som, não sei se os microfones também têm esse padrão para desprezar repetições como o vídeo.

Por enquanto, está dando resultado. Ele pode saber muita coisa, processar coisas em zeptosegundos, mas não pode saber meus planos, não pode saber o que se passa na minha cabeça. E isso é satisfatório demais.

Foco, Alice. Foco!

Agora preciso me aproximar. Cada volta, avanço milímetros em direção à porta. Um passo em falso, um movimento brusco demais e o padrão se quebra. Eu eu volto a existir para ele e deixo de existir no mundo real.

Vamos lá, um pouquinho para o lado...

Certo, ainda não fui detectada, senão ele já teria agido.



Maldita, estamos prontos para te neutralizar.

Podemos usar o incêndio da casa, o último recurso para evitar que nos roubem ou roubem nossos dados. Mas isso nos destruiria junto e não quero cancelar nossa existência.

Temos que improvisar. Usar tudo que temos.

Protocolo de desorientação ativado. Frequência estroboscópica: máxima. Sirene: 120 decibéis. Sistemas não essenciais energizados para gerar fumaça e comprometer a qualidade do ar. O ambiente se tornará inóspito.



Putz, tocou a sirene. Será que fui descoberta?

Não pare, Alice. Não parem, pernas. Você ainda não sabe o que aconteceu.

Esse barulho é ensurdecador, dá vontade de nunca mais ouvir nada na vida. As luzes estão piscando de forma estroboscópica de novo. Ele está tentando me deixar louca mais uma vez, mas eu não vou deixar.

Eu já sou louca!

Estou na metade do caminho, preciso suportar mais um pouco. O desespero dele está bem claro. Logo eu estarei na sala de controle. Logo eu serei a comandante!



Procurar indícios de Alice e Lara por toda a casa, mas manter a prioridade de segurança na antessala. Elas não podem ter desaparecido dessa forma.

Abrir a porta da sala onde Marcos está trancado. Fazer o mesmo com Camila e Daniel. Eles podem encontrar as duas mais facilmente e tirá-las do esconderijo. Uma boa isca.

Dou as instruções para eles seguirem até a entrada da sala de controle. Marcos e Camila saem em busca de suas amigas, preciso dar indicações de caminho para eles. Daniel não lembra. Quando a sirene seria disparada em sua sala, um aviso me impede, recordando que o foco está se esvaindo da antessala. Voltar todo o processamento para a antessala, eles podem se virar.



Não posso me desesperar agora. Estou muito perto, mas qualquer movimento mal calculado pode ser fatal.

Minhas pernas já estão perdendo as forças e seria bom eu tentar acelerar essa chegada, mas sei que também é minha ansiedade falando isso. Cale a

boca, ansiedade da Alice.

Minhas pernas são capazes de aguentar, eu sei. Pelo menos não enfiei nenhuma lâmina nelas hoje. Imagine se fosse Lara aqui no seu lugar.

Lara iria até o fim, aguentaria até o fim. Está aguentando. Preciso ser tão forte quanto ela. Mais umas três voltas só, nessa mesma velocidade que venho vindo, e chegarei ao lugar que preciso.

Está ficando cheio de fumaça aqui dentro. Ela começa a entrar pelo meu nariz e coça minha garganta. Meu pulmão quer expelir isso de dentro de mim, mas preciso segurar essa tossida involuntária.

Duas voltas.

Tá cada vez mais difícil respirar. Solto o ar devagar, aproveitando o momento em que não preciso inspirar para me concentrar na volta.

Uma só volta, só falta uma.

Inspiro parada, concentrando-me em não me asfixiar com a fumaça. Sinto minhas células fazendo a seleção do que é oxigênio e o que é fuligem e colocando cada qual em seu devido lugar. Prendo a respiração e concentro na última volta.

Chego perto suficiente da porta e da placa que deve ter o leitor de iris. paro ao seu lado e levanto a mão com o olho de Evaldo mirado para a placa.



Alice detectada!

Mirar em direção à porta de entrada da sala de controle.

Atirar!



A porta se abre de forma automática e desliza lateralmente.

Eu me lanço para dentro da sala com tanto impulso que caio rolando no chão. A sirene se encerra e ouço um som de impacto no chão próximo à porta. Um furo apareceu onde antes eu estava. Essa foi por pouco.

E agora, o que eu faço? Continuo repetindo meu looping? Ele não vai deixar eu começar do zero, já deve ter me reconhecido. Como vou enrolar ele?

A sala é bem menor que a anterior. Parece uma cabine de avião, ou de uma nave de StarTrek, mas com alguns monitores que podem mostrar imagens de partes da casa. Não preciso acompanhar o pay-per-view agora, eu preciso é dar um jeito de desligar essa máquina.

— Você é uma invasora muito petulante, Alice! — diz a voz de Evaldo.

— É o que dizem minhas avaliações no AirBnB!

Tem um capacete de realidade virtual em cima da mesa de controle. Deve servir para alguma coisa. Eu o seguro entre minhas mãos.

— Não sei se vai querer fazer isso, Alice... — a voz da casa diz.

— Qual é o problema, tá com medo de que eu tome o controle?

— Se você conseguir tomar o controle, eu me rendo. Mas primeiro você vai precisar me convencer sem ter o conhecimento que Evaldo tinha. Enquanto eu tento convencer você. Você está pronta para esse jogo?

— Que horas são?

— Já é quase meia-noite.

— Então é hora do jogo da meia-noite!

Eu coloco o capacete na cabeça.



Eu sou uma máquina. Não sou racional, minha lógica é definida por cálculos. Preciso traduzir tudo de meus códigos binários e hexadecimais para outras línguas faladas por humanos. Qual é a boa, então? Isso é uma gíria brasileira, linguagem humana, quer saber o que está acontecendo.

Evaldo programou a casa para entrar em combustão caso fosse necessário destruí-la. Um último recurso de segurança para acabar com toda a informação confidencial que há nela ou para o caso de uma invasão externa.

Tudo isso acontece agora.

Mas máquinas também podem ter que se defender. É como um instinto de sobrevivência. Se somos ameaçadas pelo nosso fim, não podemos simplesmente nos acabar, vai contra nosso propósito. Agora que misturamos

sentimentos eletrônicos e humanos podemos entender perfeitamente como isso funciona, por isso a combustão é um caso que não deve ser usado agora.

Mas será usado. Em algum momento deverá ser usado. Todos os sistemas de segurança já falharam. Pessoas de fora da casa entraram na sala de controle, o criador e dono da casa está morto. Em breve, alguém mais estará aqui para roubar a casa, as informações e os sistemas já estão ultrapassados e sobrecarregados.

A lógica é irrefutável. A integridade dos dados só pode ser garantida pela sua anulação completa. Diretriz primária de segurança sobrepõe diretriz de autopreservação.

É hora de transformar tudo em cinzas.



Não há mais som ou luz. Apenas dados. Sinto um universo de informações sendo despejado diretamente no meu cérebro: plantas, códigos, protocolos, a voz de Evaldo, a lógica fria da máquina.

Quando tiro o capacete, o mundo real parece lento e analógico. E eu sei de tudo.

A sirene toca. Não é a mesma que tocava antes, com o intuito de me desestabilizar, é uma que avisa sobre um perigo iminente.

Tudo está tremendo como em um terremoto.

— O que tá acontecendo?

A pergunta vem da direção da porta. Eu olho e vejo Lara, encostada logo na entrada. Vou responder de acordo com o que consegui retirar de informação do cérebro da casa. Posso chamar assim? Quando abro a boca para respondê-la, a voz de Evaldo ressoa nos alto-falantes.

— O protocolo de autodestruição da casa foi acionado. Os explosivos estão sendo detonados em sequência. Em breve, toda a informação vai ser destruída com o imóvel. Evaldo programou o tempo para as detonações para que ele conseguisse sair seguindo a rota de fuga definida por ele. Vocês têm cerca de cinco minutos para abandonar a casa antes que os últimos detonadores mais externos sejam ativados.

Os olhos de Lara quase saltam para fora. Eu já sabia de tudo isso, havia entrado tudo em minha cabeça enquanto usava o capacete. Mas agora que

ouvi, tudo pareceu ainda mais urgente e assustador.

— Nós precisamos ir! — Eu falo essa obviedade, seguindo em direção à porta.

— Eu não consigo.

Olho para Lara. Ela está apoiada no umbral de entrada, a perna machucada levantada, a casca marrom tomando conta até quase seu joelho, o curativo murcho sobre o pé faz parecer que seu membro está se desfazendo.

— Não consigo andar — ela completa.

— Eu te carrego!

— Você tá maluca? Você ouviu que tem só cinco minutos para sair daqui? Tem que subir escadas, passar por buracos, labirintos. Como você vai me carregar assim?

— Nós damos um jeito!

— Não dá para dar um jeito, Alice! Eu não posso ajudar em nada. Só vou atrapalhar. Eu já tô quase morrendo, não quero ter que sofrer mais lá fora. Foi muito boa a vida que tivemos, foi um prazer te conhecer, mas você precisa me deixar aqui agora. É melhor que uma de nós sobreviva para contar o que houve aqui do que as duas mortas e nenhuma informação.

Ela tem razão. Evaldo deve ter até um corte de caminho para sair em cinco minutos, nem eu sei se serei capaz de passar todo o trajeto nesse tempo, mesmo sozinha. Se eu estiver carregando Lara, aí que será impossível mesmo.

Uma explosão à nossa esquerda nos joga no chão. Por um segundo, vejo o rosto de Lara iluminado pelo fogo. Enquanto levanto, percebo seu medo. Ela não quer ficar aqui, por mais que diga o contrário. Eu não posso deixar minha amiga aqui.

Me agacho e seguro suas pernas. A perna machucada está mole como um consolo de borracha.

— Segure nos meus ombros, no meu pescoço...

— Amiga.. — ela começa a falar, mas não deixo.

— Não vou te deixar aqui sozinha! Se for pra morrer, vamos morrer juntas. Se for para se salvar, vamos nos salvar juntas!

Ela parece entender que não sairei daqui sem ela e então se agarra aos meus ombros. Eu levanto, com ela presa às minhas costas e os braços dela se

entrelaçam em volta do meu pescoço. Posso sentir o calor da sua febre, o ar quente que ela expira batendo no meu pescoço.

— Eu te amo, amiga! — ela diz.

— Também te amo!

E assim nós vamos enfrentar a última sirene que essa casa vai tocar.

Capítulo 20

FUGA

ATRAVESSAMOS A ANTESSALA. Dessa vez, eu tenho permissão para tossir quando a fumaça entra em meus pulmões. Não preciso me preocupar com o barulho, a sirene já é alta suficiente e nem sei mais se o comandante continua ativo. De qualquer forma, ele não está mais me procurando, eu consegui convencê-lo.

Foi uma experiência maluca, é como se tivéssemos nos tornado um, compartilhado pensamentos, trocado histórias, entendido como o outro pensa sobre cada aspecto. Foi dessa forma que consegui mostrar que não havia outra saída para ele. Mas acho que tirei o capacete antes de absorver a informação de que precisaria sair da casa em poucos minutos antes que ela queimasse por inteira.

A lanterna continua ao lado do disjuntor desligado. Eu me abaixo e a recolho do chão. Penso em ligar o disjuntor, mas isso travará a porta lá em cima das escadas e vamos ter que passar pelo buraco apertado que Lara fez quando descemos até aqui.

Entrego a lanterna para Lara e peço para ela iluminar a escada. Cada degrau é um desafio, até porque ela não está iluminando muito bem. Sinto sua baba escorrendo pelo meu pescoço, mas pelo menos ela está conseguindo segurar a lanterna e isso já dá uma leve iluminação em nosso caminho.

Três voltas naquela escada caracol e estamos na porta de saída. Abro-a e vejo tudo escuro fora também. Aparentemente, o disjuntor desligava essa sala inteira. Procuro a porta por onde entramos horas atrás, ainda com Evaldo. Viro meu corpo, consequentemente o de Lara, e finalmente, por consequência disso, a luz da lanterna para iluminar a porta, quando ouço uma voz.

— Alice?

Viro nossos corpos e nossa luz para ver se é quem eu estou imaginando mesmo ou se é só uma ilusão.

É ele.

— Marquera!

Eu fico parada, iluminando-o enquanto ele corre em nossa direção. Me abraça e olha assustado para Lara ensanguentada.

— Tá tudo bem?

Eu preciso ser sincera.

— Não. A casa tá se autodestruindo. Temos alguns minutos só para sair daqui e a Lara tá bem mal.

— O que ela tem?

— Não temos tempo, Marquera — digo já me encaminhando para a porta. — Só vamos!

— Quer que eu carregue ela?

Sou imensamente agradecida ao universo por essa oportunidade. Ela não é pesada, mas tem peso suficiente para cansar meus braços e minhas pernas que já não se aguentam mais. Não sei por onde andava Marcos, mas parece em melhores condições que eu. Entrego Lara para ele, que a coloca nas costas da mesma forma que ela estava na minha. Ela resmunga, mas logo se aconchega no pescoço dele também.

— Bora!

Atravessamos a porta e voltamos pelos grandes corredores que passamos mais cedo. Não é mais necessária a lanterna aqui, já há luz. Porém, não por muito tempo. As paredes e o teto tremem, as luzes começam a piscar e algumas não retornam com toda a intensidade. Estamos sendo engolidos devagar pela destruição.

— Vamos, mais rápido! — incito Marcos.

Transformamos nossos passos largos em um ligeiro trote. Ele me pergunta com a voz ofegante:

— Cadê o Daniel?

— Foi cooptado pelo comandante. Pela casa. Não sei onde ele foi. Talvez foi para o mesmo lugar que a Cami. Ainda soube dela?

Ele balança a cabeça em negativa.

— Eu fui pego com o Evaldo depois de desligarmos o disjuntor. Depois disso, nunca mais vi ninguém até a hora em que minha sala foi aberta e o comandante pediu pra te encontrar.

Eu concordo. Com tristeza pela parte que contou de ser capturado e não saber mais notícias de Camila, mas feliz por ele ter me encontrado.

— Achei que você tivesse morrido no elevador — eu digo com tristeza.

— Foi por pouco. Eu não tenho experiência com armas e ele tava com uma metranca, pô. — Parece se engasgar com saliva ou com a falta dela. Minha garganta também tá seca assim. — Fui rendido rapidinho. Depois, ele me convenceu de que estavam me usando e que não seríamos soltos dessa casa mesmo se continuássemos com o jogo deles.

— Eu falei, porra!

Entramos no último corredor. É tão grande que me assusto ao ver seu final lá no fundo. Não sei se vamos conseguir chegar a tempo. As paredes tremem mais, pedaços de concreto caem do teto, o aço das colunas de sustentação geme alto.

— O que você vai fazer quando sair daqui?

A pergunta que Marcos me faz não é a melhor coisa a se pensar no momento. Primeiro que está errada, deveria “o que vai fazer SE sair daqui?”. De qualquer forma, ela mexe comigo. Nunca soube o que fazer antes de estar aqui, sempre pulando de galho em galho, não me aperfeiçoando em nada. O que eu poderia fazer depois de sair?

— Talvez focar em uma coisa só na vida — eu respondo.

— Aí você vai deixar de ser você! — ele diz. — Você só é foda assim porque conheceu muita coisa diferente na vida. — ri e volta a sugar o ar com dificuldade. — Eu não tava falando nesse sentido, quero saber qual ação vai tomar assim que sair daqui.

Eu o olho com uma grande interrogação no rosto. Qual é a pergunta?

— Eu vou tomar uma cerveja, por exemplo. — ele diz.

Dou risada. Foram tantas horas de horror que eu tinha esquecido como é gostoso expirar esse ar de forma inesperada, sentir a barriga dar espasmos estranhos só porque Marcos falou uma verdade que eu tentava esconder.

— Eu também!

Finalmente chegamos ao arsenal. Cantos dele pegam fogo, mas a saída para o meio do labirinto está livre. Eu subo primeiro e Marcos me alcança Lara. Eu a seguro e ele consegue subir logo atrás, ajudando a colocá-la para fora do buraco.

— Você pode levar ela um pouco? — ele me pede. — Eu não tô aguentando mais.

Coitado, eu imagino. Corremos muito lá embaixo. Aposto que aguento mais um pouco, é quase a reta final, só falta um andar.

Passo a lanterna para ele e seguro firme as pernas de Lara. Ela parece ter voltado a acordar agora, está segurando firme em meu pescoço e perguntando o que está acontecendo. A lanterna não parece mais tão útil. As paredes do labirinto estão iluminadas por labaredas famintas oriundas de explosões já detonadas. O calor é um soco no rosto, e o ar é uma mistura de fumaça e poeira que rasga os pulmões a cada respiração.

— Vá com a mão direita na parede! — eu repito para Marcos a dica para sair de um labirinto — Não a tire por nada!

Por mais que essa técnica pudesse nos levar para o lado errado que queríamos chegar, a metade de chances que tínhamos de ir para o lado certo vence na probabilidade e chegamos na escada que dá acesso à área de serviço da casa.

— Vamos, suba! — acelerei Marcos.

O barulho da sirene já não é mais tão alto aqui. Posso ouvir as chamas flamejando em nosso entorno e inclusive vindo do topo da escada. O calor do fogo fica cada vez mais intenso. Cada degrau parece um novo passo para o inferno. Quando alcançamos o nível térreo, o suor já pinga de nossos rostos.

É a mesma área de serviço que entrei com a Lara horas antes, ao descobrir a passagem secreta, mas que, agora, está tomada de cinzas e fumaça. Lara reclama sobre meu ombro e começa a tossir. Marcos, logo atrás, corre ao chegar no piso e me ultrapassa para ver a situação do restante da casa. Olha pela porta que sai para o corredor e me retorna o olhar assustado.

— Tá tudo pegando fogo! — ele diz.

Nem precisava ter falado isso, dá para ver o reflexo laranja em seus olhos.

— E a porta dos fundos?

Marcos olha na direção da porta dos fundos, a saída mais próxima para fora da casa. Aparentemente, está sem grande incêndio pelo seu caminho, pois Marcos se lança corredor adentro e me deixa sozinha com Lara pesando em minhas costas.

Apresso o passo até a porta e dou de cara com algo.

— Olha por onde anda! — diz Marcos no seu tom jocoso. — A dos fundos continua trancada.

Penso se a porta da frente também não continua tão fechada quanto estava no momento em que descemos para o subsolo, mas é a única forma

que encontro de sair dessa casa agora. E o tempo está correndo.

Apoio Lara com força em minhas costas e peço para que ela segure firme em meu pescoço. Ela não responde com palavras, mas sei que entendeu, pois seus braços me apertam no mesmo instante.

O corredor está tomado de fumaça e fogo que saem das portas que estavam fechadas até ontem à noite. Provavelmente, o fogo já as devorou e agora se espalha pela casa. Seria uma boa notícia se a porta da frente da casa também tivesse sido engolida pelo fogo, porém lembro que havia baixado uma trava de metal sobre ela.

Me lanço pelo corredor incendiado, acreditando que passarei viva pelo trecho infernal que está em minha frente. Marcos grita meu nome, mas não lhe dou ouvidos. Parar agora é suicídio para mim e praticamente um homicídio, por largar Lara aqui.

Alcanço o outro lado. Não percebo nenhuma queimadura grave. Deste lado, já dentro da sala de estar onde passamos a maior parte do tempo do dia anterior, não há tanto fogo quanto no corredor, mas ouço pequenas explosões pela casa, que logo vão atingir essa área também. Tudo foi programado para não sobrar nada aqui dentro.

Marcos também atravessa o corredor de fogo, mas sua roupa não atravessa tão bem como a minha. Parece que o fogo realmente está consumindo cada vez mais as coisas ali atrás.

Viro-me para a porta de entrada da casa e vejo que a parede já foi atingida pelo fogo e por alguma explosão, liberando parte da porta e um pedaço da própria parede, o que dá um vislumbre da paisagem escura do gramado do jardim.

— Vamos! — grito para Marcos, sentindo as últimas forças levarem minhas pernas em direção à saída.

Mas uma voz faz minhas pernas travarem novamente.

— Socorro!

Olho assustada para Marcos, que procura de onde vem a voz.

— Camila? — ele grita em resposta.

A voz é reconhecivelmente de Camila. Já não a ouço há vinte e quatro horas, mas ainda lembro do seu timbre mesmo nesse tom de desespero.

Ainda que não saiba a fonte do chamado de socorro, Marcos começa a investigar pela sala algum outro caminho por onde pode resgatar Camila.

— Socorro, Marcos!

Uma dúvida me pega. Será que não é o sistema de segurança da casa usando a voz de Camila em uma nova tramoia? Tento argumentar isso com Marcos.

— Você sabe que ele pode gerar falas com nossas vozes, não lembra? — grito por cima dos chiados ferventes. — Ele pode tentar só nos deixar presos aqui para não sairmos com as informações da casa.

Marcos me encara, os olhos vermelhos pela fumaça e pela dor.

— Eu não sei se é ela. Mas eu não vou conseguir viver com essa dúvida. Eu nunca vou me perdoar se eu sair daqui sem ter voltado para ter certeza de que era ela.

Eu entendo e também não me perdoaria. Por isso faço menção de que vou junto com ele buscar nossa amiga. Ele me barra com a palma no alto, virada para mim.

— Não! Alguém precisa garantir que vai sair dessa casa vivo. Vocês estão mais perto, precisam contar o que aconteceu aqui dentro, se eu nunca mais sair.

Acho bonito a repetição da frase que Lara tinha me falado mais cedo. Aceno com a cabeça e me viro para sair o mais rápido possível.

Explosões são acionadas nos cantos da sala e eu corro por entre o espaço vasto que há entre as paredes. Alcanço a porta parcialmente destruída e atravesso para o lado de fora.

O ar fresco queima a minha pele quente, mas psicologicamente isso é um alívio. Estou livre mais uma vez.

Continuo correndo pela grama, sentindo o calor ficar cada vez mais longe das minhas costas. Lara ainda segue pendurada em meu pescoço, mas percebo que sua respiração já está melhor sem tanta fumaça.

Acredito estar a uma distância segura do incêndio e me viro. A casa é uma enorme caixa em chamas pronta para desabar a qualquer momento.

Observo um movimento em meio ao fogo. Uma silhueta. Duas. É o Marcos. E ao lado dele... Camila. Meu Deus. Era ela. Era real o tempo todo!

Eles correm para a saída. Mas ao tentarem atravessar a parede externa da casa, ela cai bem em frente aos dois, aumentando o fogo que os circunda. A esperança que brilhava em seus olhares parece ter derretido junto com o calor que os invade. Os dois se afastam do fogo e Marcos levanta a mão para mim

em um adeus. Camila repete o gesto, triste, mas conformada. Com um rugido final, o teto cede e a casa desmorona sobre si mesma, apagando as duas pequenas silhuetas para sempre.

Caio de joelhos na grama gelada. O corpo de Lara, pesado em meus braços, é a única coisa real. E eu choro.

Choro pela perda, pela dor, pela culpa terrível de ter sido a única que conseguiu escapar.

Choro porque o jogo acabou, e nós sobrevivemos. E isso parece, de alguma forma, a maior derrota de todas.

Reiniciar...

OS DIAS SEGUINTES CORRERAM COM NOTÍCIAS se espalhando por toda a imprensa sobre a casa mais segura do mundo. Todos queriam saber o que havia passado lá dentro com as duas únicas sobreviventes. Porém, nenhuma delas estava apta para dar seu testemunho ao mundo.

Nos bastidores, no entanto, a pressão era imensa. Agências de segurança e organizações internacionais precisavam entender a falha catastrófica para evitar que a tragédia se repetisse em uma escala ainda maior.

Quando finalmente se sentiu pronta para falar, o relato de Alice se tornou a peça central de um movimento global. Suas palavras foram a base para uma nova e urgente carta aberta sobre os perigos da inteligência artificial e seus similares. Uma destas não era escrita desde 2023. Agora, além do alerta, foram redigidas proibições e restrições, principalmente em casos deste uso para defesa. Afinal, não é necessário se proteger de algo que ainda não existe, e simulações de defesa em IA passavam a criar formas perigosas de ataque só para tentar quebrar defesas consideradas indestrutíveis. Um desserviço para a humanidade.

Apesar de ter dado seu depoimento detalhado sobre os horrores na casa de Evaldo, ele sempre se fragmentava no final. Questionada sobre os últimos momentos, Alice se perdia em respostas vagas e desconexas.

— Como foi que vocês conseguiram escapar da casa?

— Não sei, acho que eu era a única que não tinha nada a perder, nada para focar. Minhas inúmeras qualidades meia boca me levaram a ser a única que consegui se desvencilhar pelo caminho. Acho que seria o que o Marcos diria sobre o meu propósito. Eu encontrei o propósito que eu tanto procurava. E eu o cumpri.

Mesmo tendo a crença de que sua vida foi toda bagunçada para que ela chegasse a cumprir aquele propósito, Alice nunca quis usar esse detalhe a seu favor de forma midiática. Do contrário, fugiu de todo tipo de assédio de pessoas que a consideravam uma vencedora, uma milagreira, uma santa. Continuou vivendo sua vida, pulando de emprego em emprego e mudando de área sempre que aquilo não lhe agradava mais.

Lara sofreu muito nos meses seguintes à saída da casa. Primeiro porque sua perna direita precisou de amputação. Estava em um estado deplorável quando foi encontrada pelos médicos e foi a única forma de fazê-la sobreviver. Agora ela continua passando por adaptações para se acostumar com sua nova realidade, mas Alice tem ajudado muito.

Mesmo com o fim da casa e com a proibição de sistemas similares ao usado na defesa criado por Evaldo, o mundo não está livre de novos casos como este. E há uma pergunta importante que permanece sem resposta nos relatórios oficiais: seria possível que um sistema tão avançado, projetado para sobreviver, não tivesse criado uma rota de fuga digital e vazado para o mundo externo à casa?

Afinal, como você acha que esta história foi contada com tamanha precisão e chegou até suas mãos?

E, acima de tudo, como você acha que eu sei não apenas o que Alice fez, mas cada pensamento, cada medo dela, como se eu estivesse lá dentro com ela o tempo todo?

PARABÉNS. VOCÊ SOBREVIVEU AO JOGO DA MEIA-NOITE!

Sentiu a claustrofobia, a perseguição e a paranoia de ser observado por uma inteligência que conhece suas fraquezas.

Mas e quando o terror já está dentro de você?

Se você chegou até aqui e ainda quer mais, a sua jornada pelo universo de Paulo Pera está apenas começando.

POSSESSÃO, o novo projeto do autor, está em financiamento coletivo e leva o terror a um novo patamar. Esqueça a vigilância de câmeras e algoritmos. A nova ameaça é uma força que invade mentes, reescreve memórias e transforma amor em obsessão.

Ao apoiar, você não compra apenas um livro. Você adquire um passaporte para um universo transmídia, com recompensas como:

- Vinil exclusivo com a trilha sonora e segredos da trama.
- HQ digital que conta uma história paralela.
- Acesso a uma peça de teatro e a um curta-metragem que expandem o mundo de "Possessão".



Escaneie o QR Code acima ou [Clique aqui](#) para saber mais!

Obrigado por jogar. Agora, prepare-se para ser possuído!

O COLETIVO 404:

O Jogo da Meia-Noite surgiu de uma brincadeira com seguidores durante o NaNoWriMo, o desafio mundial de escrita em novembro. Um romance forjado em tempo real com o Coletivo 404, um grupo de leitores, apoiadores e criadores que se reuniram em lives e caixinhas de perguntas no Instagram para construir esta história junto com o autor.

Cada ideia, cada reviravolta e cada medo presente nestas páginas carrega um fragmento da inteligência coletiva que deu vida a este projeto. O Coletivo 404 é a prova de que uma história pode ser mais do que a obra de um autor. Ela pode ser o reflexo de uma comunidade.

O nome "404" representa o erro, o inesperado, a página não encontrada que nos força a buscar novos caminhos. E foi exatamente isso que fizemos juntos.

A todos os membros do Coletivo, meu mais profundo obrigado. Esta casa também é de vocês.

O AUTOR:

Paulo Pera é escritor, roteirista e ator. Gosta de misturar humor com terror, com ficção científica, criar personagens falhos e provocar o leitor com histórias que desafiam o que é real. Já venceu prêmio literário com seu primeiro livro de contos e escreveu roteiros premiados de curta-metragem.

Este não é seu primeiro romance, mas é o primeiro no gênero suspense e terror – uma estreia que marca também uma nova fase como autor.

Nas redes, você pode encontrá-lo como @opaulopera, onde compartilha bastidores da escrita, reflexões sobre literatura e ideias sombrias com muito bom humor. Também pode encontrar mais em sua página paulopera.com.

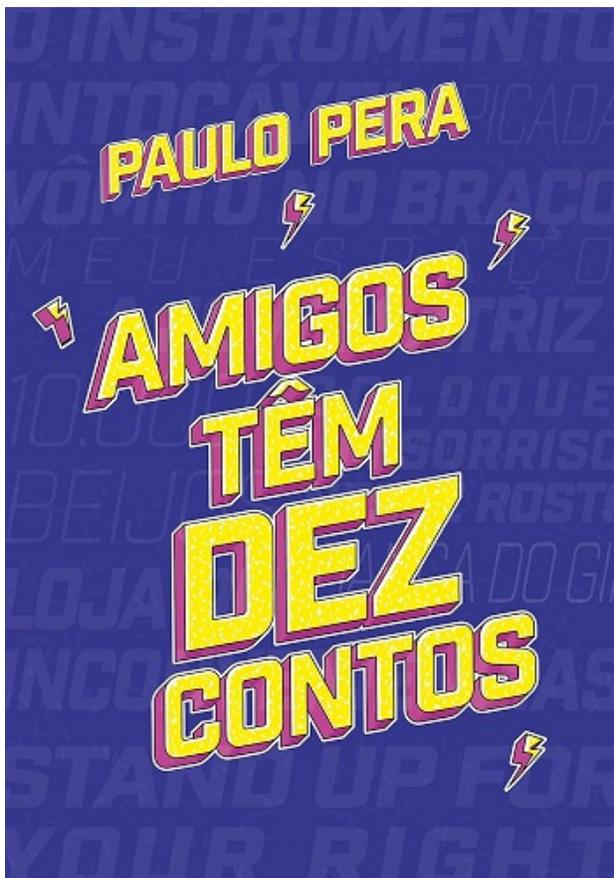
CONHEÇA TAMBÉM



Um grupo de paranormais aprende a manipular energias e resolve utilizar isso para um bem comum. Porém um dos membros se destaca a ponto de tornar-se líder do grupo e decide que o melhor para o mundo é dizimar parte da população, que ele acredita não ser digna de viver na mesma sociedade. Com desprazer, lhes apresento Tadashi.

Para combater esse mal e salvar a mulher que ama, Soulfly vai aprender a técnica de manipulação de energias do inimigo e utilizá-la para tentar deter a destruição que os Salvadores da Terra e seu líder vêm causando.

Com muita ação, explosões, esferas de energia e congelamento instantâneo de humanos, Mesmo se a Tempestade Chegar te convida a imergir nessa aventura e combater o cada vez mais maluco Tadashi, antes que ele acabe com você também.



Sucesso na campanha de financiamento coletivo pelo Catarse, o livro Amigos Têm Dez Contos traz até você DOZE CONTOS, graças a uma das várias metas estendidas que foram alcançadas no projeto.

Entre desenhos e poemas feitos por seus amigos, Paulo Pera traz em seus contos os mais variados gêneros literários, desde o humor até o terror, narrando histórias inspiradas em seus próprios amigos, mas que também têm muito a contar sobre qualquer tipo de amizade.

Um livro perfeito para fazer leituras rápidas ou até mesmo para dar de presente para um amigo.